

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. D. I. B. O. A — TELEX. 1363REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, LEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

JOHNSON AINDA INTERESSADO NA REUNIÃO DE ALTO NÍVEL COM DIRIGENTES SOVIÉTICOS

WASHINGTON, 5 — (A. N. I.) — A Casa Branca admitiu ontem que o presidente Johnson ainda alimenta a ideia de uma reunião de alto nível com a U. R. S. S., apesar da actual situação na

Checoslováquia.

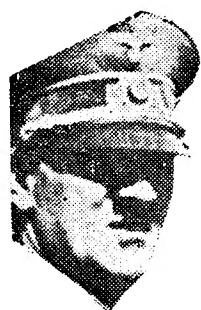
Johnson esteve ontem reunido com o Conselho Nacional de Segurança, mas os seus adjuntos para a Imprensa apenas declararam que

se «tinha passado em revista as perturbações registadas em várias regiões».

Parece que o assunto da reunião com a U. R. S. S. voltou a ser debatido pelo Conselho. Sabe-se que Johnson vai receber hoje Lewilyn Thompson, embaixador norte-americano na União Soviética.

A Casa Branca nada revelou sobre o assunto, embora afirme que o presidente não pôs de lado a ideia da reunião de alto nível com a U. R. S. S.

● O encontro vai realizar-se num terceiro país? (Pág. 15)



A grande mistificação do sucessor de Hitler

Crônicas de ATTICUS

Um dos aspectos mais importantes dos últimos e conturbados dias do III Reich é historiado, pelo nosso colaborador ATTICUS, numa série de crônicas cuja publicação começamos hoje na página 11. Subordinadas ao título genérico «A grande mistificação do sucessor de Hitler», as crônicas relatam todo o imbróglio criado por Bormann, o qual levou à nomeação do almirante Doenitz para suceder a Hitler.



A RESISTÊNCIA CHECA TORNA-SE MAIS SUBTIL

PRAGA, 5 — (Por Lionel Walsh, da R.) — Embora os checoslovacos continuem a manifestar, de forma subtil, a sua resistência e desafio em relação às tropas estrangeiras, deixaram quase de registar-se discussões acaloradas entre civis e soldados russos, a quem os checos procuravam convencer a regressar ao seu país.

No conjunto, a situação é agora muito diferente da que se verificou nos primeiros dias da invasão, quando jovens checoslovacos tentaram incendiar tanques, e os soldados soviéticos disparavam as suas metralhadoras.

Alguns dos soldados russos acamados nos parques de Praga ou empoleirados nos tanques, em ruas

secundárias, chegam mesmo ao ponto de lamentar a invasão e muitos procuram a todo o custo fazer amigos entre a população civil.

APROXIMAÇÃO HUMANA

Apesar desta gradual aproximação humana, os checos continuam firmemente a apoiar a política de Alexandre Dubcek e a defender o seu programa de reformas liberais que vigorou até ao mês passado. Aparentemente, os checos procuram conservar aquilo que puderem dessa liberalização, que desfrutaram durante sete meses.

A resistência checa tornou-se menos evidente do que era ainda há uma semana, com marchas de protesto, panfletos e estribilhos nas paredes.

Um exemplo dessa resistência mais subtil foi presenciado hoje. Num cruzamento um automóvel militar soviético tentou passar sem

dar prioridade aos que vinham da direita. Um polícia checoslovaco mandou-o parar com um gesto im-

(Continua na última página)

A JUGOSLÁVIA PERDEU AS ILUSÕES

— DIZ ZUPANCIC

BELGRADO, 5. — (R.) — A Jugoslávia perdeu todas as ilusões em consequência da invasão da Checoslováquia e deve estar preparada para defender a sua independência — declarou Beno Zupancic, secretário-geral da Aliança Socialista.

Falando ontem à noite perante a comissão executiva daquele agrupamento de coligação governamental, Zupancic recordou que os ataques feitos à Jugoslávia na imprensa de outros países socialistas assemelhavam-se trágicamente aqueles que foram feitos contra a Checoslováquia antes da invasão.

«Já não temos quaisquer ilusões. Antes de mais nada e acima de tudo, devemos estar preparados para defender a nossa independência em qualquer eventualidade», declarou o secretário-geral, segundo a agência noticiosa Tanjug.

Depois de ter pedido a retirada imediata das tropas estrangeiras da Checoslováquia e o respeito pela soberania daquele país, Zupancic disse que estão a ser feitas tentativas para legalizar o direito de intervenção, «invocando os superiores interesses do socialismo».

«Nesse ponto, não poderemos nunca concordar com a União Soviética ou com qualquer outra potência do Mundo» — declarou.

Segundo Zupancic uma campanha antijugoslava foi desencadeada por cinco países do Pacto de Varsóvia desde que os comunistas jugoslavos denunciaram a invasão.



Uma mulher transportando uma criança chora convulsivamente. A paisagem desoladora que a rodeia é constituída pelas ruínas da aldeia de Kakhk, arrasada pelo terramoto que afectou a região nordeste da Pérsia

A CATÁSTROFE NA PÉRSIA

O xá e a imperatriz recebidos com súplicas e gritos de angústia

TEHERÃO, 5 — (R.) — Gritos de angústia e súplicas do povo, que pedia «dêem-nos os nossos lares», foram as saudações com que as vítimas dos sismos que causaram o luto e a dor numa vasta região da Pérsia receberam o xá e a imperatriz Farah, enquanto os soberanos caminhavam sobre os escombros a que ficou reduzida uma comunidade.

(Continua na última página)

CHEGARAM A NOVO AERÓDROMO EM BIAFRA OS PRIMEIROS AVIÕES DA CRUZ VERMELHA

UMUHAIA (Biafra), 5 — (F. P.) — Pela primeira vez, dois aviões da Cruz Vermelha, carregados de viveres e de medicamentos para as vítimas da guerra em Biafra, aterraram a noite passada no novo aeródromo neutro que o C. C. C. V. mandou construir. Os seis aviões de que a Comissão Internacional da Cruz Vermelha dispõe agora em Fernando Pó deveriam ter efectuado todos a ligação, criando assim uma verdadeira «ponte aérea». Em consequência, porém, do mau tempo, só dois aparelhos puderam aterrar.

Além disso, após a segunda aterragem, uma avaria da electricidade extinguiu as luzes da pista e um terceiro aparelho, que se preparava para descer, teve de voltar para trás.

O primeiro avião, um quadrimotor «Hercules», transportou dois «jeeps» da Cruz Vermelha e equipamento para o aeródromo. Um segundo, um «DC-6», trouxe peixe seco, leite e medicamentos.



O chefe da delegação do Vietnam do Norte às conversações de Paris, Xuan Thuy (à direita), com o encarregado de Negócios chinês, Yi Su-Chih, durante uma recepção comemorativa do vigésimo terceiro aniversário da Republica Democrática do Vietnam

HOJE — 32 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

CONGRESSO DE ANESTESIOLOGIA

Na sessão de encerramento do Congresso Luso-Brasileiro de Anestesiologia, cuja mesa de honra foi presidida pelo prof. Lima Basto, em nome da Sociedade das Ciências Médicas, e pelos drs. Ney Santos e Renato Ribeiro (Brasil); Alfredo Arias (Madrid) e Lopes Soares, Manuel Silva Araújo e João de Castro (Portugal), falaram, sucessivamente, todos unânimes em se congratularem com os bons resultados do Congresso e a agradecerem a hospitalidade recebida, o dr. Renato Ribeiro, em nome dos cem delegados brasileiros; o dr. Alfredo Arias, em representação dos congressistas estrangeiros; e o prof. Papper, presidente da Associação Norte-Americana de Anestesiologia.

Falou, depois, o dr. João de Castro, secretário da Comissão Organizadora do Congresso, que leu um relatório dando conta dos trabalhos realizados e congratulou-se com o alto nível científico e internacional do Congresso. O prof. Lima Basto salientou a importância da reunião e os resultados alcançados. E, a encerrar a sessão, o dr. Ney Santos disse algumas palavras de agradecimento a todos os congressistas pelo trabalho produzido.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. dr. Mota Velga, ministro de Estado, na qualidade de presidente da Comissão Nacional do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, e prof. dr. Lopes de Almeida e demais individualidades da Comissão Executiva que foram oferecer-lhe a medalha mandada cunhar para assinalar as comemorações do mesmo centenário; eng.º José Machado Vaz, ministro das Obras Públicas; prof. eng.º Leite Pinto, chanceler das Ordens de Mérito Civil; dr. Manuel dos Santos Lousada, governador civil do distrito de Aveiro, e presidente, vice-presidente e vereadores da Câmara Municipal de Espinho, para entrega da medalha de ouro de cidadã honorária.

FORÇAS ARMADAS

O ministro do Exército recebeu quinze militares galardoados por feitos em campanha, os quais felicitou. Aqueles elementos das Forças Armadas encontram-se entre nós, por terem sido distinguidos com os Prémios Governadores.

VIAÇÃO PERIGOSA

Junto da praia de Albarquel, próximo de Setúbal, ocorreu um aparatoso e trágico desastre: uma camioneta deu um salto de 60 metros para o fundo de um barranco marginal do rio Sado. Morreu o ajudante de motorista João de Jesus, «O Carvalheira», de 29 anos, solteiro, natural de Pinhal Novo, e ficou ferido o condutor, Duarte Conceição Celestino, de 35, casado, residente na Quinta do Anjo. Na estrada de Lisboa para Alenquer, numa curva, despiçou-se o carro conduzido pela sr.ª D. Maria Guilhermina Moura Reis, de 30 anos, casada, de Coimbra, a qual foi projectada a distância, ficando muito ferida. No Porto, ao tentar fazer uma ultrapassagem, um automóvel conduzido pelo sr. dr. Damião Martins Menezes Veloso Ferreira foi embater num eléctrico, tendo aquele advogado recebido diversos ferimentos, pelo que foi internado. Na Cruz Quebrada, ficou enlaidado entre um eléctrico e o muro do Parque Mira Torres o sergente de pedreiro sr. Francisco Bernardo Vilalva, de 40 anos, de Évora, o qual, a seguir, foi projectado contra um automóvel, tendo ficado gravemente ferido.

PÁRA-QUEDISTAS GALARDOADOS

Distinguidos com o Prémio Governador-Geral de Moçambique, chegaram a Lisboa, a bordo do «Vera Cruz», os soldados pára-quedistas Leonel Martins Vieira da Costa e Orlando Almeida Cardoso, do Batalhão de Caçadores Pára-Quedistas n.º 31, os quais foram recebidos pelo secretário de Estado da Aeronáutica.

CASAMENTO ISLÂMICO

Pela primeira vez na Comunidade Islâmica de Lisboa foi celebrado um casamento. A cerimónia uniu dois associados da recém-criada Comunidade: Katiya Ismael Amad Abá e Abdurrahman Hafez Mahomed Ebrahim — ambos nascidos em Moçambique. Presentes o embaixador do Paquistão, sr. H. R. Choudhury, o consul da Turquia e representantes de diversas comunidades islâmicas ultramarinas e estrangeiras. Finda a cerimónia, cumpriu-se um velho costume: a distribuição de rebuçados. E depois de o dr. Valy Mamede ter realçado o significado daquele primeiro casamento celebrado na sede da Comunidade Islâmica de Lisboa, foi servido um beberete num dos restaurantes da capital.

Constituído o júri do Festival da Canção do Rio de Janeiro

Está constituído o júri internacional que, no Rio de Janeiro, vai examinar as melodias concorrentes ao «Festival Internacional de Música Popular» que, pela terceira vez, se efectua no Estado da Guanabara.

O veredicto será proferido pelas seguintes individualidades: Leonard Bernstein (Estados Unidos da América do Norte), Sérgio Endrigo (Itália), Les Reed (Inglaterra), Jaime Atria (Chile), Geo Coumard (Suíça), Lola Flores (Espanha), Oliveira Vucó (Jugoslávia), Lalo Schiffrin (Argentina), C. Weiland (Alemanha), Sérgio Mendes (Brasil) e a portuguesa Cidália Meireles.

«Estrelas» dos tablados radiofónicos estarão presentes no Maracanãzinho: casos de François Hardy, Paul Anka, Chico Buarque de Hollanda, Tom Jobim, Jair Rodrigues, Anita Harris, Carmen Sevilha e Liesbeth List.

Madalena Iglésias será uma das trinta e duas intérpretes das composições remetidas ao certame: após Simone de Oliveira e o Duo Ouro Negro, Madalena é a representante da música ligeira portuguesa nesse importante concurso artístico.

Atropelamento mortal

POMBAL, 5 — No lugar dos Matos da Rinha, freguesia de Vermoim, deste concelho, um automóvel conduzido pelo seu proprietário, sr. Júlio Mendes da Ponte, casado, comerciante, residente em Vermoim, atropelou a sr.ª D. Maria de Jesus, de 50 anos, natural e residente no lugar dos Matos da Rinha.

Transportada ao hospital da Misericórdia desta vila, a infeliz senhora faleceu pouco depois.

Ora diga-nos...

— Que sentiu quando viajou pela primeira vez de avião?

Aeroporto. Grande excitação pelas constantes idas e vindas dos VIPS («very important persons») que a cidade tem recebido. Para eles, viajar de avião é trivial. Para outros, um acontecimento.



● **João Paulo Dinis** conta 19 anos e é locutor do Rádio Peninsular. Estou na Portela em reportagem!

— Andei de avião, pela primeira vez, no dia 1 de Abril do ano passado. E não foi mentira...

— Que sensação experimentou?

— Bem... Descon-

atendendo quem viajou ou vai viajar de avião.

— ... sempre é gente mais delicada que a «clientela» normal das estações vulgares dos C. T. T. São turistas. Vem de passagem...

● **João Paulo Dinis** conta 19 anos e é locutor do Rádio Peninsular. Estou na Portela em reportagem!

— Andei de avião, pela primeira vez, no dia 1 de Abril do ano passado. E não foi mentira...

— Que sensação experimentou?

— Bem... Descon-

tracção absoluta. Não tive qualquer receio... e gostei muito do sumo de laranja. E acho estupendo quando transmitem boa música a bordo.



● **Maria Antónia Latino**, de 33 anos, é hospedeira de terra da «Lufthansa».

— Andei de avião, pela primeira vez, aos 17 anos.

— Medo?

— Não. Ia estudar para um colégio, na Suíça. A excitação desta novidade nem me deixou ter medo.

— E depois?

— Já tenho mais de 20 viagens aéreas.



na
construção
civil

a qualidade de uma tinta também se pode avaliar pela maior duração da sua cor.

SOTINCO® mercê da experiência acumulada oferece tintas com alto poder de resistência aos meios ambientes mais diversos.

SOTINCO dará ainda a cada problema de pintura a solução técnico-económica mais adequada.



PRESTÍGIO E QUALIDADE

SOTINCO — SOCIEDADE FABRIL DE TINTAS DE CONSTRUÇÃO — TINCO S.A.R.L.
FABRICAS NO BARREIRO • SEDE AV. D. CARLOS I, N.º 42 • LISBOA 2

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

Inscrições nas secretarias, das 9,30 às 24 horas

Externatos:

- Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904-863232 (agora, com ampliação e remodelação das suas instalações, incluindo modernos e bem apetrechados laboratórios).
- Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) Tel. 834658-831416.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que amanhã, sexta-feira, dia 6, e depois de amanhã, sábado, dia 7, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservados para LANCHES DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

AMÁLIA CANTOU NA FEIRA DE CANTANHEDE

CANTANHEDE, 5. — O programa da noite de ontem da IV Feira de S. Mateus, em Cantanhede, foi totalmente preenchido por um espectáculo de variedades em que actuou Amália Rodrigues acompanhada pelos seus guitarristas privados.

Amália foi recebida pela comissão executiva da Feira e pela direcção dos Bombeiros Voluntários, na sede desta associação, onde foi descerrada uma lápida comemorativa da sua visita a esta vila. Deu as boas-vindas a conhecida artista o presidente da comissão e da Câmara Municipal, sr. dr. Santos Silva. Entre as inúmeras pessoas que assistiram a esta cerimónia, estava o sr. Manuel Angelo Vaz Monteiro Correia, comandante dos bombeiros de Luanda e vogal do Conselho Permanente dos Bombeiros Voluntários de Angola.

Cantando ao ar livre, no recinto da Feira, Amália foi delirantemente aplaudida por milhares de pessoas. No final, solicitada pelo público, a grande fadista foi de uma simpatia ilimitada, concedendo centenas de autógrafos.

O programa foi variado e exaustivo: Amália não se cansou de cantar e teve como «cachet» apenas 25 contos.

Quem conhece o surdo-mudo?

Encontra-se internado no Albergue da Mitra, um indivíduo surdo-mudo que, conforme o seu bilhete de identidade, se chama Aurélio Rodrigues da Silva, de 29 anos, solteiro, filho de Virgílio Joaquim da Silva e de Alzira Rodrigues da Silva, natural de São João de Louze, concelho de Albergaria-a-Velha.

Como se trata de um indivíduo que nada consegue esclarecer acerca dos seus antecedentes, dar indicação dos pais, ou da existência de quaisquer familiares ou pessoas das suas relações, a direcção do Albergue solicita a quem porventura o conheça a favor de entrar em contacto, através do telefone 381249.

NECROLOGIA

FUNERAIS

Comendador Gastão Mendes Barata

Para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres, saiu esta manhã, da igreja do Santo Condestável, o corpo do sr. comendador Gastão Mendes Barata, que, pelas 10 e 30 fora trasladado da sua residência — onde faleceu — Rua Saraiva de Carvalho, 182. Assistiram ao acto muitas pessoas de várias categorias sociais. Pelas 11 e 15, foi celebrada missa de corpo presente, no altar-mor do referido templo. Officiou o rev. padre Mário Cunha. Igualmente estiveram presentes numerosas pessoas, além dos familiares do extinto.

AGENCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 40 22

NA TRAVESSA DA ESPERA...

A Travessa da Espera — até pelo seu nome — é uma das mais características artérias do Bairro Alto...

Logo ao princípio, em frente das oficinas da mais categorizada joalharia portuguesa, existe, há dezenas de anos, um restaurante de aparência modesta e de nome aparentemente agressivo: o «Farta brutos», que lhe veio, por corruptela, do de «Fortes bruto», dado ao seu proprietário, por este tratar com energia e rudeza qualquer cliente que manifestasse, bem ou mal intencionadamente, a menor suspeita sobre a qualidade, ou o estado, de qualquer comida ou bebida...

Herdou-lhe a casa — e as características — o Isidro, que se tornou popular, e cuja viúva deu a alternativa como industrial hoteleiro a Oliveira Machado, jornalista desportivo e antigo árbitro de futebol. Este, por sua vez, cedeu o lugar a Dorcas — que, como a sua irmã Rita, é uma das mais categorizadas e estimadas profissionais da referida indústria.

Actualmente, a casa — que mereceu ao grande Wenceslao Fernández Florez uma crónica no «ABC» de Madrid («El Hartabrutos») — está fechada para obras; e, todas as manhãs, ao passar por ela,

eu evoco as numerosas e variadíssimas figuras, nacionais e estrangeiras, que por ali passaram, á minha vista:

O russo Kerensky — que serviu de «cavalo de Troia» no seu país — quando se encontrava exilado em Paris, foi convidado para fazer uma série de conferências nos Estados Unidos. Vinha acompanhado pela sua mulher. Foi a bordo do paquete em que viajava, para o entrevistador... «para o boneco». O casal manifestou-me o desejo de almoçar num restaurante típico, de carácter popular. Satisfiz-lhe a vontade, depois de, com o meu querido camarada Rogério Garcia Perez, lhe mostrar as belezas da Estufa Fria do Parque Eduardo VII.

O ministro do Japão em Portugal, Kikufi Yonezawa (que quer dizer «Primavera em flor») ofereceu, na sua residência, um jantar aos representantes dos diários de Lisboa. (Ainda estou a vê-lo a ensinar o nosso inolvidável e espirotozíssimo camarada Aprigio Mafra a comer arroz com dois pausinhos...). Como se sabe, os primeiros garfos a entrar no Japão foram levados pelo português Fernão Mendes Pinto. Nós resolvemos retribuir-lhe a amabilidade, convidando-o para o

«Farta Brutos», onde ele se deliciou, convivendo também com os outros clientes e vendo passar, entre «olés», figuras atrosas de peixeira e galinheiras. Lembrou-me de que, a propósito do oitavo centenário da independência de Portugal, o ilustre diplomata lembrou que o seu País tinha mais de dois mil anos, o que me fez observar-lhe: «E ainda se lembram disso?».

Das pessoas com quem ali convivemos, recordamos, «por motivos óbvios» apenas mortos: Pedro Bortallo Pinheiro e Alfredo Vieira Pinto, do «Diário de Lisboa»; Ferreira da Costa e Libanio Biscaia, empregados de seguros; Jorge Saavedra, redactor da Câmara de Deputados, que Deus haja; entre outros artistas teatrais, o actor Tomás Vieira; e o gordo e engracadíssimo «yankees» Chester Merril, que com Humberto Parga Ramos, representava em Portugal a agência turística «American Express».

Chester Merril, uma noite, foi ver, ao Eden, um filme cómico. Quando o espectáculo acabou, saíram todos os espectadores — menos um: o Chester. Um arrumador aproximou-se dele e sacudi-o julgando que ele adormecera; mas o seu sono seria eterno. O nosso amigo morrerá, como vivera, a rir-se...

FELIX CORREIA

AGREDIU O FILHO DA SENHORIA

COVILHA, 5. — Na sequência de uma discussão motivada pelo arrendamento de um andar, o inquilino agrediu a navalhada o filho da senhoria.

Com efeito, a sr. Maria Delfina Afonso Ribeiro alugou a Manuel Torrão um andar de um prédio. No cumprimento da lei do inquil-

nato, o filho da proprietária, Manuel Carrilho Afonso exigiu ao Manuel Torrão o contrato de arrendamento e o pagamento adiantado de dois meses.

A exigência não caiu bem ao Torrão que foi a casa buscar uma navalha com que agrediu Carrilho Afonso.

Avultada importância achada em Sines

Do Comando-Geral da Guarda Nacional Republicana recebemos a comunicação de que foi achada, no concelho de Sines, uma avultada importância em dinheiro português que será entregue a quem provar tê-la perdido.

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA
DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA-ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO ALGARVE)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS
RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8% garantido, que poderá actualizar cada ano

* PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m².

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000\$	2.500\$	250.000\$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000\$	4.000\$	400.000\$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000\$	6.000\$	600.000\$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000\$	7.500\$	750.000\$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000\$	9.000\$	900.000\$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENCARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANÇAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÊNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES

AV. DA LIBERDADE, 258-9.º Esq. LISBOA

OU NO
LOCAL



ALDEIA TURÍSTICA DO
TOURING CLUB
DE PORTUGAL

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher»

Montada propositalmente para proporcionar teatro em plena Verão, «Lisboa é sempre mulher» tem justificada plenamente tudo quanto a crítica disse quando da sua estreia, há já 14 semanas.

Na verdade, todos os dias a sala do Monumental apresenta grande encanto nas duas sessões, pois que desde o sumptuosa montagem à beleza do guarda-roupa, tudo se coaduna para fazer deste espectáculo o êxito da temporada. O texto é da autoria de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, e a música pertence a João Nobre e Carlos Dias. A encenação é de Camilo de Oliveira, a montagem, figurinos e direcção de guarda-roupa pertencem a Pinto de Campos.

Do elenco fazem parte os nomes de Camilo, Florbela e Breyner, nas principais figuras, muito bem secundados por Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda

Silva, Célia de Sousa, Alice Carla, Heider de Oliveira, Luís Mascarenhas e as atracções Maria Teresa Quinto e Vum-Vum. Actuam ainda sob a orientação de Fernando Lima, um grupo de «ballet» internacional e 10 esculturas modeladas. Hoje e todas as noites, espectáculos às 20 e 45 e às 23 horas. Aos domingos, também às 16 horas.

VARIEDADES

Laura Alves em «A Flor do Cacto»

«A Flor do Cacto», um espectáculo de Vasco Morgado, que tem já 14 meses consecutivos de representações, prossegue com grande êxito, agora no Teatro Variedades.

São responsáveis por tão grande êxito Laura Alves, na figura principal, Paula Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Angela Ribeiro, Alexandre Vieira, Aldo Pinto e Norberto de Sousa.

«A Flor do Cacto», uma comédia de «boulevard», original de Barillet & Gredy, com tradução de Jerónimo Bragança, apresenta-se hoje e todas as noites, às 21 e 45, no Teatro Variedades.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Aviz

Título em português — «O Tesouro dos Astecas».

Produção — Inglesa.

Realização — Robert Siddmark.

Intérpretes — Lex Barker, Michèle Girardon, Alexandra Panaro, Gerard Barry.

Género — Aventura.

Distribuição — Talma Filmes.

(Continua na 6.ª página)

ESTREIA

HOJE ÀS 21.45

AVIS

M/12 ANOS

HOMENS DISPOSTOS A MORRER PARA SALVAR O MAIS COBIÇADO E FABULOSO TESOURO...

...TRAIDORES LANÇADOS NUMA LUTA CRUEL E VIOLENTA PARA DESCOBRIR...

O TESOURO DOS ASTECAS



UMA HISTÓRIA DE KARL MAY VIVIDA NO CENÁRIO IMPONENTE DOS COLOSSAIS DESFILADEIROS DO RIO GRANDE !

Realização de ROBERT SODMARK

LEX BARKER * MICHELE GIRARDON
ALEXANDRA PANARO - GERARD BARRY - RALF WOLTER

EXCLUSIVO
TALMA FILMES

CINEMASCOPE — EASTMANCOLOR
(VERSÃO INGLESA)

CASINO ESTORIL

HORÁRIO ESPECIAL ATÉ 7 DO CORRENTE

Em virtude de se encontrarem em Portugal numerosas personalidades estrangeiras e a fim de que todas possam visitar o novo Casino Estoril, foi superiormente autorizado que este funcione com horário especial até ao dia 7, inclusive, desde as 15 horas até às 5 horas do dia imediato. Este horário é extensivo a todas as dependências do Casino, exceptuando a sala de jogos, que abrirá às 17 horas, para encerrar também às 5 horas do dia seguinte.

**NOVO
CASINO
ESTORIL**

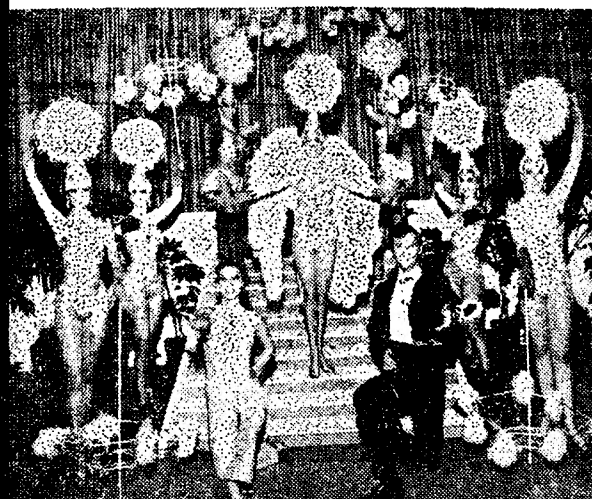


apresenta



TRIO ATHENEE

CONJUNTO VOCAL GREGO



BENTYBER DANCERS

COM CLAUDETTE WALKER

MARVYN ROY
O FANTÁSTICO "Mr. ELECTRIC"
HELENA TAVARES

no grande salão restaurante às 23.30h m/12 anos
no wonder bar à 1.00h m/21 anos

EDUARDO NASCIMENTO
E OS ROCK'S
PAUL KING'S
COMBO

JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

NO CINEMA, às 17 e 21.30 horas
O BECO (M. 17 anos)

COLISEU

Hoje, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)

Revestiu-se de êxito o grande filme de acção e «suspense»

TEMPESTADE NA FRONTEIRA

Uma das mais empolgantes aventuras do Oeste
TIROS, EMOÇÃO e MISTÉRIO

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se na tabacaria FIVOLI

CONVERSA FRANCA SOBRE ÓDIO E VIOLENCIA

As questões raciais podem destruir os Estados Unidos. A maioria de Brancos e Negros deseja encontrar soluções, mas infelizmente minorias agressivas das duas raças pregam e usam a violência, dividindo a nação. Há uma curiosa forma de aliança entre Brancos e Negros que cultivam o ódio, conduzindo o resto do país a um clima aterrador. Leia em «Selecções» de Setembro, já à venda, em distribuição exclusiva da Livraria Bertrand, a análise profunda do terrível drama americano.

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MISSÃO? PARECE IMPOSSÍVEL! — Não se apagaram ainda na minha memória os últimos ecos de uma «missão impossível» e já outra desabou sobre nós. A de ontem intitulava-se «O selo imperial». Eu tenho muita dificuldade em repetir as tolices dos outros, mas às vezes os leitores sempre gostam de saber o que vai pelo mundo. Se eles me perguntarem: «Então ontem, que foi que ao serão houve?» Responderei: ontem ao serão houve um gato.

Antes do gato, havia a história de um «selo imperial» de jade, uma espécie de talismã pertencente a um país chamado Kuala Kokat, colocado na fronteira entre a Índia e a China. Kuala é coisa pequena, mas possui uma enorme importância estratégica. O selo imperial encontrase nas mãos de um poderoso industrial americano que não quer entregá-lo porque, «quem tira e torna a dar, ao inferno vai parar». Aliás, esse industrial, Taggart, de seu nome, dizia acreditar apenas em 3 (três) coisas: nos seus aviões; no dólar; e nele próprio.

Ora, o selo imperial, ah, esquecia-me de dizer que o Governo dos Estados Unidos tem muito empenho no selo imperial porque lhe interessa manter boas relações com Kuala, por causa da China.

Estava eu a dizer que o selo se encontrava guardado em casa do Taggart numa sala defendida por dois sistemas de alarme: um, o sistema sónico; outro, um sistema de pressão. Assim: bastava que alguém pisasse o soalho da sala para desencadear o alarme. A coisa é tão, tão, tão, que basta, para o efeito, um peso de 100 gramas. Irra, que já é desconfiança!

Do sistema sónico encarregam-se os elementos electrónicos do esquadrão da «missão impossível». Havia a dificuldade de pressão no soalho, os tais 100 gramas, ou seja, a situação impossível.

Impossível nada. O esquadrão das missões conta com a colaboração de um gato, muito bom cumpridor de ordens teleguiadas. É o gato quem, por cima de uma es-

treitíssima ponte, vai buscar o anel de jade. Camaradas, aquilo não é um gato: é um gatíssimo!

Ciara. Assim, não há impossíveis. Quando se pode contar com as histórias de carochinha de gatos superinteligentes, tudo pode conseguir-se. Tudo e mais alguma coisa.

Gostava de ficar a conversar convosco um pouco mais, mas estou muito interessado no concerto «Promenade» que vem aí, como grande prémio da Eurovisão. Não apenas música; também festa de música. Grande manifestação de amor juvenil pelo que de bom neste mundo ainda se preserva.

M. C.

HOJE PODE VER...

● Às 22: Reportagem do exterior

Numa realização de Helder Mendes, a R. T. P., apresenta, esta noite, em transmissão directa da Praça de Touros do Campo Pequeno, a corrida de touros que ali se realiza e em que actuam os cavaleiros João Nuncio e Frederico Cunha, os espadas Amadeu dos Anjos e Miguel Marquez.

As pegs estão a cargo dos forcados Amadores de Montemor-o-Novo, capitaneados por Joaquim Capoulas.

«Sabina Freire»

(a famosa peça de Teixeira Gomes)

amanhã em segunda representação
na terra natal do grande escritor

A homenagem evocadora da altíssima figura de M. Teixeira Gomes, com a representação da sua famosa peça «Sabina Freire», teve o verdadeiro significado de um tributo, o mais ajustado à personalidade intelectual desse fidalgo do espírito, artista de eleição, vibrante e requintado, mestre de radiosa perpetuidade, da estilística no mundo da língua portuguesa.

A representação de «Sabina Freire», na terra natal do eminente cidadão que prestou, também, os mais altos serviços ao País, como diplomata e Chefe do Estado, a primeira representação, como dissemos, por iniciativa do Grupo Amigos de Portimão, decorreu ali, na terra natal de Manuel Teixeira Gomes, a quem o burgo ficou a dever o ter sido elevado — e

muito justamente — à categoria de cidade.

O espectáculo, aguardado desde logo com o mais vivo interesse, tinha, além de tudo o mais, o alician-te de um dos principais papéis de «Sabina Freire» haver sido confiado a uma das filhas do grande escritor, a sr.ª D. Ana Rosa Teixeira Gomes Callapez. E a interpretação que a ilustre senhora deu à figura de «D. Maria Freire» foi, no consenso geral, verdadeiramente notável.

Dado o assinalado êxito, com tão larga projecção e tão expressivo significado, da representação de «Sabina Freire», o magnífico espectáculo repete-se, desta vez ainda em Portimão amanhã, à noite, e pelo mesmo elenco de artistas amadores, que se houveram a um



D. Ana Rosa Teixeira Gomes

tal artístico superior e aos quais já nos referimos: sr.ª D. Ana Rosa Teixeira Gomes Callapez, «D. Maria Freire»; D. Maria Fernanda de Sousa Rebelo Alves Correia e D. Maria da Conceição Buisel Vasconcelos, respectivamente, em «Sabina Freire» e «Josefinas»; e os srs. Ruy Ângelo Pargana dos Santos, António Jorge, Milton de Brito, António Ramos Silva, Julião Serrano, Carlos Dias Jorge, Rolando Rosa Tavares e Leonel Paulino de Campos, respectivamente nos de «Júlio Freire», «Epifânio», «Padre Correia», «Dr. Finos», «Augusto César», «Ministro», «Josézinho Soares» e «Procurador Ferreira». Ensaio e encenação do distinto amador portimonense João Simões Tavares, e execução do cenário do conhecido artista Júlio Bernardo. Como, também, dissemos, os móveis, adornos, adereços e quadros que figuram na cena, com excepção da escrivãzinha, pertenceram ao próprio autor da peça e foram cedidos para o efeito pelas suas filhas, as ilustres senhoras D. Ana Rosa e D. Maria Manuela Teixeira Gomes Pearce de Azevedo.

V FEIRA DO ARTESANATO

CASCAIS

HOJE E TODAS AS NOITES

DAS 16 HORAS A 1 DA MADRUGADA

ARTIGOS DE GENUÍNA ARTE POPULAR

HOJE, FADOS POR ADELINA RAMOS E BELA BUERI, acompanhadas por DOMINGOS MANUEL à guitarra e RAUL SILVA à viola

GRANDE RESTAURANTE DA FEIRA (JOÃO PADEIRO)

(Excelente cozinha. Reservam-se mesas pelo telefone 28 26 24)

Outros Restaurantes: Bar, Esplanada, Farturas

PARA ASSINALAR A

SENSACIONAL REABERTURA DO

«NOVO» POLITEAMA

HOJE, em ESTREIA, às 21.30

ELKE SOMMER

EM TODA A SUA «FRESCURA»
NO «MURO DA VERGONHA»

VAI MOSTRAR DO QUE É CAPAZ A

«CAMARADA MINI-SAIA»

com BOB CRANE

UMA MALICIOSA PARÓDIA NA LINHA
DAS SÁTIRAS DE QUE «NINOUTCHKA»
É PARADIGNA

REALIZAÇÃO DE GEORGE MARSHALL

ADULTOS

TV FOGUETE

— Telefone: 831223

Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

MONUMENTAL

Text. com AR REFRIGERADO

VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»

com

Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA - OCTÁVIO DE
MATOS - YOLA - LINDA SILVA
- CÉLIA DE SOUSAAS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUMUM EXCEPCIONAL
BALLET INTERNACIONAL
DE 25 FIGURAS
GRACA! RITMO! E LINDAS MULHERES!

14.ª SEMANA

HOJE — 2 SESSÕES:
— 20.45 e 23 horas —
AOS DOMINGOS, A TARDE,
AS 16 H. (ADULTOS)

O ÊXITO CONTINUA
NO TEATRO VARIEDADES

T. 326037

60.ª
SEMANALAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO

com PAULO RENATO - CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ - ANGELA RIBEIRO - ALEXANDRE
VIEIRA - ALDA PINTO - NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

A COMÉDIA
ONDE
O RISO
NÃO TEM LEI...

TODAS AS NOITES
As 21.45 h. (Adultos)

2.º ANO
NUNCA UM
TRIUNFO FOI
TÃO GRANDE...



Em CASCAIS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na PAPELARIA
CABRAL DA SILVA, LDA., RUA FREDERICO AROUCA, 1-3.

JORGE LIMA:

PRIMEIRO DISCO COMERCIAL

Acaba de gravar o seu primeiro disco comercial o jovem artista Jorge Lima, que é acompanhado pelo Conjunto de Shagundo Galarza. Inclui as seguintes composições: «A fazer horas na saudade», de Francisco Nicholson e Eugénio Pepe; «Voltemos a ser nós», de Filgueiredo de Barros e António Andrade; «Envolto em nuvens», versão de Alexandre Passos de uma canção italiana de Pino Domagio, e «Es só tu», igualmente uma ver-

são de «C'est toi nom» (a célebre criação de Mireille Mathieu). Jorge Lima, nome artístico de um funcionário das C. R. G. E. e colaborador de um nosso prezado colega, embora desconhecido do grande público (tem actuado unicamente em festas particulares, a convite de amigos), é possuidor de uma voz agradável, pelo que se espera que este seu primeiro disco (que traz a etiqueta «R. R.» e a valorização importante conferida pelo excelente acompanhamento) constitua um bom êxito.



JORGE LIMA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Duas garotas yé-yé» («Duas niñas locas»).
REALIZADOR — Pedro Lazaga, 1967.

INTERPRETES — Pili, Mili, Tito Mora, etc.

Pili e Mili: ah, este chamado «cinema espanhol»!

Pili e Mili em «Duas garotas yé-yé»: «Incríveis aventuras de duas irmãs gêmeas perante um problema: qual delas nasceu primeiro para ser herdeira de uma fortuna?»

Pili e Mili: «uma novidade em ritmo desconcertante» — «Canções, bailados em estilo frenético» — Scope Color — «Maiores de 12 anos».

Pili e Mili: uma realização de Pedro Lazaga. «Uma espectacular comédia onde tudo se processa com estridula fantasia».

Pili e Mili: «uma cadeia de surpresas que impedem de avaliar o caudal de riso que provocam».

Abençoadas Pili e Mili, abençoados disparates, abençoadas «cadeias de surpresas», abençoados «problemas», abençoados Lazagas porque é deles «o reino dos céus».

Enfim, Espanha, 1967 não se pode dizer que seja só Pili e Mili. Mas as Pilis e as Milis ainda são muitas. Infelizmente... — L. A.

• NO COLISEU

TÍTULO — «Tempestade na fronteira» («Thunder at the border»).

REALIZADOR — Alfred Vohrer, 1967.

INTERPRETES — Pierre Brice, Rod Cameron, Maria Versini, Nadia Gray, etc.

O western passou a ser o género mais internacionalista de todo o cinema, logo a seguir a espionagem. Hoje em dia todos se orgulham do seu pequenino western caseiro. Depois de se terem exportados os revólveres e as penas de índio apache, mal ficava não se exportar também o esquema das películas. Assim, vieram os italianos, os espanhóis, os alemães, os franceses, etc., etc., até os japoneses, imagine-se, já fazem o seu westernzinho de encomenda.

Aquele que ontem se estreou no Coliseu traz a chance alemã, uma produção de Horst Wendlandt com realização de Alfred Vohrer, sobre obra de Karl May, o popular autor de obras literárias (nascido na Alemanha), mas dedicado por inteiro ao Oeste americano. Sobre ideia de Karl May construíram, portanto, os argumentistas (David De Reszke e C. B. Taylor) uma aventura movimentada onde surge de novo a figura do chefe apache Winneton, desta feita em luta com um perigoso grupo de renegados.

«Thunder at the border» não ultrapassa as permissas: um western alemão. É muito difícil a um europeu lograr uma autenticidade de ambiente e de personagens no que se refere ao Oeste lampio. Em «Tempestade na fronteira», porém, nem sequer se tentou... — A. C.

DIVERSÕES

(Continuação da 4.ª página)

Processo — Cinemascope Eastman-color.

Classificação — 12 anos.

No Politeama

Título em português — «Câmara da Mini-Saia».

Produção — Americana.

Realização — George Marshall.

Interpretes — Elke Sommer e Bob Crane.

Género — Aventura.

Distribuição — Rank Films.

Processo — Colorido.

Classificação — 17 anos.

«PEPSIE»

inaugura

o Teatro Laura Alves

Começaram ontem, sob a direcção de Jacinto Ramos, os ensaios de uma originalíssima comédia de humor, grande êxito dos teatros de Madrid e Barcelona e presentemente em cena no Teatro Caldeirão, em Bayloli — Castilha: «Pepsie», original de Pierrette Bruno (prémio de humor de Tristan Bernard) numa versão portuguesa de Rosa Lobato Faria, cenas de João Vieira e na interpretação de Rui de Carvalho, Jacinto Ramos, Laura Soveral, Benjamin Falcão e ainda, no papel de Pepsie, uma autêntica revelação que Vasco Morgado, oportunamente, revelará através da Imprensa.

CICLO

PREPARATÓRIO TV

Posto de recepção n.º 866
Telef. 83 14 16

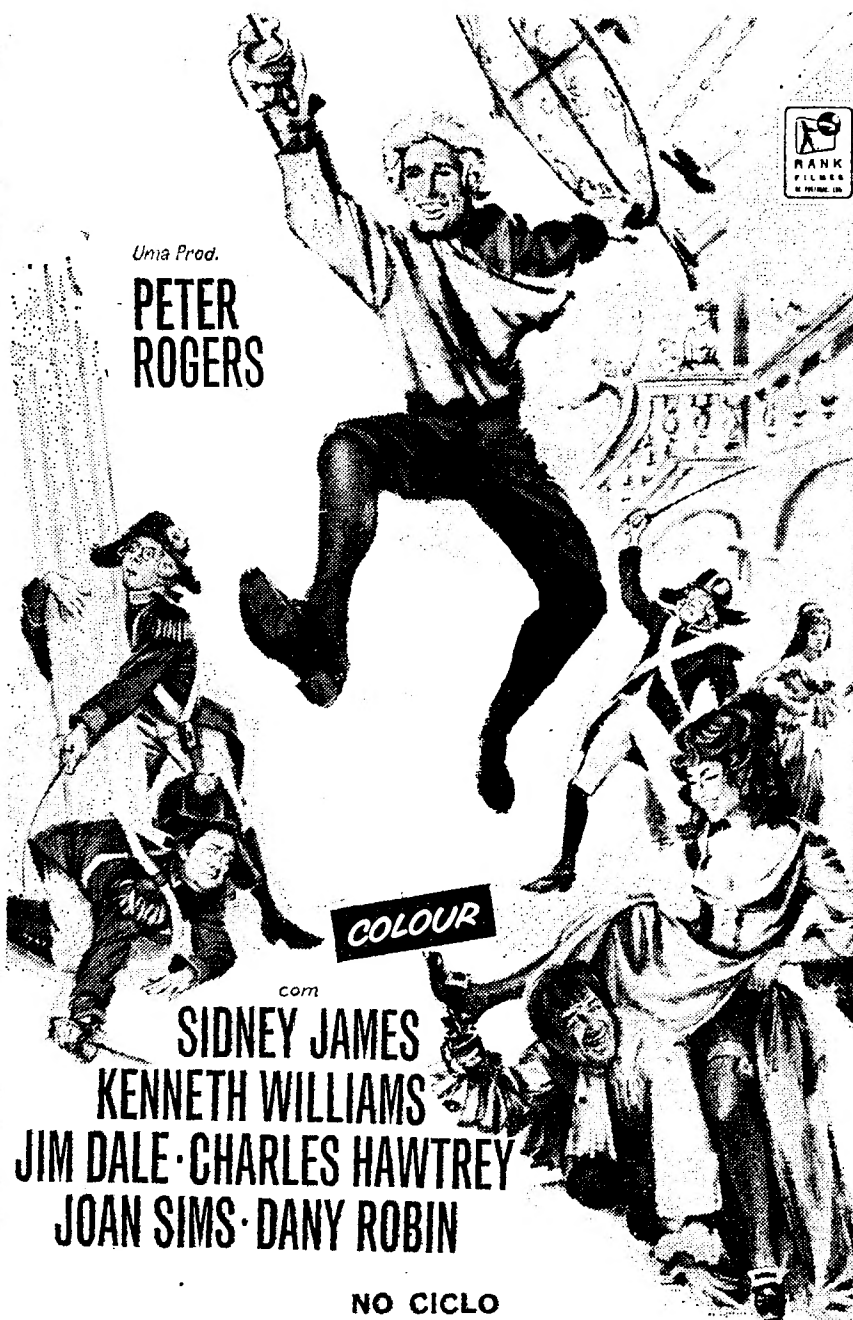
CASQUINHAS

(FABRICANTES)

Rua de Santa Marta, 17-A
Lisboa

RIA COM VONTADE...
RIA COMO NUNCA...
RIA ATÉ PERDER O FÔLEGO!!!
MAS... CUIDADO!

NÃO PERCA A CABEÇA



Uma Prod.
PETER ROGERS

com
SIDNEY JAMES
KENNETH WILLIAMS
JIM DALE · CHARLES HAWTREY
JOAN SIMS · DANY ROBIN

NO CICLO

'HUMOR em FESTIVAL'

Maiores de 12 anos

O CINEMA



HOJE

ÀS 21.

UMA DESOPILANTE SÁTIRA AOS
"BONS TEMPOS" DA "REVOLUÇÃO!"



Vasco Morgado apresenta — ADULTOS
HOJE, 2 sessões: às 21 e às 23 horas
Bilhetes desde 15500 — Ar refrigerado



Oh, que delícia de coisa

Disparate cómico de Gila, encenado por Carlos Avilez, com

RAUL SOLNADO

ANA PAULA ★ BARROSO

★ BORSATTI ★ HENRIQUETA ★ LUIS FILIPE ★

CARLOS QUEIROZ e ainda

FIALHO GOUVEIA



A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
É TODAS AS NOITES E A TODOS OS MOMENTOS O PASSATEMPO MAIS APETECIDO DE LISBOA A PARTIR DAS 19 HORAS

ESTARÃO PATENTES A TODOS OS VISITANTES

— O PAVILHÃO DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA
— O PAVILHÃO INTERNACIONAL
— E TODOS OS STANDS DAS GRANDES EMPRESAS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS

TODAS AS ATRAÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE

ENTRADA: QUINZE TOSTÕES

NOTÍCIAS DOS ★★★ ESTÚDIOS

● O realizador Franco Zeffirelli pretende dirigir, na Rússia, um filme cujo argumento é tirado da «Divina Comédia», de Dante. Zeffirelli passou algum tempo em Moscovo, a fim de contactar com Igor Moisseiev, que colabora no seu projecto. Ao mesmo tempo, o realizador tem a intenção de rodar nos estúdios moscovitas a película «As Três Irmãs», de Tchekov.

● Jean-Daniel Simon e Jean-Pierre Petrolacci, que escreveram em conjunto a adaptação de «Adelaide», preparam um outro filme, provisoriamente intitulado «Informações». Mónica Vitti deve interpretar o papel principal, que é o da jovem e maquiavélica empregada de uma central telefónica, para a qual os desesperados podiam apelar com o fim de serem reconfortados.

● Jacques Deray iniciou em Saint-Tropez as rodagens do seu novo filme, com argumento de Jean-Emmanuel Conil, intitulado «A Piscina». Os principais intérpretes são Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet.

A película decorre numa atmosfera violenta e foca a rivalidade sentimental entre um jovem «play-boy» e um quadragenário.

● O cineasta russo Marc Donskoi está a preparar a realização de um filme consagrado ao famoso cantor de ópera Chaliapine. A pe-

lícula será rodada com a participação de actores italianos, franceses, ingleses e norte-americanos. Antes de iniciar as rodagens, Donskoi vê-se a braços com um problema: encontrar o actor que desempenhará o papel de Chaliapine, desde a juventude até à morte, no exílio, em 1938.

● Jean-Pierre Darras, que representou no Palais-Royal dois papéis anteriormente interpretados por Jacques Sereys (um no «Desiré» e o outro na peça «A Raposa e a Rã») vai participar no elenco do filme «La Coqueluche», realizado pelo jovem Christian Arrighi, e cujas rodagens devem começar a 15 de Setembro. O argumento é escrito por Bernard Revon e o herói é um galinheiro que provoca uma longa série de incidentes. Michel Galabru e Claude Pieplu contracenam com Jean-Pierre Darras e... com todos os habitantes de uma capoeira.

● Ann Sydney, eleita em 1966 «Miss Grã-Bretanha», e «Miss Mundo», contracenam com James Fox e Terry Duggan no filme inglês «Performance», cujas rodagens são dirigidas por Donald Cammell e Nicholas Roeg. A fim de interpretar conscientemente o papel de um «gangster» do East-End, James Fox passou várias semanas nos bairros pobres de Londres para adquirir o verdadeiro acento «cockney». Esta película marca a entrada do cantor «pop» Mick Jagger no cinema.

NOS PALCOS DO MUNDO

■ No corrente mês, realizam-se mais duas estreias em dois teatros madrilenos. A peça «A mulher do outro», de Arana e Guimenez, com música de Dolz, é apresentada no dia 18, na reabertura do Teatro Martín, tendo como principais intérpretes Miriam, Manolito Diaz, Rubens Garcia e Eugénio Roca. O Teatro La Latina apresenta, no dia 20, «As que têm que dormir», de Francisco de Prada e Guimenez, com música de Mestres e Dolz.

■ Inaugurou-se em Berlim o primeiro café-teatro. Representam-se duas peças por semana, e os actores preparam-se e fazem a sua «maquillage» perante o público. Este tipo de teatro já era conhecido em França e nos Estados Unidos.

■ Foi estrada no Teatro Club de Washington a peça «Green Julia», comédia segundo o velho estilo. O seu autor, Arthur Carter, pensa apresentá-la em Nova York.

■ Joseph Papp apresentou, em Nova York, a obra, profundamente satírica, do dramaturgo checo Vaclav Navel, «O memorandum».

■ Estreou-se na Broadway «O único jogo da cidade», peça interessante e divertida, da autoria de Frank Gilroy.

O WHISKY PREFERIDO NAS GRANDES FESTAS

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse



IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA

A SIF INAUGURA a sua TEMPORADA no S.LUIS e ALVALADE



Contrariamente ao ditado...

LOUIS DE FUNÈS

é profeta na sua terra!

Entrées et nombre de semaines		
(Titres en lettres majuscules : films sortis depuis le 1 ^{er} janvier 1968)	1 ^{re} exclusivité	1 ^{re} exclusivité + continuations
		(chiffres donnés sous la responsabilité des distributeurs)
Les Grandes Vacances	553.469 (10)	648.081 (16)
LE GENDRE DU MONSIEUR	552.958 (15)	—
On ne vit que deux fois	543.608 (10)	619.110 (15)
Oscar	538.645 (14)	642.115 (20)
BENJAMIN	534.877 (18)	—
Vivre pour vivre	512.215 (17)	619.468 (25)
DANS LA CHALEUR DE LA NUIT	353.742 (22)	—
BONNIE ET CLYDE	337.185 (10)	397.087 (15)

PRÉMIO
BILHETE
DE OURO

Primeiro lugar em número de espectadores na lista de filmes exibidos em França

AS FÉRIAS **GRANDES**
(LES GRANDES VACANCES)

Será também o grande cartaz de Lisboa!...

PRODUÇÃO DE MAURICE JACQUIN
UM FILME DE JEAN GIRAULT
ARGUMENTO DE JACQUES VILFRID

COM A PARTICIPAÇÃO DE FERDY MAYNE, MAURICE RISCH, CLAUDE GENSAC e MARTINE KELLY

AMANHÃ • ESTREIA

NO

SÃO LUIZ
ALVALADE

AS 21.30

AS 21.45

50 FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM

UMA EXPLOÇÃO DE ACÇÃO

em METROCOLOR

AS CARTAS DO ESCORPIÃO

"THE SCORPIO LETTERS"

com ALEX CORD · SHIRLEY EATON

Produção e Realização de Argumento de Laurence Naismith · Richard Thorpe · Adrian Spies e Jo Eisinger

AMANHÃ ESTREIA **MUNDIAL**

DIÁRIO DE EVA



Horóscopo da moda

LONGE DO LAR—DOCE LAR...

A diminuição dos preços dos porcos pagos à lavoura não trouxe a correspondente diminuição nos preços apresentados pelos talhantes.

As donas de casa e as consumidoras em geral não têm possibilidade de influir nos preços já que a sua procura não corresponde efectivamente à procura junto dos produtores.

A importância do voto feminino nas eleições italianas e francesas afirmam alguns autores ter sido decisiva. As mulheres desses países, continuam, segundo esses autores, a apoiar muito mais facilmente as ideias moderadas. No entanto, a participação crescente da mulher em todos os partidos italianos e franceses é um facto.

Operárias portuguesas via-

jando de avião para um novo local de trabalho.

Setenta mulheres especializadas na preparação de conservas foram contratadas por uma firma conserveira de Zurich para ali trabalharem durante seis meses. A viagem fez-se de avião.

A Associação «Graal» organizou uma reunião de mulheres católicas em Coimbra para debate submetido ao tema «A Mulher na Sociedade».

A tendência para aumentarem os salários femininos nas principais zonas agrícolas, mostra a importância crescente no trabalho da mulher na agricultura do país. No entanto, ainda se mantém um desnível entre os salários femi-

nos e masculinos, em relação às mesmas tarefas.

Na sociedade agrícola tradicional o homem desenvolve determinadas tarefas que requerem uma semi-especialização. A mulher entrega-se normalmente tarefas de colheita. Actualmente começa a dar-se pela fuga masculina aos campos e a necessidade de se entregarem tarefas com maior especialização às mulheres.

J. M. M.



Eis aqui um lindo robe de tecido estampado, inspirado nos motivos chineses. A seda é o tecido indicado para a sua confecção



Isto é um chapéu ou um lenço? É um lenço-chapéu de organdi branco, que aperta no queixo com um laço como o das gravatas masculinas. Exótico e interessante

PENSAR DUAS VEZES

A criança não tem culpa de ter nascido. Pertence a um casal e espera dele afecto, segurança, alimentos. Exige-o inconscientemente como condição de um crescimento normal e de um sadio desenvolvimento psíquico.

No interesse da criança, os pais em presença de rompimento deveriam ponderar todas as possibilidades da continuidade de uma vida em comum.

Se as crianças precisam dos pais, também estes necessitam dos filhos, que se tornam tantas

vezes agentes de chantagem por parte de um ou de ambos, como meio de pressão ou de vingança.

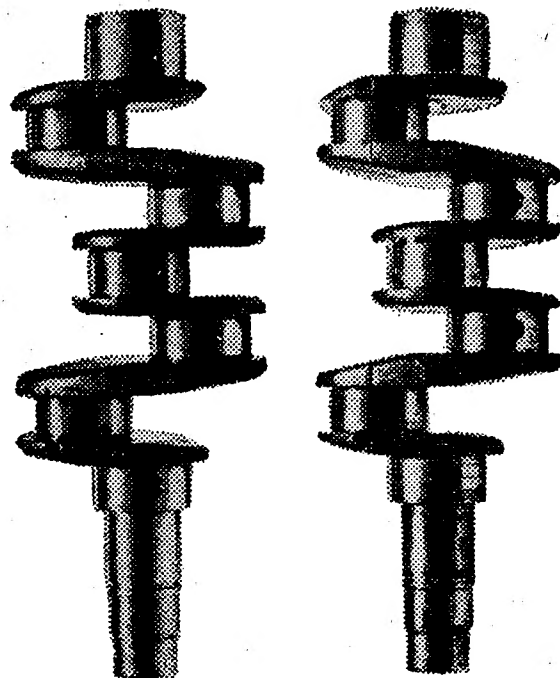
Um casal desavindo, escoada toda a possibilidade de reconciliação, deveria pensar sempre em função do bem-estar da criança. Estas não têm culpa de um casamento malogrado e continua a ter direito à certeza do amor de ambos.

Ultrapassando possíveis ressentimentos o casal deve esforçar-se pela felicidade do filho ainda que cada um siga rumo diferente.

Um vestido para o Outono



Vestido de «tweed» azul escuro e branco com cinto e botão de cabedal azul. As quatro fivelas do cinto são de metal dourado. O vestido fecha nas costas pelo sistema «clair»



DUAS CAMBOTAS PARA O SEU VOLKSWAGEN...
MAS SÓ UMA DELAS É PEÇA LEGÍTIMA VW!

Se quiser verificar já neste momento qual a diferença, precisará de um bom laboratório com equipamento electrónico e instrumentos de medição altamente sensíveis... e de especialistas!

Mas também pode ver a diferença, se mandar montar as peças no seu Volkswagen. Claro que demora mais tempo... as peças legítimas VW nunca desiludem!



UM SÍMBOLO DE

QUALIDADE • ECONOMIA • GARANTIA

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROÍSMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, EVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA—RUA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Setembro de 1938 publicava:

«PARIS, 5 — O movimento de tropas na fronteira franco-alemã é cada vez maior. Durante a noite passada foram fortemente reforçados os destacamentos de tropas francesas que guardam os postos fronteiriços entre a França e a Alemanha.

«Corre em Paris, com a maior insistência, que o Ministério da Guerra francês tomou esta resolução em consequência de haver recebido informações de que as importantes forças militares alemãs que já estavam concentradas nas regiões do Reno haviam sido reforçadas com a chegada de mais duas divisões.»



Se queres continuar a ter namoro comigo, João, tens que gastar mais dinheiro por dia em telefonemas...

CURIOSIDADES

● A covinha no queixo

O capricho feminino está a popularizar-se entre as mulheres norte-americanas a «cavinha no queixo» — e elas submetem-se, para tal, a intervenções de cirurgia plástica. Assim o afirmou o dr. Benito Risch na reunião anual da Assembleia Científica de Plástica Facial e Reconstituição Cirúrgica:

— Há muitas senhoras — afirmou o conhecido cirurgião de Nova York — que gostariam de ter um queixo como o de Ava Gardner!.

● Uma cidade antiga

Cerca de Tapia, na província espanhola das Astúrias, foram descobertas ruínas de uma cidade que floresceu há três mil anos.

Uma equipa de arqueólogos e historiadores, procedendo ali a investigações, verificou tratar-se de uma urbe de milhares de habitantes, que teve o seu esplendor antes da dominação romana. As escavações permitiram descobrir uma cinta de muralhas de protecção e fossos defensivos que se estendem, em linha tripla, por uma superfície de quarenta mil metros quadrados.

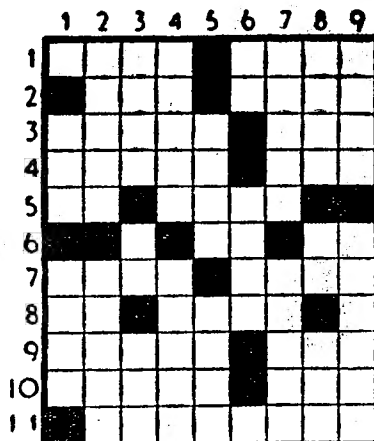
● Utilização pacífica da energia nuclear

No Instituto Max-Planck de Física do Plasma, em Garching, perto de Munique deu-se mais um passo a caminho da utilização pacífica da enorme energia de uma bomba de hidrogénio. Dois físicos, os drs. Gerhard von Gierke e Günther Grieger conseguiram «dominar», pela primeira vez, uma nuvem de gás ionizado a alta temperatura, o chamado plasma, mantendo-o estável durante algumas horas.

Teoricamente só é possível a fusão nuclear com irradiação de energia, tal como se processa numa bomba-H, dentro de uma nuvem de plasma. Esta notável experiência removeu uma das maiores dificuldades opostas até agora a todas as experiências neste domínio.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4931



HORIZONTAIS: 1 — Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Goules, um dos melhores oradores latinos do século I. 2 — Eiro. 3 — Pronome relativo (pl.). Base aérea portuguesa. 4 — O mesmo que húmido. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 5 — Palavra latina pelo qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ave de rapina. 6 — Artigo definido. Amónio (s. a.). 7 — Ser superior criador do Universo. Percebe. 8 — Preposição latina que designa movimento. Rei de Israel marido de Jezabel. 9 — Zúnia (aos ouvidos). Primeira parte do nome de uma rainha do Egipto cujo túmulo foi descoberto por Mariette em 1859. 10 — Levas à singa. Irmão do pai. 11 — Importunar.

VERTICAIS: 1 — Artigo definido. Pronome relativo. Dose. 2 — Planta medicinal do Brasil. Publica. 3 — Lavra. Pronome pessoal. Pronome pessoal (pl.). 4 — Rata-da. Vés para fora. 5 — Rizoma. Emparelhe. 6 — Em partes iguais. Serra de Portugal. 7 — Aproar. Humilha. 8 — Tempo do verbo estar. Prefixo que designa afastamento. Camareira. 9 — Verdadeiro. Superior em qualidade.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4930

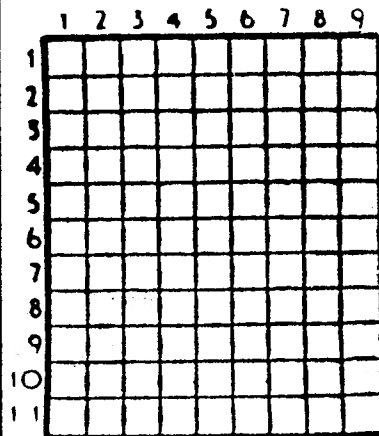
HORIZONTAIS: 1 — Ca. Traça. 2 — Ápia. Mama. 3 — DOR. Cova. 4 — Ir. Morada. 5 — Porolos. 6 — Sam. Sós. 7 — Parados. 8 — Umeros. DE. 9 — Unir. Don. 10 — Meta. Belt. 11 — Lesto. Ea.

VERTICAIS: 1 — Códils. Pu. 2 — Apr.

Samuel. 3 — Ir. PARENTE. 4 — To. Marias. 5 — Cor. DOR. 6 — Amoras. Ba. 7 — Cavalos. DE. 8 — Amados. Dala. 9 — As. DENTE.

(Provérbio: DOR DE PARENTE DOR DE DENTE)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8775



HORIZONTAIS: 1 — Farrapos. Cidade da antiga Caldeia. 2 — Fechar as asas para descer mais depressa. Azáfama. 3 — Dureza. 4 — Antes de Cristo. Relevo. 5 — Choupana. Aqui. 6 — Genro de Moisés. Abreviatura de página. 7 — Oferece. Esquiva. 8 — Rio da Polónia. Abreviatura de átomo. 9 — Ponde oca. 10 — Nome de vários papas. Metal precioso de cor amarela. 11 — Pertences. Tostara.

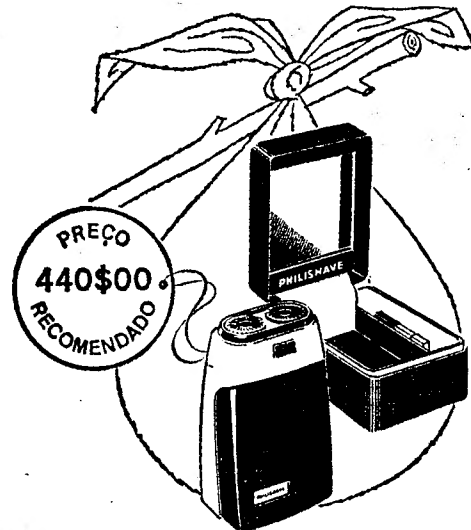
VERTICAIS: 1 — Trabalho penoso. Pata. 2 — Reis. Guarda segredo. Suspiros. 3 — Oásis. Bismuto (s. a.). Vazio. 4 — Relação. Nome de mulher. 5 — Determinamos. 6 — Artigo indefinido. Encolizais. 7 — Ensejo. Abreviaturas de post scriptum. Cólera. 8 — Cidade da U. R. S. S. Perseguição. Sufixo que designa estado. 9 — Batráquio. Afogo (fam.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8774

HORIZONTAIS: 1 — Turim. 2 — As. Mui. Le. 3 — Sua. Cem. 4 — Carregado. 5 — Ora. Alar. 6 — Lampa. 7 — Soa. 8 — Era. Sal. 9 — Comparava. 10 — Ovos. Irai. 11 — Sari. Mãos.

VERTICAIS: 1 — Pascoa. Ecos. 2 — Suor. Prova. 3 — Aral. Amor. 4 — Um. Rios. Psi. 5 — Rume. Rota. 6 — Il. Gapó. Rim. 7 — Cola. Sara. 8 — Leda. Pavão. 9 — Demora. Lois.

TER BARBA É PRÓPRIO DO HOMEM...



...ASSIM COMO É PRÓPRIO DO HOMEM VIAJAR COM A

PHILISHAVE
DE PILHAS

A MÁQUINA DE BARBEAR AUTÔNOMA QUE O HOMEM MODERNO NÃO DISPENSA

LOTES

PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO

No Bairro Nossa Senhora de Assunção em Cascais — A mais progressiva zona de Cascais

Em S. João do Estoril — Alapraia — junto do Liceu e da Estação e a cerca de 1.000 m da Praia. — Sem mais valia e com projecto e cálculos aprovados

PREÇOS: DESDE 550 CONTOS

Prop. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C.
(por cima do Supermercado)

Telefs: 28 23 45 - 28 23 88 — CASCAIS

TERRENO EM CASCAIS

NO SÍTIO DA AMOREIRA, COM 5.400 m²

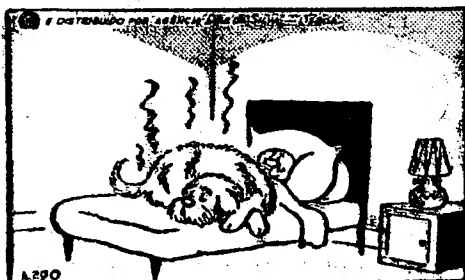
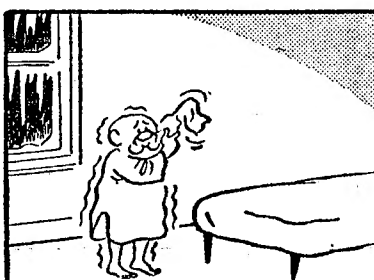
Para uma moradia, por 350 contos

Prop. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C.
(por cima do Supermercado)

Telefs: 28 23 45 - 28 23 88 — CASCAIS

AVENTURAS DO TIO CARLOS



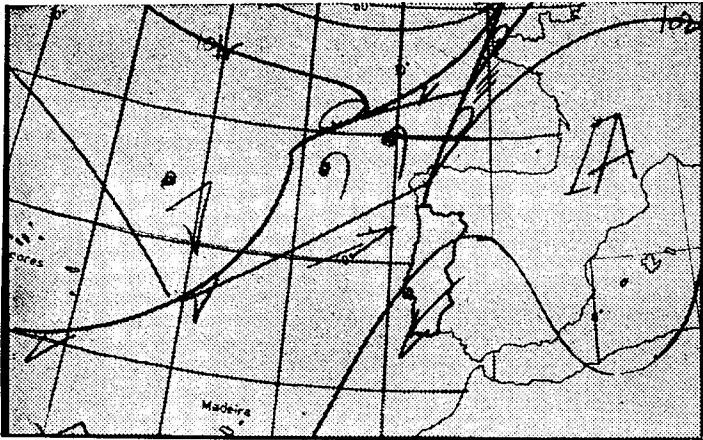
O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Peso da Régua, 28°; mínima: Montalegre, 6°8. SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal Continental, o vento era fraco de Norte e o céu estava pouco nublado a norte do rio Tejo e limpo nas regiões do Sul, por influência de uma massa de ar continental, trans-

portada na circulação de um anticiclone centrado sobre França. TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 14°; Faro, 24°; Funchal, 23°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas e Porto, 15°; Portalegre, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar: 17°; na atmosfera: 21°6.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 6 DE SETEMBRO DE 1968 — O anticiclone que se estende da França até Sul dos Açores deverá continuar a influenciar o tempo no território do continente.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CEU GERALMENTE LIMPO, COM EXCEÇÃO DAS REGIÕES DE NOROESTE, ONDE PODERÁ POR VEZES APRESENTAR-SE MUITO NUBLADO; VENTO FRACO.

SOL Amanhã: Nascer às 7 e 10 Ocaso às 20 h.

PREIA-MAR: Dia 5 — 3 e 02 (3,8 m); 15 e 16 (4,2 m). Dia 6 — 3 e 45 (4 m); 16 e 01 (4,3 m). Dia 7 — 4 e 27 (4,1 m); 16 e 43 (4,4 m). BAIXA-MAR: Dia 5 — 8 e 40 (1,2 m); 21 e 15 (1 m). Dia 6 — 9 e 24 (1 m); 21 e 56 (0,8 m). Dia 7 — 10 e 05 (0,9 m); 22 e 35 (0,8 m).

Amanhã Dia 14 Dia 22 Dia 29

SORAYA FOI VISITAR O TRIÂNGULO TURÍSTICO

• As outras celebridades dormem...

Hotel Ritz, Nove. Dez. Onze horas da manhã.

Dormem celebridades. Dormem vedetas. Dormem princesas. Gente grande em Lisboa.

— Não há hipótese — dizem aos repórteres os recepcionistas. Proibido telefonar para os quartos de que se ignoram os números.

Proibido, também, utilizar os ascensores. Proibido, ainda, introduzir por debaixo das portas dos aposentos bilhetinhos discretos solicitando cinco minutos de conversa...

Que fazer?

● **Audrey Hepburn chegou ao hotel às 3 da manhã**

Conseguiu-se saber, entretanto, que Audrey Hepburn chegou às três da madrugada.

— Quem a acompanhava?

— A princesa Ira de Fürstenberg.

— A mulher de Yull Brynner, não?

— Não.

● **As sete da manhã**

Mas na garagem do hotel dizem-nos:

— Houve senhora que chegasse às sete da manhã.

Semelhante afirmação confirma as palavras dos recepcionistas:

— Elas estão com sono. Não se levantarão tão cedo.

É quase meio-dia.

● **Soraya**

Os minutos passam, lentos, parece que, efectivamente, ninguém descerá tão cedo.

Eis que, no entanto, surge, no átrio, Soraya.

Enverga um mini-vestido Império, de cor verde. Os cabelos nos ombros. Grandes olhos. Gestos saudosos. Palavras secas para os fotógrafos.

— «No pictures».

A ex-imperatriz da Pérsia era aguardada por uma senhora portuguesa, de Évora, antiga condiscípula num colégio da Suíça. Trata-se da filha do sr. dr. Banha da Silva, antigo agente-geral do Ultramar. Encontrava-se também presente o sr. José Alberto Magalhães, das relações sociais de Soraya.

Uma vez cá fora, Soraya, acompanhada por aquele casal, meteu-se num automóvel, estacionado à porta do Ritz, e partiu... para a volta dos tristes! Nem mais: o triângulo turístico Lisboa-Sintra-Cascais.

● **«Duc!»**

«Princesse!»

Momentos depois da saída de Soraya, desceu ao vestíbulo a princesa Ira de Fürstenberg.

Dando com certo indivíduo apuradíssimo, distinto, reconheceu-o (nós não) e disse-lhe:

— Oh, duc!

E ele:

— Princesse!

Mais nada.

● **Rol breve dos que dormem**

Os recepcionistas, divertidos com a impaciência dos jornalistas, dão ordem aos «grooms» para colocarem nas portas dos quartos o «No disturb».

— E' o sono — dizem.

Meio-dia e meia hora: ainda dormem, pois, Audrey Hepburn, «Mrs» Brynner, Gina Lollobrigida, talvez a Zsa Zsa Gabor, etc. A duquesa

de Argyll foi das primeiras a acordar, e já era tarde...

Os jornalistas abandonam o Estoril.

● **O clique do cofre**

Os cofres do «Ritz» tiveram, esta manhã, um movimento desusado. As beidades (milionárias e aristocratas, ou ambas as coisas) ao partirem esta manhã, para a praia ou

visitas à cidade, depositaram as suas jóias nos pequenos cubículos blindados na recepção. Soraya fechou as portas aos curiosos, quando procedeu a esta operação, mas, quando chegou a vez de Ira Fürstenberg toda a gente viu os saquinhos de couro que repousaram durante o dia por detrás das portinhas brilhantes.



Ira Fürstenberg, antes de sair, do hotel onde está hospedada para um passeio por Lisboa, esta manhã, depositou no cofre as suas jóias



Soraya foi visitar o triângulo turístico com a sua amiga portuguesa, antiga companheira de colégio, na Suíça, (à direita).

TREZENTOS CONTOS DE RECOMPENSA

GUATEMALA, 5 — (F. P.) — Os serviços da segurança da Guatemala ofereceram uma recompensa de 10 000 quetzais (cerca de 300 contos) a quem fornecer indicações que permitam descobrir os supostos assassinos do embaixador dos Estados Unidos, John Gordon Mein.

As fotos dos três suspeitos foram ontem distribuídas nesta cidade. Trata-se de três guerrilheiros: Francisco Franco Asmendariz, Percy Amílcar Jacobs de Leon e Júlio Ruben Landa Castadena.

KIESINGER PARTIU PARA ANKARA

BONN, 5 — (F. P.) — O chanceler Kurt Georg Kiesinger partiu esta manhã de avião para Ankara, primeira etapa de uma viagem de onze dias ao Médio Oriente em que visitará sucessivamente a Turquia, o Irão e o Afeganistão. O chefe do Governo da República Federal da Alemanha, que viaja acompanhado de sua esposa e do secretário de Estado parlamentar dos Negócios Estrangeiros, regressará a Bonn em 15 do corrente.

Recapturada a rapariga da ilha da Taipa

HONG-KONG, 5 — (R.) — Foi, ontem, finalmente, recapturada uma rapariga que sofre de perturbações mentais, e que durante várias semanas andou à solta, completamente despida, na ilha da Taipa, depois de ter fugido do centro de reabilitação ali existente para viciados em estupefacientes.

«MUNDIAL» DE JUDO

A comissão organizadora do segundo campeonato Mundial Universitário de Judo convidou os representantes dos órgãos de Informação para uma reunião que se efectuou esta manhã, nas dependências do Colégio Pio XII, onde se encontram instaladas as equipas concorrentes àquela competição.

Pelos drs. Borges Araujo e Mascarenhas Ataíde, da referida comissão organizadora, foram prestados aos jornalistas presentes todos os esclarecimentos relacionados com o importante certame que amanhã se inicia, em Lisboa, e que reúne elevado número de judeus universitários.

MAGNÍFICOS ANDARES em MIRAFLORES

C/ 4 ou 5 amplas assoalhadas. Bem servidos por transportes. Boa vista de mar. Visite um andar mobilado em exposição. Temos uma solução para cada cliente.

Lotes 90 — 130 — 131

Av. Principal de Miraflores (junto à Praça de Touros de Algés) S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA. — Telef. 212288 - 213102

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituinte, Praça da República Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MAIS DE 300 CEGOS JÁ RECUPERADOS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 5 — (L.) — A campanha de despiste de cegos curáveis, levada a cabo pelas brigadas dos Serviços de Saúde e Assistência, simultaneamente nos distritos de Lourenço Marques e de Inhambane, estão a dar resultados que desde já se podem considerar positivos e francamente prometedores: mais de 300 cegos curáveis foram recuperados, desde Dezembro de 1967.

Estima-se entre os 5 e os 10 mil os cegos recuperáveis que poderão ser abrangidos pela campanha em curso.



A GRANDE MISTIFICAÇÃO DO SUCESSOR DE HITLER



Ao tomar a decisão de pôr cobro à existência, por muito paradoxal que possa parecer, Hitler não previra fosse o que fosse quanto à sua sucessão. De facto, estava longe de semelhante preocupação. Passava os seus últimos dias de vida no ambiente wagneriano do «Crepúsculo dos Deuses». Estava desgostoso com tudo com os seus colaboradores fiéis, tornados «traidores», e o «seu» povo que «o abandonara», porque tinha perdido a guerra. «Depois de mim, o dilúvio!» Uma vez que a guerra estava perdida, os alemães não eram dignos de sobreviver à catástrofe. Em suma, odiava todos pela sua derrota. De resto, nesse momento, não estava fisicamente em condições de se ocupar do quer que fosse, e menos ainda da sua sucessão. Mal se achava em condições de «regularizar» a sua posição pessoal com a amante, Eva Braun, e de tomar a decisão de suicidar-se para não cair nas mãos dos russos. Estes já se encontravam em Berlim.

assinados em nome de Hitler.

Bormann era, em suma, o único a saber quem seria o «sucessor» de Hitler. O próprio Führer ignorava-o e mais ainda o grande-almirante. Enquanto o III Reich se desmoronava, não procurava, como tantos outros, salvar a pele. Pelo contrário, imaginou a maneira maquiavélica de assegurar a manutenção do seu poder pessoal.

De resto partilhava esta ambição com outro sinistro personagem, Josef Goebbels, que pensava como Bormann, antes de seguir o seu Führer na morte. Tinham ambos rivais perigosos, que igualmente disputavam a sucessão de Hitler: Hermann Goering, o «Kronprinz» oficial do Führer, e Heinrich Himmler, chefe da polícia do Reich.

fazer do grande-almirante o «sucessor» oficial do Führer. Uma vez tornado presidente do Reich, Doenitz formaria então um governo Goebbels-Bormann.

Por outro lado, estava autorizado a falar em nome do Führer e, até mesmo, de atribuir a este coisas que ele nunca teria dito. Tinha todos os cordelinhos na mão, o que lhe permitia agir com uma verosimilhança absoluta.

Bormann prepara o terreno

Bormann começou a preparar o terreno colocando fora do jogo os seus dois rivais, enquanto ninguém, excepto ele, pensava ainda na sucessão de Hitler. Em 23 de Abril de 1945, enviou a Doenitz um telegrama anunciando-lhe que o Reichsmarechal Goering tinha dado um «golpe de Estado» no sul. Tratava-se de uma mensagem dirigida naquele mesmo dia a Hitler, com carácter de ultimato. Dado, dizia este, que o Führer estava bloqueado em Berlim e incapacitado, por este motivo, de exercer o poder, ele (Goering) encarregar-se-ia das funções do Führer, como seu substituto oficial. Se o Führer não respondesse num prazo fixado, Goering assumiria a direcção do Reich.



Martin Bormann, no quartel-general do Führer, entre Hitler e o general Goebbels

Vermelha sueca. Bormann pensava deste modo comprometer Himmler aos olhos de Doenitz, uma vez que Hitler era pela guerra a todo o custo.

Ter-se-á notado a continuidade das ideias de Bormann. Não era uma simples mensagem «de serviço» da Chancelaria do Reich a um chefe militar.

Indicado para este fim, como personagem mais representativo e mais forte do Reich, depois do Führer. Sabia que o chefe das SS se preparava há muito tempo para suceder a Hitler. E o grande-almirante achava isto muito natural.

Segundo o seu ajudante de campo, capitão Luebeck-Neurath, este ouvira Doenitz dizer a Himmler um dia: «Uma coisa é certa, nunca o Reichsmarechal (Goering) será o sucessor de Hitler». O próprio Himmler se considerava o futuro Führer. Doenitz, mais uma vez, pôde verificá-lo durante uma primeira reunião dos altos-comandos da Wehrmacht, retirados para Rheinsberg, em 28 de Abril de 1945 (na ausência de Hitler, bem entendido), à qual o grande-almirante assistia na sua nova qualidade de comandante-chefe das forças alemãs do Norte. Em frente dos mapas pendentes na parede, a cadeira reservada habitualmente para o Führer foi automaticamente ocupada por Himmler.

Foi portanto a título de sucessor presuntivo de Hitler que Doenitz quis ver Himmler, logo que recebeu o telegrama de Bormann. O encontro deu-se nesse mesmo dia, 30 de Abril, no Commissariado de Polícia de Luebeck, no Báltico, para onde Himmler se retirara com o seu Estado-Maior e os chefes das SS que conseguira reunir à sua volta. Este encontro não deixava dúvida alguma a Doenitz: Himmler considerava-se de facto o sucessor de Hitler. O chefe da Polícia do Reich fez esperar o grande-almirante e comandante-chefe das forças alemãs do Norte,



O almirante Doenitz

Mas conhece-se a história «oficial» que continua a correr, e não só na Alemanha: Hitler, antes de dar-se a morte, designou como seu sucessor o grande-almirante Doenitz. E foi em virtude desta designação que o novo chanceler

1 — UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

do Reich formou um governo que acabaria por assinar, dias depois, a capitulação da Alemanha.

O mito e a verdade

Ora o que apareceu deste modo como um «caso Doenitz», não foi na realidade mais que um «caso Bormann», pois em toda esta história não estiveram metidos Hitler, nem Doenitz, mas unicamente Martin Bormann.

Com efeito, na origem, existiu uma ampla mistificação montada por este por sua própria conta e com objectivos completamente pessoais. Era o único, pela sua posição na «administração» nazi, capaz de empreender semelhante operação.

Bormann era chefe da Chancelaria do Reich e usava o título pomposo de Reichsleiter, o que equivalia, de certo modo, ao de «director do Reich». Era, portanto, o colaborador mais íntimo do Führer e o seu braço direito. Todos os documentos que saíam da Chancelaria do Reich e levavam o seu nome eram

Bormann e Goebbels especulavam primeiramente acerca dos russos, que estavam a ponto de ocupar Berlim. Tinham mesmo procurado tomar contacto com estes, servindo-se do general Krebe, antigo adiido militar na Embaixada do Reich em Moscovo, que falava o russo, e que era amigo pessoal de Goebbels. Este general fazia parte do círculo do Führer, cada vez mais rarefeito, no Bunker da Chancelaria do Reich. Mas esta tentativa altamente fantasiosa a nada levou.

Bormann — que de facto conduzia o jogo — voltou-se então para o grande-almirante Doenitz. Não se sentia com envergadura para se opor, sozinho, a Goering e a Himmler. Precisava de um personagem mais representativo para o empurrar para a frente. Doenitz, chefe da Marinha do Reich, acabava de ser nomeado por Hitler comandante-chefe das forças alemãs do sector norte. Para Bormann, tratava-se de eliminar Goering e Himmler por intermédio de Doenitz. A sua ideia era

É de notar que nesse dia Hitler não tomou decisão alguma no que diz respeito à sua sucessão, em consequência do «ultimato» de Goering. Este mantinha ainda o título oficial de substituto do Führer em caso da sua morte, em virtude da declaração feita em 1 de Setembro de 1939 perante o Reichstag. Em 23 de Abril, ao conhecer o «ultimato» de Goering, Hitler tinha-se contentado em tirar-lhe o comando da Luftwaffe e nomeando em seu lugar o general Hitter von Grimm.

Bormann mantinha sómente o grande-almirante de reserva. Não o podia empurrar demasiado para a frente. Hitler ainda vivia.

Depois de Goering, Himmler. A sua vez ia chegar em breve. Em 30 de Abril, de manhã, telegrafava a Doenitz — sempre da Chancelaria do Reich: «Nova traição em curso». Era a notícia de conversações de paz que Himmler tinha entabulado com os anglo-americanos por intermédio do conde Bernadotte, presidente da Cruz

O marechal Kesselring, que acabava de ser nomeado por Hitler, ao mesmo tempo que Doenitz, comandante-chefe das forças alemãs do Oeste, não recebera nenhuma mensagem deste género. Por outro lado, o

Por ATTICUS

texto do telegrama de Bormann — «Nova traição» — mostrava claramente que a mensagem fazia parte da operação iniciada anteriormente com o telegrama que dizia respeito a Goering.

Doenitz e Himmler

Doenitz, que não podia adivinhar a intriga de Bormann, tomou a coisa de modo completamente diferente. Primeiro, também não via outra solução senão negociações com os ocidentais. Em segundo lugar, Himmler era o mais

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2

TELEF. 369384

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Si gilo absoluto.

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-20
TELEFONS. 52248-556580

VULCAIN

RELÓGIO SUÍÇO DE
PRESTÍGIO MUNDIAL

ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL

Para maior rapidez e eficiência do ensino são dadas 8 horas de código e mecânica por 2 INSTRUTORES. Aulas de código separadas para amadores.

2 CAMIÕES do mesmo tipo e diversas marcas de automóveis

A MONUMENTAL

Sob a Direcção Técnica de ANTÓNIO SOARES

Avenida Manuel da Maia, n.º 11, r/c. — LISBOA

Telef. 5 25 35

CICLO PREPARATÓRIO
E CURSO LICEAL

DIURNOS
NOCTURNOS

Instrução Primária

EXTERNATO DE ALVALADE

TEL. 771965 — R. ISIDORO VIANA, 12 (C. PEQUENO)

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VOLTOU PARA CASA A MENINA DE DEZ ANOS QUE DESAPARECERA NO PORTO

PORTO, 5 — Entrada 105 do bloco 13 do Bairro de Francos. Número grupo de pessoas envolve e quase asfixia uma pobre mulher. Lágrimas, agora de alegria, rolam pelas faces da sr.^a Gracinda Freitas dos Santos, mãe da Maria Teresa dos Santos Monteiro, de 10 anos. Tem ainda os olhos pisados de noites de vigília de manhãs de esperança e tardes de inquietação e de dor.

A Maria Teresa, desaparecera anteontem, e ontem, á tarde ainda não tinha aparecido.

Foi só á noite que se dissipou o pesadelo, com o seu regresso a casa, depois da aventura que vivera e que, felizmente, não teve as consequências que tanto se chegou a temer.

Na verdade, ainda ontem quando ali estiveramos a pobre mãe nos interrogara, procurando saber o

que acontecera á sua filha que é doente e sem possibilidade e dessembarço suficiente para procurar a casa ou pedir a alguém que a orientasse.

As versões e suspeitas que corriam eram várias e temerosas, pois toda a gente conserva, ainda bem viva, a tragédia da Rua de S. Bento da Vitória de que foi protagonista a indolosa Maria das Angústias Guimarães.

Fora ver o incêndio

O que acontecera, então? Conforme então se noticiou, anteontem deflagrou um incêndio na fábrica Ambar, a dois passos do Bairro de Francos. A pequenada não resistiu á tentação do espectáculo... e lá foi contemplar a labareda que se elevava no espaço. Do grupo fazia parte a Maria Teresa e seu irmão José Carlos. Só uma vez que a mãe viera para o Porto fazer limpeza num escritório na Rua de S. da Bandeira. Não viram nisso qualquer problema.

E vá de irem ver o incêndio, mesmo sem ordem materna. Ao chegar a casa, a sr.^a Gracinda deu pela falta da filha, facto que não a preocupou de momento, porque as crianças de bairro não têm hora de comer... O pior é que as horas foram passando, e a Maria Teresa não regressara ao lar. Ás 22 e 30, a pobre mãe foi á 18.^a Esquadra da P. S. P., onde deu conhecimento do sucedido. E ontem, de tarde, nada havia ainda sobre o paradeiro da criança.

O José Carlos, de 6 anos, é o único irmão da Maria Teresa. Fora com ela ver o fogo. E disseram-nos: — Ela estava a um canto, depois caiu a um poço.

Ao nosso lado, muitas das pessoas presentes não queriam acre-



A Maria Teresa voltou e com ela a alegria de gente modesta. Foram quase dois dias de dor e angústia para a mãe, a sr.^a Gracinda dos Santos, que aqui vemos, de novo, com ambos os filhos: a Maria Teresa e o José Carlos

ditar na versão do pequeno, mas este era peremptório na sua afirmação:

— Caiu a um poço, eu vi.

Levamo-lo, então, de carro para nos indicar o local. Acompanhou-nos o homem que vive maritalmente com a mãe, sr. Paulino Esteves Campos. Este, segundo nos informou, já corra todos os poços da vizinhança, na ansia de encontrar o corpo da pequenita, buscas essas que continuara influtiferamente. No local indicado pelo José Carlos, um funcionário da Ambar abriu-nos o poço, tentando certificar-se se, lá no fundo, se encontrava o corpo da Maria Teresa, arremessando, inclusive, uma pedra ao fundo. Mas tudo em vão. Havia, no entanto, duas minas que vão dar a outro poço, onde nada se encontrou, igualmente.

A Maria Teresa chorava perdida longe de casa

Afinal, a pequenita perdera-se, depois de ter estado a ver o incêndio. Havia lá muita gente, grande movimento, e ela atrapalhou-se. Desorientada, afastou-se cada vez mais. Vagueou e foi encontrada a chorar, próximo do Café Ribatejo, na Estrada da Circunvalação, por dois militares. Na altura passava por ali a sr.^a D. Alzira dos Santos Valério, domiciliada na Avenida Senhora da Hora, 20. Conduzida, levou a Maria Teresa para sua casa e deu-lhe de comer. Porém, interrogada, a criança não dizia coisa com coisa, razão porque só mais tarde a levou ao posto da G. N. R. local. Contudo, ali, a Maria Teresa também nada disse que pudesse ajudar o comandante do posto a localizar a morada dos pais. Só muito mais tarde, e em contacto com a P. S. P., é que se relacionou o aparecimento da criança com a queixa apresentada pela mãe na 18.^a Esquadra, e foi assim, já de noite, que ontem a Maria Teresa voltou a casa, para junto da mãe e dos seus.

E no bairro todos sossegaram, adormecendo libertos, ao menos, de um pesadelo.

A maioria d ocorre ent • Triplicou em Port

GENEVA, 5 — (A. N. I.) — O número de vítimas nos desastres de viação elevou-se vertiginosamente de 1951 para 1966, tendo este último ano, só por si, registado um total de trezentos mil mortos — anuncia a Organização Mundial de Saúde.

Os acidentes chegaram a quadruplicar, em alguns países, durante esse período de 15 anos. Em Portugal morreram nas estradas 1030 pessoas em 1966, quando houver a 388 vítimas em 1951 (quase o triplo).

Alfredo Vieira Pinto

Na basílica dos Mártires, celebraram-se hoje, ao meio-dia, missas do 16.^o aniversário do falecimento do nosso saudoso amigo Alfredo Vieira Pinto, que foi durante muitos anos administrador da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa». As missas, mandadas dizer pela família do saudoso extinto e pela administração da Renascença Gráfica celebraram-se, respectivamente, no altar das Almas e no altar-mor.

Estiveram presentes ás duas cerimónias religiosas, além de pessoas de família e de amizade do extinto, representantes de todas as secções do nosso jornal.



Medalha comemorativa do V Centenário de Pedro Álvares Cabral, ostentando numa das faces a figura do descobridor do Brasil e na outra uma alusão á sua «arrojada» viagem (Autor: escultor António Duarte)

Veneza aplaude Jean Renoir

VENEZA, 5 — (A. N. I.) — Jean Renoir teve calorosa recepção nesta cidade, onde chegou para assistir á homenagem de que foi alvo no festival. A projecção do filme «A cadela», rodado em 1932 com a colaboração de Michel Simon, foi muito aclamada pelos espectadores. Mas o festival vai ainda apresentar várias outras películas suas, entre as quais «Nana», «Une partie de campagne» e «La bête humaine».

SOCIEDADE DE TURISMO DE ESPINHO

O seu a seu dono: foi a Sociedade de Turismo de Espinho, e não a Comissão de Turismo local, como por lapso veio publicado nas nossas edições de ontem, que proporcionou ao «Diário de Lisboa» as maiores facilidades para a instalação naquela bela praia nortenha, da jovem Emília Manuela Rodrigues Viagas, premiada de «Férias em Portugal».

Entre outras manifestações de apreço, temos a sublinhar mais esta que agora recebemos e vem, afinal, confirmar de modo inequívoco a linha mestra da actuação da Sociedade de Turismo de Espinho ao longo de tantos anos de existência.

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO

TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA

CASA D PANOS

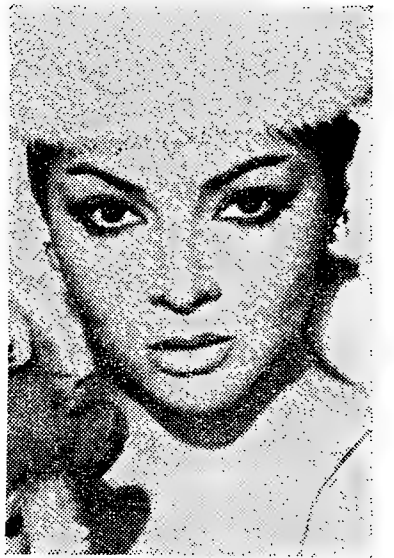
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS

«MAMÃ, MAMÃ!»

— MAS SARITA MONTIEL
NÃO GOSTOU DA GRAÇA

MADRID, 5 — (A. N. I.) — «A jovem mexicana que dizia ser minha filha, não passava de uma engraçada: tem 31 anos de idade, e, para eu ser mãe dela, só tinha quatro anos á data do seu nascimento, pois estou agora com 35» — declarou a actriz e cançonetista espanhola Sarita Montiel, á sua chegada a Madrid, depois de uma digressão artística por vários países americanos. Acrescentou que a mexicana só queria «uma publicidade gratuita».

Sarita Montiel afirmou que em 1969 regressa ao México, para rodar uma película, mas antes, disse, fará outro filme em Espanha, «O Céu e a Terra», segundo o romance homónimo de Carlo Coccioli, em que desempenha o papel de uma freira.



SARITA MONTIEL

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço
compramos
Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Em BUCELAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está á venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO

Ourivesaria da GUIA

...GARANTIA DE PROBIIDADE
E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



Gravata

RUA AV
ESTÁ LIQ

RESTOS
COLECCÕES
HOMEM

CASACOS
CALÇAS

Os acidentes de estrada de as 4 e as 7 da tarde igual o número de mortos (de 1950 a 1966)

Os meses mais perigosos para guiar são os de Julho e Agosto, e os sábados e domingos os dias da semana mais perigosos, verificando-se que a maior parte dos acidentes ocorre entre as 16 e as 19 horas.

«Os acidentes mais mortíferos tiveram lugar na Polónia, onde para cada 100 acidentes em estrada se registaram 11 mortos e 93 feridos» — revelam as estatísticas da O. M. S. Na Irlanda, para cada 100 acidentes houve 9 mortos e 130 feridos. Os números para a Finlândia são de 9 mortos e 129 feridos, seguindo-se a Suécia com 7 mortos e 130 feridos, a Austrália e a Espanha com 6 mortos e 139 feridos, a Noruega com 6 mortos e 117 feridos, e a Suíça com 5 mortos e 125 feridos.

O «record» de mortes na es-

trada pertence aos Estados Unidos: 48 050 mortos em 1965, comparados com 33 863 mortos em 1950. Nos outros países os números entre 1966 e 1950 são os seguintes: Canadá, 5262 (2270); Japão, 13 904 (4202); Singapura, 255 (144); Áustria, 1876 (889); Bélgica, 1392 (721); Checoslováquia, 1702 (888); Dinamarca, 1010 (363); Finlândia, 1098 (375); França, 12 150 (3354); Alemanha Federal, 18 864 (11 449); Grécia, 825 (598); Hungria, 761 (564); Irlanda, 382 (213); Itália, 8904 (4226); Luxemburgo, 82 (51); Holanda, 2612 (1021); Noruega, 446 (133); Polónia, 2741 (1439); Portugal, 1030 (338); Espanha, 2802 (916); Suécia, 1313 (595); Suíça, 1301 (797); Reino Unido, 7985 (5012); Jugoslávia, 2145 (429); Austrália, 3242 (1839); e Nova Zelândia, 549 (232).

FORAM AJUSTADOS OS SERVIÇOS DA JUNTA DE ENERGIA NUCLEAR

Tornando-se «necessário ajustar os serviços da Junta de Energia Nuclear à actual fase de desenvolvimento da sua actividade; considerando que tal objectivo aconselha fundamentalmente: a criação da Direcção-Geral de Combustíveis e Reactores Nucleares Industriais, tendo o grande reflexo que estes meios de produção de energia virão a ter, dentro em breve, no de-

envolvimento do País a elevação da Repartição de Relações Internacionais a direcção de serviços, considerada a importância e o volume crescentes das questões nucleares internacionais; a inclusão, no conselho administrativo, dos elementos das direcções-gerais responsáveis pelas questões administrativas, como forma de obter maior unidade de gestão», foi hoje publicado um decreto-lei que dá nova redacção a várias disposições do Decreto-Lei n.º 41 995, que promulgou a orgânica da Junta de Energia Nuclear.

Outro decreto-lei, também hoje publicado sujeita à inspecção da Junta de Energia Nuclear as empresas que procedam ao estudo ou ao exercício de actividades nucleares.

Tractor colhido pelo comboio

VILA FRANCA DAS NAVES, 5. — O comboio-correio que vem da Guarda para Celorico da Beira colheu, numa passagem de nível desta vila, um tractor com reboque, conduzido pelo seu proprietário, Francisco Martins.

O tractor ficou destuído. O condutor, que é comerciante e reside em Vila Franca das Naves, ficou ligeiramente ferido.

A referida passagem de nível está devidamente sinalizada. Penase, por isso, que o acidente foi motivado por distração do condutor do tractor.

MERGULHÃO

AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 — Telef. 30013

PARIS
172
DANDO
AS SUAS
DE VERÃO
SENHORA
CAMISAS
GRAVATAS

Torre



de Babel

João Medina

O CONGRESSO DOS MAGOS

«Eu não acredito em bruxas — dizia Sancho Pança. — Mas que as há, há.» E estava dentro da razão o escudeiro quixotesco: podemos não acreditar em bruxedos ou feitigarias, mas nem por isso deixam os magos de existirem. A prova: está reunido actualmente em Paris um congresso dos magos. Não tinha carradas de razão o gordo companheiro de D. Quixote? O autor desta crónica também não acredita em bruxas; mas que elas existem, ah!, isso está fora de dúvida, uma vez que as vemos reunidas num «sabbat» parisiense.

Ora um congresso de profissionais da magia branca e negra deve ser coisa muito formosa de se ver e sem dúvida digna de toda a atenção. Apesar de estarmos separados daqueles feiticeiros por uma sólida defesa natural que nos preserva dos miasmas que porventura os caldeirões do congresso exalam (refiro-me aos Vosgos), espreitemos do alto da nossa torre o estranho conclave de taumaturgos, espíritas, telepatas, bruxos, videntes extralucidos, astrólogos, faquires, prestidigitadores, cabalistas, rosa-cruzes, hipnotizadores, hermetistas, «médiuns», etc. Todavia e como receávamos, o congresso realiza-se à porta fechada, de modo que teremos de reduzir as nossas observações a umas quantas conjecturas sobre o estilo e o sentido desta reunião pouco vulgar.

Reuniram-se os bruxos, faquires e «tutti quanti» no Olympia, sala geralmente alugada aos chamados «ídolos da canção», isto é, a uns rapazinhos tontos que uivam ou babam necedades ao microfone, enquanto uma sala de juvenis se contorce, arranca os cabelos e geme mesmerizada. Deste culto ao congresso dos magos vai só um passo — ou nem tanto. Ao contrário do feiticeiro africano, o que é um Johnny Halliday senão um mágico ocidentalizado, com uma farda contácorrente, uns sortilégios adequados à mentalidade industrial e uns crentes tão néscios como os hotentotes? Por este prisma, portanto, nenhuma sala parece indicada para

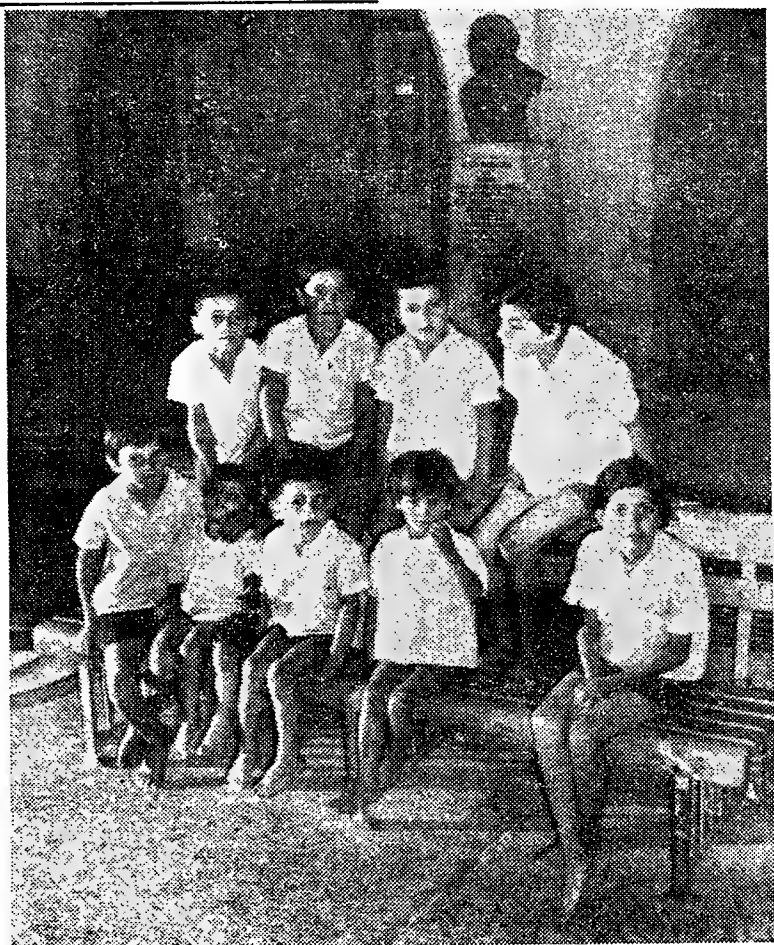
um conclave de bruxos como o Olympia, ressaltando com a devida vénia alguns hóspedes desta sala como Bécaud, Brel e Brassens.

Ao contrário do que geralmente sucede em congressos laicos, a reunião dos magos passa-se toda à porta fechada. Nada mais natural: não é a magia coisa que se expõe à luz, antes pede uma certa e propícia penumbra. Os gestos, os amuletos, os conjuros e as encantações não se casam com a frieza translúcida da razão. Daqui toda esta fauna mais do que bizarra se reunir à meia-luz, um tanto à socapa, não para fugir aos impostos mas para se furiar à mirada do bom-senso. A «Arte real» vive do maravilhoso, da credulidade e do delírio — e onde começa a razão crítica fogem da claridade os morcegos, escondem-se as quimeras, rasga-se o véu da fantasia e mostra o real a sua nudez, forte sem dúvida, mas nem sempre amável.

Espreitando Paris do alto desta torre, vendo ao longe fumegar e luzir a cidade, pergunto-me finalmente: mas porquê escolherem a capital francesa? No ano passado, por exemplo, estiveram os bruxos reunidos em Baden-Baden, cidadezinha digestiva, alcalina e diurética no sopé da Floresta Negra, a dois passos daqui. Ora em Baden-Baden, além dum casino e de dois castelos, só há o comando supremo das forças francesas estacionadas na Alemanha. E que pode tudo isto ter que ver com a magia, branca ou negra? Nada, já se vê.

Se Baden-Baden, não obstante a vizinhança mística da Floresta Negra (por lá vive ainda o feiticeiro Heidegger), nada tinha para atrair a si um congresso de bruxos, que dizer de Paris? Será a velha Lutécia uma cidade embruxante que exerce especial fascínio sobre os Cagliostros e Faustos do nosso tempo? Não lo sei.

Strasbourg, Setembro de 1968 J. M.



Nove crianças protagonistas do crime do Barreiro (três filhos do criminoso e seis da vítima) encontram-se, desde ontem, na Colónia Balnear Infantil do nosso prezado colega «O Século», em S. Pedro do Estoril

CHOCOLATES TÁCIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

SÃO SÓ 15 DIAS!!

CALÇADO PARA HOMEM,
SENHORA E CRIANÇA

DESDE 30\$00

RESTOS DE COLECÇÕES

SAPATARIA LISBONENSE

RUA AUGUSTA, 202 * RUA DA ASSUNÇÃO, 57

Este estabelecimento não encerra aos sábados

LIBRAS OURO

Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º

JÁ ANUNCIADAS

1.º) — DIONÍSIO G. DO VALE — PORTO

2.º) — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, dá-lhe a saúde da boca e dos dentes

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO

Tumultuosa recepção a Nixon em Chicago

CHICAGO, 5. — (R.) — O antigo vice-presidente Richard Nixon teve uma tumultuosa recepção quando ontem chegou a Chicago, para iniciar a sua campanha eleitoral para a presidência.

O candidato republicano fazia-se acompanhar pela mulher, Pat, e pelas filhas, Patricia e Julie, bem como pelo noivo da última, David Eisenhower, neto do antigo presidente Dwight Eisenhower.

Toneladas de folhas de papel e fragmentos de jornais foram lançadas pelas janelas dos escritórios instalados nos arranha-céus

da cidade, quando os Nixon, num carro aberto, atravessaram as mesmas ruas onde, há uma semana, se travaram violentos recontros entre a Polícia e manifestantes, durante a convenção do Partido Democrático.

«É a maior recepção que até agora tivemos em Chicago», comentou Nixon.

Agentes dos serviços secretos e da Polícia de Chicago mantiveram-se permanentemente junto de Nixon e da família, mas não se verificaram quaisquer incidentes.

Em contraste com as violências verificadas a semana passada, tanto a multidão como a Polícia não davam o mínimo indicio de tensão.

Entre os cartazes empunhados por uma multidão que se juntou

em frente do hotel onde o candidato à presidência ficou alojado, viam-se alguns com o distico: «Apolamos Daley. Benvindo Nixon. Apolamos a nossa Polícia».

BRUTALIDADES

O «mayor» de Chicago, Richard Daley, um dos principais alvos da tempestade de protestos provocada por alegadas brutalidades praticadas pela Polícia, a semana passada, contra manifestantes, tem recebido nos ultimos dias um verdadeiro alude de correio vindo de todos os pontos dos Estados Unidos, apoiando a sua posição e a acção do departamento da Polícia de Chicago.

Richard Nixon resolveu iniciar a sua campanha eleitoral em Chicago, para assinalar a sua intenção de dar luta ao seu rival democrático, o vice-presidente Hubert Humphrey, principalmente nos sete ou oito maiores Estados Industriais do Norte do país. O Estado do Illinois é um dos de maior importância para as eleições de Novembro.

ESCÂNDALO POLÍTICO

Com vista às eleições municipais do Baixo-Saxe os Partidos Cristão-Democrático e Liberal concluíram uma aliança com o grupo da extrema-direita N. P. D. destinada a facilitar a eleição de um candidato conservador contra um adversário socialista.

A notícia, apesar do carácter limitado da aliança, que abrange apenas as eleições em duas localidades com cerca de quatro mil habitantes, provocou um escândalo político, tanto mais grave quanto o Governo regional do Baixo-Saxe repousa sobre uma aliança entre cristãos-democratas e socialistas. Por outro lado, não foi excluída a hipótese de o entendimento se estender a outras localidades.

Denunciado pelos socialistas, o acordo eleitoral com o N. P. D. provocou reacção de desagrado dos mais altos dirigentes dos Partidos Cristão-Democrático e Liberal, que condenaram a iniciativa tomada pelos dirigentes locais do Baixo-Saxe. Na verdade, já não era possível anular o que estava feito e a única forma de dar satisfação a uma pressão cada vez

maior da opinião pública era considerar a aliança como um «erro grosseiro da táctica política», tal como fez um porta-voz da C. D. U.

Não está excluída a hipótese de os responsáveis sofrerem medidas disciplinares que, a concretizarem-se, determinarão a sua exclusão dos respectivos Partidos.

Um deputado cristão-democrático escreveu ao chanceler Kiesinger sublinhando a «monstruosidade política de tais acordos. Como presidente do Partido — acrescentava — deve condenar sem equívoco possível o que se passou no Baixo-Saxe».

A questão que com mais insistência se coloca respeito à possibilidade de este género de alianças poder passar de um plano regional ou local para um plano federal. Afinal de contas, diz-se, as discordâncias ideológicas entre os grupos políticos em causa não são de molde a impedir alianças eleitorais, tais como aquela a que se acaba de assistir no Baixo-Saxe, cujas eleições decorrerão daqui a quatro semanas.

P. C.

BAIXA A POPULARIDADE DO PRESIDENTE JOHNSON

PRINCETON (Nova Jersey), 5 — (F. P.) — Segundo uma sondagem de opinião publicada pelo Instituto Gallup, a popularidade do presidente Johnson atingiu o nível mais baixo até agora verificado. Apenas 35 por cento das pessoas interrogadas aprovam a forma como o presidente desempenha o seu cargo, enquanto 52 por cento não estão satisfeitas.

Em Agosto de 1965, a popularidade de Johnson era de 65 por cento, mas baixou para 36 em Março ultimo, pouco antes de haver sido anunciado a limitação dos bombardeamentos do Vietnam e a sua renúncia a novo mandato.

O Instituto Gallup atribui a baixa da popularidade de Johnson à guerra no Vietnam. Em Agosto de 1965, 24 por cento dos norte-americanos apenas se tinham pronunciado contra o envio de tropas para o Vietnam, mas, três anos depois, esta percentagem atingiu 53 por cento.

O CANDIDATO REPUBLICANO PRECONIZA PRESSÃO SOBRE A U. R. S. S.

CHICAGO, 5 — (R.) — O candidato republicano à presidência propôs, ontem à noite, que os Estados Unidos exerçam pressão económica e diplomática sobre a União Soviética, a fim de conseguirem maior liberdade para os povos da Europa Oriental.

Falando pela Televisão, Richard Nixon, num discurso de abertura da sua campanha eleitoral, disse que os Estados Unidos devem utilizar todos os meios para fazer pressão a fim de convencerem a União Soviética a dar liberdade de escolha «aos povos cativos da Checoslováquia, da Polónia e de outros países da Europa Oriental».

Nixon disse ainda que se for eleito presidente em Novembro, limitará o auxílio americano ao estrangeiro, tornando-o mais selectivo e condicional. Retirá, nomeadamente, todo o auxílio aos países árabes que ameacem a paz no Médio Oriente, mantendo o equilíbrio das forças favorável a Israel.

ATITUDE DIFERENTE

Nixon foi entrevistado por oito jornalistas, comerciantes e professores no mesmo estúdio em que defrontou o então senador John Kennedy no primeiro dos seus famosos debates transmitidos pela Televisão, durante a campanha eleitoral de 1960.

Nixon afirmou que a lista dos produtos vendidos pelos Estados Unidos à U. R. S. S. devia ser limitada, salientando: «Não creio que devamos fazer quaisquer concessões comerciais enquanto a União Soviética não adoptar uma atitude diferente para com os países da Europa Oriental».

O candidato republicano disse, no entanto, que os Estados Unidos deviam continuar a manter boas relações com a U. R. S. S. embora negociando com ela de forma dura e realista, tal como eles são duros e realistas.

CONFRONTAÇÃO

Falando sobre a questão do auxílio ao estrangeiro declarou: «Não penso que o povo dos Estados Unidos deva pagar impostos para que o Governo distribua dinheiro pelo Mundo, a fim de perpetuar instituições que devem ser alteradas».

Nixon mencionou especificamente o auxílio americano à Índia e disse que ele tem sido um malogro.

O candidato republicano disse ainda que os Estados Unidos terão que «ter uma conversa directa» com a União Soviética, para sublinhar que «o interesse do mundo livre no Médio Oriente é tão grande que, se os russos continuarem a reforçar as forças hostis no mundo árabe, haverá uma confrontação e uma explosão».



Um civil sul-vietnamiano, ferido gravemente quando uma granada lançada por um terrorista deflagrou em frente do quartel-general americano em Saigão, é transportado para uma ambulância. No chão, jazem o corpo de um polícia e uma mulher ferida

GUERRA DOS COMUNICADOS NO VIETNAM

SAIGÃO, 5 — (F. P.) — Como em todas as batalhas, cada um dos beligerantes no Vietnam se atribui vitórias desmentidas pelo seu adversário e, para não fugir à regra, a guerra dos comunicados recomeçou hoje.

O informador militar americano, dirigindo-se à Imprensa, procurou demonstrar a inexactidão dos «boletins vitoriosos» difundidos pelos emissários clandestinos da Frente Nacional de Libertação, no decurso da série de ataques das ultimas três semanas.

A F. N. L. afirmou que as suas tropas lançaram ataques, na noite de 17 de Agosto, «à base dos «rang» vietnamianos de Katum, 40 km a nordeste de Tay Ninh, havendo aniquilado duas companhias, bombardeado a pista de aterragem, destruído três helicópteros e um aparelho de transporte». Ora, esclareceu o informador, este ataque verificou-se em Katum, no dia 18 de manhã, contra um campo das forças especiais, que tiveram 14 mortos e 30 feridos, enquanto o inimigo deixou 59 mortos no terreno. Ficaram também feridos nesse ataque, dois soldados americanos. O

assalto, efectuado com armas automáticas e granadas, terminou no dia seguinte, às 6 horas.

O informador americano citou outros casos. Por exemplo, quando a F. N. L. se referia a 60 veículos destruídos, incluindo blindados, na realidade não passavam de seis. Noutra ocasião, morreram oito americanos e ficaram feridos 45 e Hanoi anunciou numeros quatro vezes maiores.

Por ultimo, o informador mencionou um comunicado da F. N. L. sobre o Vietnam central, em que se afirmava que «o inimigo foi atacado em todas as frentes de batalha, todas as cidades, todas as bases dos americanos e dos fantoches vietnamianos, todas as vias de comunicação, todas as unidades americanas».

«Os regimentos dos fantoches» — acrescentava o tal comunicado — «foram postos em debandada e o Quarto Regimento teve pesadas perdas, especialmente em redor de Da Nang».

O informador limitou-se a referir, a este respeito: «Entre 18 e 24 de Agosto foram mortos 4755 ele-

mentos inimigos, ao passo que só morreram nesses combates 308 americanos. Isto dispensa comentários».

OS APUPOS TRANSFORMARAM-SE EM APLAUSOS

PERTH (Austrália), 5 — (R.) — Um pequeno grupo de imigrantes checoslovacos e búlgaros, empunhando cartazes, realizaram, a noite passada, uma manifestação de protesto em frente de um teatro de Perth, no Ocidente da Austrália, quando ali se exibia a companhia do «ballet» russo de Moiseyev.

No interior do teatro, os artistas foram recebidos com apupos, mas estes depressa se transformaram em calorosos aplausos da assistência que enchia por completo a sala.



BALÃO VERMELHO
BOUTIQUE
PARA MENINAS ATÉ 16 ANOS
APRESENTA SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO
SHOPPING CENTER DA STAR
Aven. António Augusto de Aguiar, 1-B — LISBOA

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO

Os atentados em Tel-Aviv parecem ser uma resposta aos ataques israelitas

TEL-AVIV, 5 — (R.) — A Polícia deteve para interrogatórios 50 suspeitos, no prosseguimento dos seus esforços para descobrir os árabes responsáveis por três explosões de dinamite ocorridas ontem na área da estação central dos autocarros de Tel-Aviv, das quais resultou a morte de um homem idoso. Mais de 50 pessoas ficaram feridas.

Oito árabes ficaram também feridos por terem sido agredidos por jovens judeus, que atacaram todos os árabes que encontraram nas

ruas, como represália contra os atentados.

A Polícia teve de intervir para proteger os árabes da cidade e o comandante Yaacov Kaner, chefe da Polícia distrital, declarou que os seus homens tiveram ocasião de salvar mais de 100 árabes na área onde se verificaram as explosões.

As forças de segurança nomearam uma equipa especial de investigadores para a descoberta dos autores dos atentados terroristas os quais, segundo notícias publicadas pela Imprensa de Beirute, pertencem à Frente Popular para a Libertação da Palestina.

EXPLOSIVOS AMARRADOS A POSTES DE SINALIZAÇÃO

Os explosivos, contidos em pequenos recipientes que haviam sido amarrados a postes de sinalização de trânsito, deflagraram de forma mais ou menos semelhante à de uma série de explosões recentemente verificadas em Jerusalém, com a diferença de que foi utilizado dinamite com dispositivos retardadores, em vez de granadas.

Mais de 300 000 pessoas utilizam diariamente a estação dos autocarros e a praça onde está situado o terminal das carreiras estava repleta de gente quando se deram as explosões.

Há quem pense que as explosões verificadas em Tel-Aviv e em Jerusalém constituem uma resposta dos guerrilheiros árabes à acção dos israelitas contra os incursores armados que atravessam o rio Jordão.

As patrulhas israelitas ao longo das linhas de cessar-fogo têm conseguido reduzir bastante as actividades dos guerrilheiros, e as forças de Israel têm feito frequentes ataques para lá das linhas, a fim de reduzir as acções de tipo militar a que se entregam os membros da organização Al Fatah e outros bandos de guerrilheiros.

PODIAM TER VINDO DE AUTOCARRO

As autoridades israelitas não têm posto entraves à concessão de autorizações para a passagem das linhas de cessar-fogo, em qualquer dos sentidos.

Todos os dias árabes da margem ocidental do Jordão e de Gaza entram em território israelita utilizando os transportes públicos ou

viajando nos seus próprios carros, pelo que os terroristas árabes não devem ter tido, praticamente, qualquer dificuldade em alcançar a estação dos autocarros de Tel-Aviv. «Podiam ter vindo de autocarro e partido de autocarro», observou uma autoridade a noite passada.

Quase 500 veículos roubados o mês passado em Madrid

MADRID, 5 — (A. N. I.) — A capital da Espanha, como todas as grandes cidades, encontra-se a braços com os problemas de trânsito e com o roubo de veículos: só em Agosto «desapareceram» cerca de meio milhão de carros.

O número de veículos subtraídos aos seus donos legítimos foi, no mês passado, exactamente de 497, figurando entre as vítimas um inválido, a quem roubaram o seu «carrinho» motorizado, a actriz Sarita Montiel, a quem roubaram um luxuoso carro, e o pároco da aldeia de Mesas Ibor, na provincia de Cáceres, que veio de férias a Madrid no seu modesto «600» e depois lhe encontrou apenas o lugar.

Os roubos, porém, não se limitam apenas aos civis, porque também desapareceram duas motocicletas da Polícia, uma delas estacionada à porta do commissariado da Polícia, e outra junto da prisão da cidade.

ATENTADO EM GAZA

TEL-AVIV, 5 — (F. P.) — Uma granada foi ontem lançada contra um veículo militar israelita na cidade de Gaza, perto da estação — anunciou o informador militar israelita. Não há vidas humanas a lamentar.

O informador indicou igualmente que um camião civil tinha sido destruído pela explosão de uma mina na região de Saran, perto do Mar Morto. Também este atentado não fez vítimas.

Possível libertação do «Pueblo» e dos tripulantes

WASHINGTON, 5 — (F. P.) — O representante William Dickenson (repblicano do Alabama) declarou que o navio-espião americano «Pueblo» e a sua tripulação de 81 homens poderiam ser libertados pelo Governo norte-coreano no próximo dia 8, data do aniversário da fundação da República Popular da Coreia do Norte.

Dickenson, que é membro da comissão das Forças Armadas da Câmara, disse aos jornalistas haver obtido a informação de meios dignos de fé, que não identificou.

O «Pueblo» foi apresado em Janeiro deste ano, pelos norte-coreanos, que afirmaram estar o navio nas suas águas territoriais.

A ARGENTINA AGITADA COM AS HISTÓRIAS DE «DISCOS» VOADORES

BUENOS AIRES, 5. — (R.) — Centenas de pessoas acorreram hoje a uma estrada na periferia de Buenos Aires, depois de terem circulado boatos de um choque entre um automóvel e um «disco voador». Segundo esses boatos, dois tripulantes do «disco voador» teriam sido capturados, mas a Polícia e os oficiais de duas bases aéreas próximas, ao serem interrogados, disseram nada ter a comunicar.

Entretanto, enquanto toda a Argentina continua muito agitada com as recentes histórias de «discos voadores», um juiz procedeu ontem a um inquérito oficial em Mendoza, procurando apurar o que há de verdade na história contada por dois homens daquela cidade, que descrevem em pormenor a aterragem de um «disco voador».

Igualmente em Mendoza, um casal afirma ter visto outro «disco voador» e em Bata Blanca uma rapariga diz que um ser proveniente do espaço esteve em sua casa. A jovem Susana Larrude diz que um ser estranho, alto e calvo, cujos olhos brilhavam, bateu à porta de sua casa, no sábado de manhã.

Quando foi abrir, o estranho desapareceu e ela desmaiou de susto.

Entretanto, em Mendoza, o juiz Jorge Marzari fez apertado interrogatório a Juan Carlos Pecinetti e a Fernando José Villegas, funcionários de um casino, os quais afirmam ter encontrado um «disco voador» no sábado de madrugada, quando seguiam de automóvel.

Os dois homens dizem que o «disco» tinha cinco tripulantes, que se divertiu a fazer inscrições no automóvel com aquilo que parecia ser um maçarico de oxigénio. Os exames feitos ao carro revelaram vestígios de mercúrio e enxofre.

Finalmente, os cinco visitantes do espaço teriam embarcado novamente no seu «disco», que partiu a alta velocidade, provocando um estampido.

Francisco Gomez e sua mulher afirmam que, na mesma madrugada, o seu automóvel foi seguido, próximo de Mendoza, por um objecto circular, que emitia luzes coloridas da parte inferior, e que, por fim, se afastou a grande velocidade.



O primeiro-ministro Oldrich Cernik (à direita) e o primeiro-secretário do Partido Comunista checoslovaco, Alexandre Dubcek, durante uma reunião da comissão central daquele partido, realizada depois da invasão

DUBCEK VISITOU FÁBRICAS PARA AGRADECER AOS TRABALHADORES

PRAGA, 5 — (R.) — Os checoslovacos tiveram ontem possibilidade de ver televisão pela primeira vez desde que as tropas do Pacto de Varsóvia invadiram o país. Foram transmitidos os programas normais de notícias e entretenimento.

Uma locutora, loira e bonita, foi quem anunciou o resumo dos programas, que tiveram início com uma canção patriótica.

O pessoal da Televisão «retoma o seu trabalho no ponto em que o interrompeu», disse a jovem, escondendo dificilmente a sua emoção, agradeceu aos telespectadores a sua calma e disciplina nos momentos difíceis que o país tem estado a atravessar.

Durante o programa noticioso, viu-se Alexander Dubcek, dirigente do Partido Comunista do país, a quem, agora, compete a ingrata tarefa de persuadir os checoslovacos, ansiosos pela liberalização política, a aceitar o rumo conservador que lhes foi ditado pela União Soviética. As imagens mostraram Dubcek a aceitar um ramo de flores das mãos de uma pequenita, à entrada do edifício do Partido.

A noite passada, Dubcek visitou três das grandes fábricas da capital, e Rádio Praga anunciou que o chefe do Partido agradeceu aos trabalhadores a sua posição revolucionária.

Entretanto, a Checoslováquia continua disposta a enviar uma equipa

TRANSPLANTAÇÃO TRIPLA

CLEVELAND (Ohio), 5 — (R.) — Médicos do Hospital Clínico de Cleveland transplantaram com êxito o coração de uma mulher de 25 anos para o corpo de um homem de 50, no decurso de uma operação efectuada a noite passada.

Transplantaram também os rins da dadora para dois homens que, há meses, aguardavam a possibilidade de se realizar a operação.

A dadora, Barbara Smith, do Arkansas, divorciada e mãe de um rapaz de 10 anos, morreu em consequência de um acidente de viação ocorrido no «Dia do Trabalho» em Cleveland. O seu falecimento verificou-se ontem à tarde.

Os três pacientes encontram-se bem, segundo os informadores do hospital.

Johnson e Kossyguine encontrar-se-ão num terceiro país?

LONDRES, 5. — (A. N. I.) — A diplomacia soviética encara seriamente a possibilidade de uma entrevista do presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, com o presidente do Conselho russo, Alexe Kossyguine — afirma-se nos círculos diplomáticos de Londres.

Como actualmente se tornou impraticável uma visita de Johnson a Moscovo a entrevista deve realizar-se num terceiro país.

Desde a invasão da Checoslováquia, os embaixadores da União Soviética no estrangeiro têm procurado por todas as formas acalmar os receios do Ocidente sobre uma alteração de importância nas intenções políticas da U. R. S. S.

Os seus esforços desenvolvem-se especialmente nos Estados Unidos, assegurando que a U. R. S. S. continua a desejar a política de «coexistência».

de atletas aos Jogos Olímpicos, no México, apesar dos treinos dos seus representantes terem sido interrompidos devido à invasão.

Quando anunciou esta intenção, Alois Sokol, secretário da Comissão Olímpica da Checoslováquia, declarou que o impacto psicológico dos acontecimentos verificados nos últimos 15 dias tornou os treinos impossíveis.

As instalações desportivas sofreram danos e os fundos destinados ao desporto foram reduzidos em 30 milhões de coroas, devido à interrupção da lotaria nacional. Além disso, tanques soviéticos estiveram estacionados em recintos desportivos e campos de futebol.

FILME DOS «BEATLES»

DEMASIADO INTELECTUAL

LONDRES, 5 — (A. N. I.) — «Yellow Submarine», a última longa metragem dos «Beatles», quase toda em desenhos animados, foi retirada pela Rank Organization de alguns cinemas ingleses daquela cadeia, de que era propriedade, com grande desapontamento para os «Beatles» e para a United Artists, que distribuiu o filme.

A Rank declarou que a película é inferior ao que se esperava, que tem demasiadas ambições intelectuais para agradar ao público e que por isso teve de retirá-la de alguns cinemas. Em alguns casos, foi substituída pelo antigo filme de desenhos animados «Peter Pan». «Ao menos este é compreendido pelas crianças» — afirmou o director de um cinema.

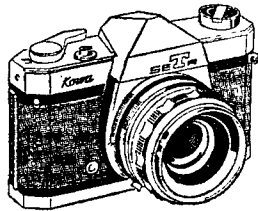
3.000.000\$00

Preciso para melhorar Indústria extractiva. Remuneração de 15 % ao ano. Sou o próprio. Resposta a este jornal ao n.º 397.

Kowa ELMO

ARTIGOS DE ÓPTICA
IMPORTADOS DO JAPÃO

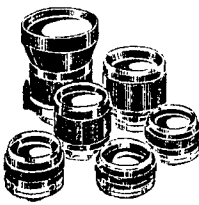
opal



máquinas
fotográficas
KOWA

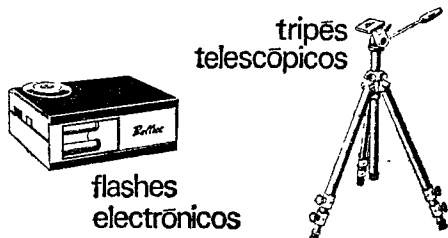
35mm sistema REFLEX
com célula CdS

da melhor qualidade
ao mais baixo preço!



tele-objectivas,
objectivas grande
angular, filtros,
para-sol, etc...

PRODUTOS KOWA PARA
BOAS FOTOGRAFIAS
preços razoáveis

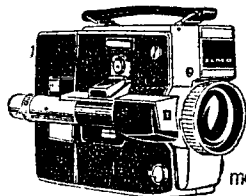
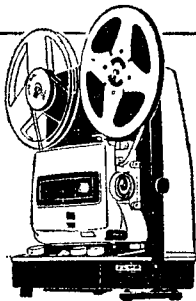


flashes
electrónicos

tripés
telescópicos

ELMO
PROJECTORES
para filmes de 8mm
normal e super

PROJECTORES
SONOROS
para filmes de super 8 e 16mm



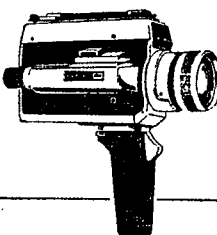
ELMO

MÁQUINAS DE FILMAR
para filmes super-8, simples 8 e
normal 8

Três máquinas numa só.

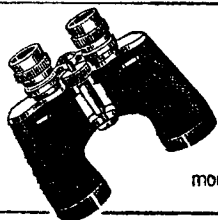
OBJECTIVA ZOOM
célula foto-eléctrica

modelo C-200 e C-300



ELMO SUPER 104

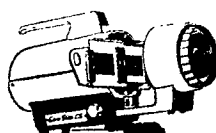
NOVA MÁQUINA DE FILMAR
para filme Super 8
— totalmente automática,
com Zoom eléctrico
e visor através da objectiva.



binóculos
prismáticos
KOWA - TIPO AMERICANO

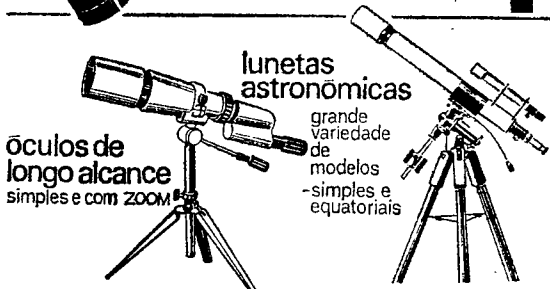
excepcionalmente luminosos
e muito leves.

modelos desde 7x21 até 20x60



projectores para
diapositivos

DIVERSOS MODELOS
COM LÂMPADA DE
BAIXA-VOLTAGEM
LUZ FRIA



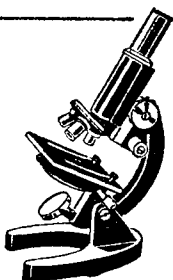
lunetas
astronómicas

grande
variedade
de
modelos
— simples e
equatoriais

óculos de
longo alcance
simples e com ZOOM

microscópios
escolares
modelos para
estudantes a
partir de 250\$00

GRANDE SORTIDO



à venda nas melhores casas da especialidade

PEÇA PROSPECTOS DESCRITIVOS AOS REPRESENTANTES E IMPORTADORES

EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª, L.ª

RUA SANTO ANTÓNIO 137-145 - PORTO - TELER. PPCA. 20254
RUA ANTERO DE QUENTAL 17-2º - LISBOA - TELES. 553366 e 535038



SAAB

O automóvel
que lhe convém!

* O carro de origem sueca
que venceu as estradas de Angola

Represent. para todo o País:

Cimpomóvel Av. 5 de Outubro, 97-99 * T. 77 90 66 — LISBOA
Nr. Porto: STAND DA CONSTITUIÇÃO — R. da Constituição

SPIROS

O COMPRESSOR FRANCÊS DE QUALIDADE
PARA TODOS OS DÉBITOS

VASCO PESSOA, LDA.

RUA DA BOAVISTA, 63 — Telef. 667648 - 668364 - 666675

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRÁULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS
VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

LIQUIDAÇÃO TOTAL

TODA A EXISTÊNCIA DA

Vidrararia e Louçaria Solar, Ld.ª, Rua António Pereira Carrilho, 23-A,
ao Chile.

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO

Grande quantidade de bonitas garrafas de mesa, alumínios, plásticos,
artigos electrodomésticos, variadas louças, vidros e diversos artigos deco-
rativos.

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS
ACESSÍVEIS



///

Avenida Padre
Mannel da N.º
Brega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

T.V.

SCHAUB LORENZ

RÁDIO

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125\$00 MENSAIS—JURO DE 8 %

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos
com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com
materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora.
Centro da Amadora frente à estação do C. F. Portas de Benfica, Parede, Alapraia
e brevemente em Cascais e Lisboa.

NAO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇÃO DE BEM SERVIR COM SIMILARES
INFORMAÇÕES

Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 1.º Esq.º — Tels. 478 43 e 458 43

Queluz — R. D. Maria I, 30 — Tels. 95 20 21 e 95 20 22

Amadora — Reboleira — Tel. 93 36 70

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE \$60

Distribuidores exclusivos nos
distritos de Lisboa e Setú-
bal, dos azulejos Celena

BANHEIRAS DE FUNDAÇÃO
E CHAPA ESMALTADA

Grande quantidade de poli-
bains de ferro fundido

PREÇOS
SEM CONCURRENCIA

PLÁSTICO PVC RÍGIDO

Distribuidores exclusivos do
material plástico PVC rígido,
para revestimentos de pare-
des, tectos, divisórias para
escritórios, portas extensíveis
e planas e chapas de cober-
tura, da Fábrica de Plásticos
Valverde

A BOA QUALIDADE
A BAIXO PREÇO

A maior gama de materiais
de construção, especialmente
revestimentos, tintas, drogas,
ferragens e ferramentas

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30
QUELUZ

Praça Padre Eduardo Ferreira
de Amaral, 3-A — AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)

J. PIMENTA

ANDARES

AZULEJOS

BAIRRO EM CONSTRUÇÃO NAS MINAS DA PANASQUEIRA HOJE VISITADO PELO SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA

MINAS DA PANASQUEIRA, 5. — O secretário de Estado da Indústria, sr. eng. Amaro da Costa, visitou hoje as Minas da Panasqueira, com o intuito de se inteirar dos novos métodos de exploração e apreciar o novo bairro em construção na localidade de Barroca Grande.

Acompanham aquele membro do Governo o sr. dr. Simplicio Barreto Magro, governador civil de Castelo Branco, e os srs. eng. Borges Terenas e dr. José Esteves Pinto, presidentes das Câmaras Municipais da Covilhã e Fundão, respectivamente, além de outras individualidades.

Os novos métodos de exploração permitiram já que se atingis-

sem as 150 toneladas de volfrâmio por mês e os resultados são de molde a esperar que os lucros de exploração atinjam os 70 mil contos anuais.

O problema habitacional das Minas da Panasqueira está a ser encarado pela respectiva empresa que deve gastar cerca de 20 mil contos no bairro em construção na Barroca Grande.

Três povoações com 536 casas

Com efeito, as Minas dispõem actualmente, de 536 habitações, agrupadas nas povoações da Panasqueira, Barroca Grande e Rio.

A Panasqueira que é a mais antiga, desenvolveu-se junto dos primitivos trabalhos da mina e instalações de superfície, instalações essas já hoje transferidas para a Barroca Grande e Rio. Aquela povoação dispõe de 220 casas, servidas por 3 escolas primárias, capela, armazéns de víveres, um clube recreativo e um cinema em edifício próprio. Dada a longa vida da maioria dos seus edifícios, a sua conservação é bastante dispendiosa para a empresa concessionária das minas. Por esta razão e pelo facto de aquele aglomerado populacional se encontrar já muito distante dos trabalhos subterrâneos, a povoação tende a desaparecer e os seus habitantes serão transferidos para novas casas em construção na povoação da Barroca Grande.

A povoação da Barroca Grande é hoje o núcleo habitacional mais importante. É aqui que se encontra a sede de todos os serviços técnicos e administrativos da empresa. Além dos edifícios onde se encontram instalados todos estes serviços, dispõe a povoação de 240 casas de habitação e 9 dormitórios para solteiros, com a capacidade para 320 operários. Uma capela, um hospital modernamente apetrechado, um clube recreativo, cantina, padaria, armazém de víveres, campos de jogos etc. anexam este aglomerado.

Transferência dos habitantes da Panasqueira

Com o fim de levar a efeito a projectada transferência de todos os habitantes da Panasqueira, está actualmente a construir-se na Barroca Grande um novo bairro operário com mais 150 casas, um novo edifício escolar para mais 4 salas de aula e ainda um balneário para mineiros, no qual deve a empresa gastar cerca de 20 000 contos.

Depois deste programa de novas construções, tenciona a concessionária do Couto Mineiro da Panasqueira remodelar as antigas casas já existentes em Barroca Grande, por forma a dotá-las com todos os requisitos modernos, indispensáveis ao melhoramento do nível de vida de todos os seus habitantes.

Finalmente, a povoação do Rio desenvolve-se junto da Lavaria do Cabeço do Pião e dispõe, além dos edifícios industriais, de 76 casas de habitação, também servidas por uma capela, uma escola, um clube recreativo e um armazém de víveres.

Novas disposições sobre abate de bovinos e fomento do armentio leiteiro

Um despacho do ministro da Economia, agora publicado, introduz alterações ao condicionamento do abate de bovinos, bem como a

concessão de dotações especializadas. Estabelece, também, medidas visando o aumento e melhoramento do armentio leiteiro.

Para condicionamento do abate, são fixados os seguintes limites mínimos de peso para carcaças de bovinos: de 60 quilos para adolescentes das raças autóctones, com excepção da turina; de 80 quilos para adolescentes da raça turina, das raças estrangeiras e de produtos de qualquer cruzamento; de 100 quilos para adultos de qualquer raça. O despacho fixa a concessão de dotações especializadas para criação e conservação de animais e estabelece que sempre que as circunstâncias o aconselharem, poderão ser instalados centros de demonstração de recria de vitelos nas estações e postos zootécnicos, nas estações e postos agrários, em outros estabelecimentos do Estado e nas associações agrícolas e explorações de particulares.

São criados prémios nacionais de alta produção de leite para vacas geradas em Portugal, inscritas no livro genealógico e pertencentes a empresas privadas que em provas de contraste oficial revelem produções superiores a 800 quilos de leite com, pelo menos, 3,5 por cento de gordura.

Os prémios, no valor de 20 000\$ cada um, só poderão ser atribuídos uma vez a cada animal, limitando-se o seu número às 50 maiores produtoras que tenham completado o contraste lactomanteigreiro no ano anterior.

INAUGURADO

EM SESIMBRA

UM DEPARTAMENTO

DO BANCO

NACIONAL ULTRAMARINO

No reconhecimento de que as necessidades operacionais dos seus clientes, em face do desenvolvimento económico e turístico da região de Sesimbra, não se coadunavam já com os serviços prestados por uma correspondência bancária, o Banco Nacional Ultramarino, numa prova de compreensão para com os problemas do comércio e da indústria locais e, simultaneamente, da dinâmica das suas actividades, acaba de inaugurar em Sesimbra o seu 147.º departamento.

A nova delegação, que funcionará temporariamente em instalações provisórias, foi inaugurada, com a maior simplicidade, tendo assistido ao início dos trabalhos, além do respectivo pessoal, os srs. Francisco Duarte, director do Banco para os assuntos da sede, Jorge Costa e Leal dos Santos, do serviço das delegações da sede.

Logo no primeiro dia de funcionamento, notou-se grande afluência de antigos e novos clientes, os quais foram recebidos, condignamente, pelo sr. Deolindo da Purificação Caferreia, a quem compete dirigir a nova delegação.

Bicicleta de corrida à espera que apareça o dono

Encontra-se apreendida na Sub-directoria de Lisboa da Polícia Judiciária, uma bicicleta a pedais, da marca «Bandier», tipo de corrida, sem chapa de registo de matrícula e tendo colocada uma pequena chapa com a seguinte legenda: Raul D. da Silva, A. S. da Glória, Torres Vedras.

A bicicleta foi furtada no dia 25 do mês de Agosto findo, junto ao mercado de Cascais, e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Os interessados deverão dirigir-se à 6.ª Secção — 1.ª Brigada, agente Lucas Pereira, da mesma Polícia.

COIMBRA



Dom Miguel Osório Cabral de Alarcão

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS
DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Dona Maria de Assunção de Alarcão Albuquerque da Costa Brandão e seu marido José Maria de Albuquerque da Costa Brandão, filhos, genros e netos, Dona Maria Brígida de Sousa Gomes Alarcão, Dona Maria da Conceição de Alarcão Costa Neves e seu marido Henrique Armando Roovers da Costa Neves e filhos, Dona Maria do Carmo de Alarcão Júdice e filhos, Dom José Osório Cabral de Alarcão e sua mulher, Maria Isabel de Sousa Gomes Braga da Cruz, seu marido, Maria Carolina de Sousa Gomes (em religião Madre Maria de Jesus Cristo), Luís de Sousa Gomes e sua mulher, José de Sousa Gomes e sua mulher, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido Pai, Sogro, Avô, Bisavô, Irmão, Cunhado e Parente e que o funeral se realizará no dia 6 do corrente, às 15 horas, da Capela da sua Quinta das Lágrimas, para o cemitério de Santo António dos Olivais.

P. N. A. M.

AGENCIA ANTÓNIO MARIA PINTO

O CHAMPANHE PREFERIDO NAS GRANDES FESTAS

Perrier-Jouët & Co.



LEGÍTIMO E AFAMADO
CHAMPANHE FRANCÊS
DE DELICIOSA QUALIDADE-EXTRA
APRECIADO NO MUNDO INTEIRO

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LIMITADA

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO

Telefones: 26562 - 32228 - 35221 e 24948

J. A. DA COSTA PINA, LDA.

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA

Telefones: PPC 320631/4

FORAM ELIMINADAS EM BRAGANÇA DUAS PASSAGENS DE NÍVEL

BRAGANÇA, 5. — Com a inauguração do desvio do caminho-de-ferro, nesta cidade, a que oportunamente nos referimos, desapareceram duas das três passagens de nível entre a estação local e a da Mosca. Uma das passagens desaparecidas ficava situada logo à saída da estação e era sobremaneira perigosa por ficar no caminho da Escola Técnica; a outra, no sítio das Beatas, prejudicava muito o trânsito na estrada nacional Bragança-Vinhais.

Além disso, anota-se que foi melhorado o piso da gare da estação do caminho-de-ferro, tendo sido

substituída a antiga calçada por um pavimento de cimento.

Chefe da estação

Por ter sido promovido à primeira classe e colocado na estação do caminho-de-ferro do Tua, deixou a chefia da estação desta cidade o sr. Bernardino do Nascimento Marcos, natural de Coleja, concelho de Carraceda de Ansiães.

O sr. Bernardino Marcos é pessoa muito considerada nesta cidade, pela sua competência e qualidades.

O voo de aves

No termo da vizinha freguesia de S. Pedro, deste concelho, o sr. Adelino Rodrigues apanhou um taralhão que era portador de uma anilha de alumínio com as seguintes referências: HIDCOENSEE — 9023 — 2217 — DDR.

A primeira letra do último grupo assemelha-se a um O.

Pedida a captura de um empregado de mesa acusado de furto

A Polícia Judiciária de Lisboa, solicitou a todas as autoridades do País, a captura de José António Cabrita Correia, filho de Manuel Gregório Correia e de Emília Cabrita, solteiro, de 17 anos de idade, empregado de mesa, natural de Oihão, o qual é acusado de ter furtado elevada quantia em dinheiro, na firma onde trabalhava.

Solicita-se assim a quem souber do seu paradeiro, que o comunique pessoalmente ou pelos telefones 533131, 535380 ao agente Sousa Martins, na referida Polícia.

Colhido pelo comboio

No sítio denominado Ponte das Barrocas, freguesia do concelho de Pombal, foi colhido pelo comboio o pequeno Manuel Alves dos Santos, de 2 anos, filho de António dos Santos e de Laurinda Alves; residentes no lugar dos Vicentes.

O pequeno andava a brincar na linha férrea.

Avencas e begónias no «Zoo»

No domingo, abre ao público no salão de festas do Jardim Zoológico de Lisboa, a 16.ª Exposição de Avencas e Begónias.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L.

95 Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

DESPORTO

ATLETISMO

A ESPANHA NÃO TEM PROBLEMAS AO ENFRENTAR A EQUIPA NACIONAL

— O melhor que os portugueses poderão fazer é bater «records»

Felizmente, mas com certa mágoa teremos que afirmar ao iniciarmos estes apontamentos que a equipa nacional de atletismo que já está em Madrid para enfrentar a selecção espanhola, não tem a mínima hipótese de vencer.

E pena que tenhamos de analisar um encontro internacional sob este prisma. A Espanha atenta à valorização dos seus desportistas não perdeu tempo com questões de *lana caprina*, principalmente, no âmbito financeiro. Estabeleceu planos de expansão e fê-los executar com a rigidez que se impunha, pois estava em jogo o prestígio da nação no campo do desporto amador.

Entre nós as limitações de toda a espécie só provocaram dissabores e até uma certa regressão que nada tem de agradável. As estruturas desportivas são de tal fragilidade que ondulavam ao mais frágil soporo...

Mas isto são problemas que apesar de estarem ligados a estes «matos» não devem ser, agora, escalpeados. O facto é que os portugueses vão a Espanha para *perder, rem e bem*. As nossas vitórias dos anos 40 e 50 estão tão longe que ninguém já se lembra delas. Apenas nos arquivos se regista a história e nada mais.

As perspectivas são carregadas. A enorme superioridade global do atletismo espanhol pesa, na verdade, sob os trinta e quatro portugueses encarregados de defender as cores nacionais. Apesar de tudo isto, podemos dizer que entre ambos os países a rivalidade mantém-se dada as características específicas destes «matches».

Aos nossos representantes cabe, contudo, um papel, que terão de desempenhar a contento para não deslustrar a selecção nacional. Isto é, terão de encarar o encontro sob um prisma muito diferente daquele que os números finais nos indicam. A sua disposição terá de ser encaminhada para o estabelecimen-

to de novos «records» nacionais.

O que atrás dissemos teve larga expressão no último encontro com a Espanha (1963). Os portugueses perderam como não podia deixar de ser, mas ilustraram a sua participação com vários «records» nacionais, alguns dos quais ainda se mantêm na tabela.

Cremos, assim, que Carlos Sustelo, Anacleto Pinto, Carlos Tavares, Alberto Matos, Fonseca e Silva, José Magalhães, José Pina, Morujó, Manuel dos Santos e Julio Fernandes, têm fortes possibilidades de dar novo impulso ao atletismo português.

No campo das hipóteses, pois para a equipa portuguesa as certezas são praticamente nulas, podemos dizer que os atletas lusitanos têm à sua frente uma, duas ou três vitórias individuais. O avanço dos espanhóis no campo desportivo é tão grande que cremos ser praticamente impossível nestes próximos dez anos ganharmos qualquer encontro no âmbito de seleções.

No sector entre clubes, a diferença é muito pequena e daí os brasileiros que o Sporting e o Benfica têm feito contra os espanhóis. Nesta diferença que está o segredo e o êxito da expansão do atletismo espanhol. Não se diga que é por causa do potencial humano, pois, países de população nítidamente inferior têm equipas de atletismo de grande potência. Vejamos os casos da Noruega, Finlândia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, Suécia, etc.

No computo dos encontros disputados entre portugueses e espanhóis, os nossos vizinhos triunfaram oito vezes e os portugueses quatro, pertencendo, porém, a maior diferença pontual aos lusitanos (41), em 1945. No último encontro disputado no Estádio do Vallehermoso os nossos vizinhos ganharam 11 das 20 provas, com 29 pontos de avanço.

A equipa espanhola alinhará do seguinte modo:

100 metros — Paraíso (10,3 s.); Jones (10,4 s.).
200 metros — Margarinos (21,3 s.); Paraíso (21,5 s.).
400 metros — Margarinos (46,7 s.); Gayoso (47,3 s.).
800 metros — Bondia (1 m. 43,3 s.); Barbato (1 m. 48,1 s.).
1500 metros — Morera (3 m. 44,2 s.); Amo (3 m. 40,3 s.).
5000 metros — Salgado (8 m. 36,4 s.); Haro (8 m. 37,2 s.).

ANTÓNIO DA SILVA SIMÕES

Faleceu na sua residência o sr. António da Silva Simões, de 66 anos, casado com a sr.ª D. Floriana de Almeida Simões, e que o seu funeral se realizou amanhã, às 11 horas, da igreja de Santos-o-Velho para o cemitério do Ato de S. João.

DR. ALBANO RODRIGUES

DA CUNHA

ADVOGADO EM COIMBRA

Agradecimento

A sua família vem, por este meio, agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que, por qualquer forma, lhe manifestaram pesar pelo seu falecimento.

318 s.); Haro (14 m.).
10 000 metros — C. Perez (29 m. 32,4 s.); Aguilar (29 m. 30,2 s.).
110 m. barr. — Ufer (14,5 s.); Gual (14,6 s.).
400 m. barr. — Gayoso (52,2 s.); Corda (53 s.).
3000 m. obst. — Salgado (8 m. 36,4 s.); Haro (8 m. 37,2 s.).
Altura — Ganida (2,11 m.); Mateos (2,02 m.).
Comprimento — Segura (7,73 m.); Azpetia (7,12 m.).
Triplo — Areta (16,36 m.); Ceuti (13,35 m.).
Vara — Sola (5,10 m.); Consegal (4,80 m.).
Peso — Parajon (16,12 m.); Herreras (16,06 m.).
Disco — Banzo (51,92 m.); Garmentia (44,28 m.).
Dardo — Talon (73,92 m.); Andrés (69,70 m.).
Martelo — Martinez (61,62 m.); Fábila (59,80 m.).
4x100 metros — Jones, Cardia, Palma e Paraíso (40,8 s.).
4x400 metros — Cabernet, Rivas, Gayoso e Margarinos (3 m. 10,6 s.).

CONTROVÉRSIA EM REDOR DO DESPORTO PUGILÍSTICO

GENEVA, 5 — (A. N. I.) — Os pedidos para a abolição do pugilismo contam já com o apoio da Organização Mundial da Saúde que classificou de «espectáculo brutal» em vez de desporto, por ser o único que tem por objectivo «causar deliberadamente contusões e dores no adversário».

Segundo, ainda, a Organização sanitária mundial, o pugilismo arruina fisicamente os seus praticantes e desperta nos espectadores os instintos mais brutais.

As críticas ao pugilismo estão contidas no último número do mensário «Saude Mundial» da Organização, que é uma das agências especializadas das Nações Unidas. A revista, entre outras coisas, afirma:

«Há muito quem afirme ser o pugilismo uma arte e uma espécie de «ballet» gracioso, mas esses não reparam no estado físico em que ficam os contendores depois do combate, com os ouvidos rebentados, os olhos semicerrados e as gengivas a sangrar».

A revista mostra, depois, fotografias dos pugilistas antes e depois dos encontros, afirmando que num encontro normal de dez «assaltos» são trocados perto de mil socos que visam as partes mais defendidas do corpo humano, o estômago, os rins e, pior do que tudo, a cabeça.

Diz (ainda) que cada soco na cabeça do pugilista lhe afecta o cérebro, dando origem (por vezes) a hemorragias incontroláveis. Também o coração é afectado por socos da mão esquerda que lhe são dirigidos e a laringe pode ser ofendida por socos dados de baixo para cima.

Tudo isto é conhecido — segundo a Organização Mundial da Saúde — das pessoas que frequentam os «ringues» e um soco violento no queixo não só faz perder os sentidos ao atingido como pode causar-lhe dano físico permanente, especialmente se bater com a cabeça no tablado do recinto.

O pugilismo pode matar — salienta o mensário da OMS — e, desde 1945, já morreram «em combate» 425 pugilistas. Este número tem sido, pouco a pouco, acrescentado. Mas, há mortes ocorridas nos encontros de menos importância, que quase não merecem a atenção dos jornais.

Até agora — prossegue a revista da OMS — todas as tentativas para tornar o pugilismo mais seguro não passaram de ligeiros paliativos. As lutas mais leves e os «ringues» acolchados não conse-

guiram transformar uma «exibição de brutalidade física» num desporto seguro.

As energias despendidas no pugilismo seriam melhor gastas noutro exercício: o alpinismo, o canoagem, a ginástica, que são tão úteis fisicamente e não têm a função de infligir dores e sofrimentos — alvítila o articulista.

A «Saude Mundial» publicou (também) um ponto de vista a favor de pugilismo, o do dr. J. G. Williams, médico inglês que é uma autoridade em medicina desportiva e que afirma: «As lesões cerebrais são tão comuns nos outros desportos como no pugilismo e, neste, apenas um soco em cada dez atinge o adversário».

O médico analisou 6 057 casos de lesões no desporto e chegou à conclusão que o «esqui» é o mais perigoso com 1784 casos. O segundo lugar de periculosidade pertence ao futebol, com 1320 casos, seguindo-se-lhe a ginástica com 622 e a luta livre com 116. O pugilismo ocupou, na verdade — conclui — o último lugar, apenas com 100 casos de lesão física.

«Irá, ainda, mais lesões cerebrais por comocão no «esqui», futebol, luta livre e ginástica do que no pugilismo, e há tantos jogadores de raguebi com as orelhas em «couve-flor» como pugilistas — disse, também, o dr. Williams. «Ainda mais: todas as lesões podem ser reduzidas ou eliminadas. No raguebi, será útil jogar com capacete, nos recintos de boxe poderá muito bem acolchoar-se o soalho para evitar lesões cerebrais» — acrescentou. «Creio que o pugilismo não deve ser abolido mas sim melhorado a forma como é praticado» — termina o clínico inglês com quem os médicos da OMS não estão (todavia) de acordo.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

COMBOIOS DO CAIS

DO SODRÉ

AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas.

Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

«RECORDS» DOS ENCONTROS

100 m — António Faria (P.) e Rocca (E.), 10,7 s. (1958)
200 m — José Rocha (1963), 21,4 s.
100 m — Valentim Baptista (1963), 17,9 s.
800 m — Barris (1959), 1 m. 50,5 s.
1500 m — Barris (1963), 3 m. 50,6 s.
5000 m — C. Perez (1959), 14 m. 21 s.
10 000 m — Manuel Faria (1957), 30 m. 44,4 s.
110 m barreiras — Campa (1961), 14,5 s.
400 m barreiras — Matos Fernandes (1951), 53,7 s.
3000 m obstáculos — Joaquim Ferreira (1959), 9 m. 5,8 s.
Peso — Gandara (1963), 15,69 m.
Disco — Quadrio Salcedo (1956), 47,82 m.
Dardo — André (1963), 65,94 m.
Martelo — Eduardo Albuquerque (1961), 58,71 m.
Altura — Julio Fernandes (1963), 1,98 m.
Comprimento — Campanal (1959), 7,33 m.
Triplo — Areta (1963), 15,27 m.
Vara — Cosegal (1963), 4,10 m.
4x100 m — Portugal (J. Soares, Rocha Morcenal e A. Faria), 1963, (41,7)
4x400 m — Portugal (Neves Silva, Rocha, Gonçalves e Valentim Baptista), 1963 (3 m. 14,7 s)

Os «records» dos encontros vão ser certamente pulverizados, sendo até possível que nenhum dos indicados fique de pé.

A SABENA É O ADVERSÁRIO A TAP VAI JOGAR BASQUETE NUM FESTIVAL EM BRUXELAS

A equipa de basquetebol do Grupo Cultural e Desportivo da TAP,

desloca-se no próximo dia 6 (sexta-feira), no voo TP 602, pelas 16 e 20, para Bruxelas, a fim de realizar um jogo de basquetebol contra a Sabena, integrado num festival desportivo que decorre naquela cidade.

A caravana do grupo desportivo é composta pelos srs. Carlos Alberto da Costa Aroeira (director), Armando de Jesus do Carmo (chefe da secção desportiva) e os seguintes jogadores: Adelino, Campos, Dionísio, Espírito Santo, Henriqueta, Lourenço, Morais, Parado, Pina e Repolho.

BOXE

LISBOETAS EM PALÊNCIA

Parte amanhã para Palência (Espanha) a equipa lisboeta de pugilismo, integrada dos seguintes elementos: Anibal Silva, Fernando Andrade, Costa Rodrigues, Carlos Almeida, Manuel Antunes e Augusto Guerra, que são acompanhados pelo treinador Ricardo Ferraz e pelos dirigentes Alfredo Amaral e Silva Marques.

SPORT FARO E BENFICA

O Sport Faro e Benfica acaba de eleger os seus corpos gerentes para a nova época:

Assembleia geral — Emilio José de Campos Coroa, Eduardo Horácio Martins Scromenho, José dos Santos Lopes e Manuel Gregório Jesus Prudêncio.

Direcção — Arq. Hermínio do Beato Oliveira, Miguel Bonfim Ricardo, Manuel José Ura Sancho, Ernesto Almeida da Silva, J. da Ponte e Castro, José Brito, João António Soares, Domício do Carmo Nunes Mendonça, Abel Jacinto Baptista, Emiliano Luis Lajinha dos Ramos, José Joaquim Lourenço de Mendonça, José Manuel Condi Chumbinho, Alfredo Rodrigues da Silva e Rogério da Cruz Correia.

Conselho fiscal — José António Barros Madeira, António José do Patrocínio e Mário Lopes.

«CONHEÇA A CURIA»

é um bilhete turístico de fim de semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305\$00 — 330\$00 — 435\$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Pega folheto descritivo e aquisição do seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

O PROGRAMA DA «CANARINHO»

RIO DE JANEIRO, 5 (ANI) — Os últimos dois jogos da selecção brasileira de futebol, em 1968, foram anunciados pela Confederação Brasileira de Desportos, que confirmou outros encontros programados. Assim, o calendário da turma «canarinho» ficou como segue:

Dia 31 de Outubro: Brasil-México, no Maracanã; 3 de Novembro: Brasil-México, no Estádio de Mine Gerais, em Belo Horizonte; seis de Novembro: Brasil-resto do Mundo, no Maracanã; dez de Novembro: Brasil-Chile, integrado no programa da visita da rainha Isabel II, da Inglaterra; Catorze de Dezembro: Brasil-Alemanha, no Maracanã; Dezanete de Dezembro: Brasil-Jugoslávia, no Maracanã.

Excursão a MADRID

Comunica-nos a C. P. de que vai organizar uma excursão a Madrid, com partida de Lisboa no dia 15 de Setembro, e regresso a Lisboa no dia 19 de Setembro, utilizando o Lisboa-Expresso TER e o Lusitânia-Expresso.

Preços entre 750\$00 e 1300\$00, compreendendo transporte em caminho de ferro, transferência em «autopullman» entre a estação e o hotel, alojamento e refeições.

Para melhor elucidação peça folheto descritivo.

ADQUIRA DESDE JÁ O SEU BILHETE NAS:

— Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

— Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

— Na E. G. T. (Rua do Arsenal, 124).

— Na Agências de Viagens autorizadas.

DESPORTO

NATAÇÃO

Novos «Records» Mundiais

LONG BEACH, 5 (F. P.) — Uma equipa americana composta por Zac Zorn, Stev Rerych, Ken Walsh e Don Scollander bateu o «record» do mundo dos 4x100 metros, estilo livre, no tempo de 3 m 32 s 5/10.

O antigo «record» pertencia a uma equipa nacional universitária americana que realizou 3 m 32 s 6/10, em Agosto de 1967, quando da Universiada de Tóquio.

Pelo seu lado, o americano Mike Burton «pulverizou» o «record» do mundo dos 1500 metros, estilo livre realizando 16 m 8 s 5/10, quase 20 s menos que o antigo máximo. A passagem con-

quistou também o «record» do mundo dos 800 metros em 8 m 34 s 3/10.

Os «máximos» anteriores pertenciam ao mexicano Guillermo Echevarria, com 16 m 28 s 1/10, e ao francês Francis Luyce, com 8 m 42 s.

Tenistas moçambicanos no Continente

LOURENÇO MARQUES, 5 (L.) — Estão indicados para participar nos campeonatos nacionais de ténis, a disputar na Foz do Douro, de 23 a 29 de Setembro, os seguintes tenistas moçambicanos: Marina Pimentel, Maria José Silva, Vítor Carvalho, António Trindade e Manuel Prata Dias, que naqueles campeonatos competiriam em singulares para homens e pares mistos.

Estes atletas estão a preparar-se em treinos aturados para poderem representar dignamente o ténis moçambicano.

BATIDO

«RECORD» NACIONAL EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 5 (L.) — Dois «records» (um nacional e outro provincial) foram os resultados de maior nas provas de atletismo disputadas nesta cidade a contar para o Campeonato Provincial de Femininos e Seniores.

Assim, Maria Helena, do Ferrovário, estabeleceu novo «record» nacional junior ao ultrapassar a fasquia a 1,42 metros. Por outro lado, Fernando Marques (do Sporting) em prova-extra do lançamento do peso, atirou o engenho a 14,04 metros, fixando novo «record» provincial.

Atletismo no Restelo

No próximo domingo, 8 do corrente, pelas 10 horas, no Estádio do Restelo, a secção de atletismo do Clube de Futebol «Os Belenenses» organiza mais um torneio para sócios e simpatizantes.



Peres já ontem envergou a equipa negra da Académica de Coimbra. O acontecimento ligou-se a outro acontecimento: a inauguração da luz eléctrica no Estádio Municipal. A sorte não esteve com os estudantes: o Saragoça venceu por dois-zero. Mas, o grande êxito foi a receita do jogo: quase quatro centenas de cêntes. E o brilho, na noite escura, pertenceu ao ex-sportinguista: Peres, foi (enquanto alinhava) o melhor futebolista sobre o relvado.

O F. C. Porto perdeu em Las Palmas

LAS PALMAS, 5 — (A. N. I.) — O Futebol Clube do Porto perdeu, por 3-1 (com 3-0 ao intervalo), o encontro amigável que veio disputar com a União Desportiva de Las Palmas.

Os golos foram marcados por Leon (aos 7 e aos 32 minutos), por Gilberto II (aos 37) e por Nóbrega (aos 53).

O encontro foi arbitrado por Hernandez Quintana e as equipas alinharam:

F. C. PORTO — Américo; Bernardo da Velha, Sucena, Valdemar e Rolando; Pavão e Pinto; Jaime, Djajma, Gomes e Nóbrega.

LAS PALMAS — Oreguiz; Aparício, Tonono, Martin II e Castellano; Guedes e Leon; Gilberto, José Juan, German e Gilberto II.

ACADÉMICA, 0 - SARAGOÇA, 2

VITÓRIA CERTA DOS ESPANHÓIS

Coimbra desportiva teve, ontem, dia de festa rija, com a inauguração da luz eléctrica no seu Estádio Municipal. Graças ao dinamismo do presidente da Câmara, foi possível, em tão curto espaço de tempo, dotar o magnífico recinto com uma instalação eléctrica das melhores do País.

Ontem, as bancadas e balneários. Hoje, a luz. Amanhã, será a piscina coberta. E, assim, o Estádio começa a tornar-se o monumento desportivo que a cidade ambiciona.

Bonita festa. Folclore, música, discursos e futebol. Este, como não podia deixar de ser, foi o «prato forte» da sessão.

Abriu o programa desportivo o encontro entre o União e o Esperança, campeonatos regionais da I e da II Divisão. Venceram os unionistas, por 4-1.

Seguiu-se o encontro Académica-Saragoça, ganho brilhantemente pela equipa espanhola.

A Académica entrou a jogar abertamente ao ataque, e assim se manteve nos primeiros 20 minutos, durante os quais criou duas oportunidades de possível golo, que o guarda-advérsário fez gorar, defendendo bem.

Apareceu, depois, a turma visitante a jogar o seu futebol, feito de passe curto, desmarcação pronta e sempre em movimento, assealhando-se do comando do encontro, vencendo, sem contestação, uma Académica em deficiente condição física.

Servido por excelentes jogadores (Nieves, Santamaria, Martínez e Lafetra) o Saragoça valorizou imenso o espectáculo, dando sempre a sensação de disputar um jogo de campeonato, e não um «amistoso».

Desilusão para esta triste e descolorida exibição dos «escolares», que apareceram em muito má forma física. A sua defesa nunca se entendeu com o ataque espanhol. No meio-campo não haverá problemas: pois a superabundância é notória. No ataque, faltou força.

HOJE À NOITE

HOQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa de Iniciados: Sintra-Cascais, no rinko do Oeiras, às 21 e 30.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO — Rapazes — Escalão A (futebol de 5): Ginásio-Casalense, às 21 h.; e Unidos-Serpa Pinto-A, às 22, no campo da C. U. F.

XADREZ — Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria individual, no Ateneu Comercial, às 21 h.

E somente alguns apontamentos de Artur Jorge e Peres merecem nota. Este teve (mesmo) uns primeiros minutos de fulgurância. Arbitragem certa de Renato Santos.

A. MIRANDA



O dr. Elmano Alves com a selecção universitária portuguesa de Judo

O «MUNDIAL» UNIVERSITÁRIO

O subsecretário da Juventude e Desportos recebeu a equipa portuguesa de judo

A representação portuguesa con-corrente ao 2.º Campeonato Mundial Universitário de Judo, esteve ontem no Ministério da Educação Nacional, onde foi apresentar cumprimentos, ao subsecretário da Juventude e Desportos, dr. Elmano Alves, que naquela cerimónia se encontrava acompanhado pelo director-geral dos Desportos dr. Armando Rocha e pelos Drs. Borges de Araújo e Amílcar Costa.

O «capitão» da equipa portuguesa

apresentou os atletas ao dr. Elmano Alves, agradecendo-lhe depois as facilidades concedidas para a preparação e simultaneamente o apoio recebido para que Portugal pudesse apresentar-se condignamente no campeonato.

Depois o dr. Elmano Alves agradeceu as deferências que lhe foram feitas e salientou, que dentro da actual organica que rege o desporto nacional, o judo ocupa um lugar a parte, pois não é apenas uma mo-

dalidade desportiva, mas arma defensiva. «Gostei que os meus primeiros contactos com o desporto, fossem exactamente com o judo, que tem primeiríssima actualidade na vida portuguesa».

E a finalizar, fez referência à obra que o técnico Kobayashi tem desenvolvido em prol do judo português, obra digna dos maiores elogios.

DISPUTA-SE NO SÁBADO O 7.º CIRCUITO CICLISTA DE ALENQUER

Com a participação das equipas de ciclismo do F. C. Porto, Tavira, Sangalhos, Sporting e Benfica, disputa-se no próximo sábado, com início às 15 e 30, o 7.º Circuito Ciclista de Alenquer num percurso total de 78,700 quilómetros.

A competição para a qual foram instituídos valiosos prémios e troféus é organizada pelo Sporting Clube de Alenquer pertencendo à Associação de Ciclismo do Sul a direcção técnica da corrida.

XADREZ

PORTUGAL

DEFRONTA MARROCOS

As equipas nacionais de Portugal e de Marrocos vão encontrar-se, pela primeira vez, de 23 a 28 do corrente, nos salões do Hotel Alvor-Praia, em Alvor, Portimão. Será o 75.º encontro internacional de Portugal. As equipas são formadas por seis jogadores e o encontro decorrerá segundo os moldes do «sistema Scheveningen», em que cada jogador de uma equipa deve defrontar, sucessivamente, todos os componentes da equipa adversária. A prova é organizada sob os auspícios da Câmara Municipal de Portimão e será dirigida tecnicamente pelo clube de xadrez local.

TOTOBOLA

- O NOSSO PALPITE

Benfica - Belenenses		1
Académica-V. Setúbal		X
C. U. F.-Sanjoanense		1
V. Guimarães-Leixões		X
U. Tomar-Atlético		X
Espinho-Covilhã		1
Leça-Acad. Viseu		1
Vale-cambrense-B. Mar		X
Gouveia-Salgueiros		2
Boavista-Torres Novas		1
Seixal-Barreirense		2
Sesimbra-Lusitano		1
«Os Leões»-Oriental		X

DESPORTO



BELENENSES, 1-ATLÉTICO, 1 CORRERIAS E CONFUSÃO: A IMAGEM DO ENCONTRO

Terminou a rodagem dos clubes que intervieram na «Taça de Honra» e, agora, a quatro dias do início do Campeonato Nacional, os treinadores terão de pensar maduramente na constituição das equipas que hão-de servir da melhor forma os anseios das massas associativas.

Isto vem a propósito do encontro Belenenses-Atlético, o jogo que abriu o programa de ontem, à noite, no Estádio do Restelo. E, vale a verdade dizer-se, que qualquer das constituições deixaram apreensões aos responsáveis. Embora não se exigisse uma factura de jogo perfeita, pensava-se, no entanto, que a fisionomia dos conjuntos se creditasse de melhor entendimento táctico e técnico.

Não resta dúvida de que, durante os primeiros quarenta e cinco minutos, os jogadores correram demasiadamente, gastando energias improfiavelmente, sem sentido definido, numa confusão de movimentos a revelar uma indisciplina de manobra. E, dentro deste jeito, a equipa menos má foi a dos alcantarenses, que, não podendo impor a sua presença física (visivelmente inferior à do adversário) conseguiu, no entanto ser mais certinha nos seus passes e, portanto, mais afinada no fio de jogo desenvolvido.

O Belenenses, com a defesa a claudicar, e a desencontrar-se nos lances ofensivos, criava dificuldades a si próprio, não atinando com a manobra de conjunto, improvisando jogadas que já não se usam... Os dois «galopadores» (Ernesto e Walter) que podiam oferecer perigo constante à defesa do Atlético, pareciam indiferentes aos acontecimentos, nem sequer colaborando um com o outro. Apenas tinham a preocupação de rematar de qualquer lado, defeituosamente, e sempre de molde a fazer realçar a acção de Botelho. Claro que seria difícil, dentro de tais moldes, arrancar algo que podesse tirar os frutos necessários e, daí, a nove minutos do intervalo, um golo da marca de Tito, a aproveitar uma das lacunas da defesa de Belém, afectar profundamente os «azuis».

Porém, acreditava-se que no último trecho da contenda o Belenenses criasse outro estado de espírito e melhorasse o sentido de manobra, dificultando o trabalho dos alcantarenses. Todavia, o relativo mérito continuou a pertencer ao Atlético, e, quando, aos 25 e 28 minutos, Walter e Ernesto, respectivamente cederam a posição a Dourado e Adelino, considerava-se um pró-forma a substituição daqueles jogadores. A sorte, porém, veio a beneficiar os «azuis», aos setenta e nove minutos, num lance confuso, em que interveio Cardoso, que atirou a bola para a baliza tabelando, na sua trajectória, no ombro de Luciano. Estava alcançado o golo do empate.

As considerações finais que a partida Belenenses-Atlético merece são muito reduzidas. As equipas não corresponderam ao que delas se esperava, produzindo um futebol primitivo, isento de fases animadoras, ou, pelo menos, que chamassem a atenção do público. E de saltar, no entanto, a aten-

O Benfica galgou, quase como lhe aprouve, o caminho até às redes do Sporting, onde o jovem Zeca Santos teve tarefa de muito brilho, defendendo remates de todas as formas e feitios...

Audi 60
Audi 80
Audi Super 90
in **Auditos em performance**
ap **Audidos pela crítica**



Audi - 60

Um novo Audi na classe dos 1500l (1496 cc., 74 H.P.) motor a 4 tempos na linha dos seus antecessores mais potentes, podendo atingir a velocidade de 140 Km/h!
Tracção à frente, travões de disco, interior muito espaçoso e grande capacidade na mala de bagagens.

Audi - 80

Um Audi mais rápido e mais potente: 91 H. P. e 1700 cc.
Embora bastante económico, o seu poder de aceleração pode levá-lo de 0 a 100 Km/h em 13,8 segundos!
Travões de duplo circuito, interior espaçoso e cómodo, com bancos totalmente reclináveis.

Audi Super - 90

Um carro verdadeiramente desportivo, com um motor notável, cheio de poder (102 H.P. e 1800 cc.) e com uma capacidade de aceleração extraordinária: de 0 a 100 Km/h em 12,5 segundos!
Travões de duplo circuito, interior muito luxuoso e confortável com bancos totalmente reclináveis e acabamentos de grande requinte.



Ernesto e João Carlos lutam pela posse do esférico

ção de Botelho e Mourinho, a aplicação de Freitas e o labor de Fagundes.

O árbitro José Rolo não teve trabalho difícil. Tudo lhe foi facilitado...

As equipas formaram:
BELENENSES — Mourinho (ex-V. de Setúbal); Rodrigues, Quaresma, Cardoso e Esteves; Freitas e Luciano; Fernando, Walter (Dourado), Ernesto (Adelino) e Godinho.

ATLÉTICO — Botelho; Valdemar, João Carlos, Candeias e Murças (ex-Sporting de Espinho); Fagundes e Pinhal; Raul, Simões (ex-Belenenses), Tito e Seminário.

O Belenenses classificou-se em terceiro lugar, por beneficiar do maior número de «cantos».

MARIO FRANCO



DESPORTO

BENFICA, 3-SPORTING, 0

FESTIVAL BENFIQUISTA? NÃO.
APENAS FESTIVAL VERDE...
DE IMPROVISACÃO

A Taça de Honra de 68, instituída pela A. F. L. no intuito de proporcionar aos clubes seus filiados a indispensável rodagem para as provas oficiais, ideia que as nossas principais equipas teimam em desvirtuar, conheceu ontem à noite o seu epílogo, no Estádio do Restelo onde Belenenses e Atlético se defrontaram para as duas ultimas posições e Benfica e Sporting discutiram a posse do troféu. Ganhou o Benfica. Bem, afirmou-se sem delongas. Com mérito in-

AS EQUIPAS:

BENFICA — Abrantes; Fernandes, Zeca, Marques e Tomás; Manuel José e Nenê; Pavão, Aguas, Abel e Vieira.

SPORTING — Zeca Santos; João Morais, Alexandre Baptista, Dani e Pedro Gomes; Barão e João Carlos; Armando Luís, Ernesto, Marinho e Manuel Duarte.

Na segunda parte, aos 29 minutos, Raul Aguas foi substituído por Vítor Martins.

Árbitro: Raul Ramos.

Golos de Aguas (22 m.) e Pavão (59 e 79 m.).

discutível, poder-se-á acrescentar. Os três-zero de resto constituem marca concludente e certificam a diferença existente entre uma equipa equilibrada e consciente e outra que continua a alardear uma vivência baseada na inspiração momentânea dos seus jogadores, particularmente dos dianteiros, naturalmente falível, pela carência de estruturas sólidas, pela im-

provisação que constantemente se revela nos seus movimentos envolventes.

Ontem, nos primeiros 30 minutos ainda os «leões» disfarçaram, através da pronunciada intuição de Armando Luís, extremo dos autênticos, dos verdadeiros que o futebol moderno não pode dispensar sempre que um sector dianteiro pretenda abrir clareiras mortais na grande área contrária, para jogar perto da linha lateral, para centrar em movimentos amplos quando deixou Tomás para trás, o que nesse período aconteceu muitas vezes. Mas apesar desse propósito do jovem extremo (insistimos) a esque-

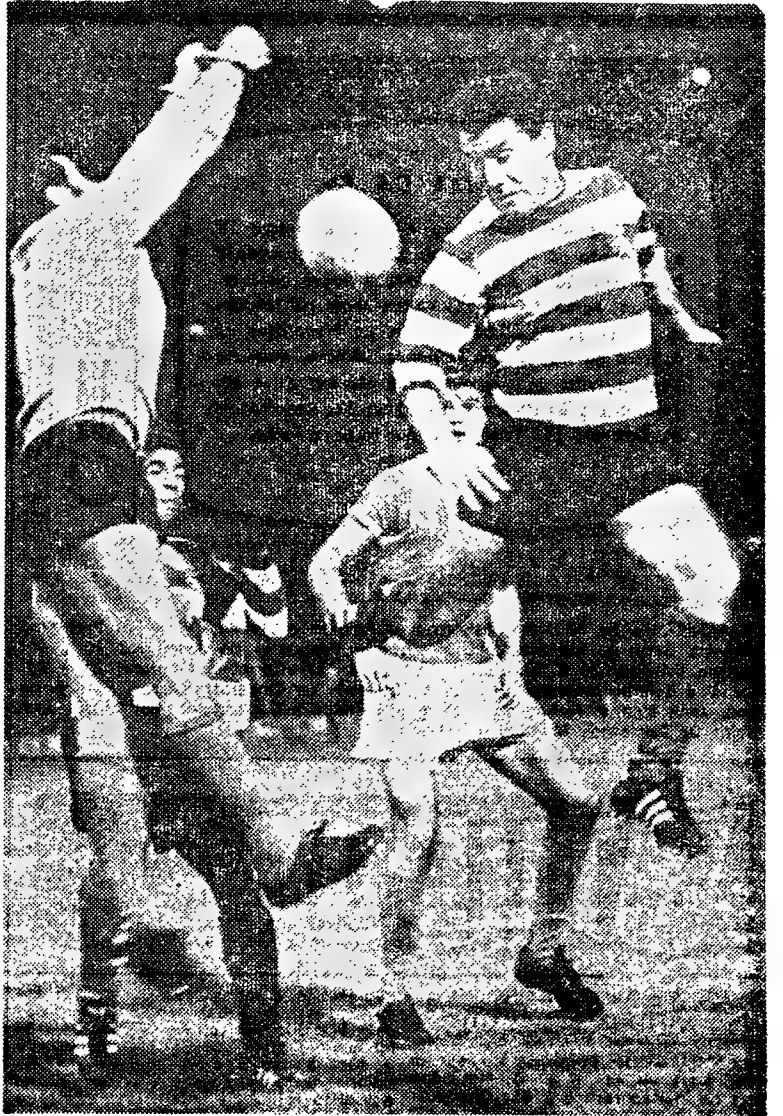
mática da equipa verde-branca ainda que denunciando certa clareza no meio-campo, pelo labor agradável de Barão e mesmo de João Carlos, tornava-se depois confusa, abulica, na criação dos momentos finais por resultante de um conceito que impõe a zona frontal da baliza contrária como ponto de convergência de esférico e dianteiros. Assim surge o «monte», a confusão, que a ninguém (que ataque) aproveita, os ressaltos sempre de resultados problemáticos.

Quando veio o gol de Aguas, um «penalty» claríssimo de Pedro Gomes sobre Abel, já então se observava a maior descontração dos benfiquistas, que embora atacando, por enquanto em menor quantidade, faziam-no contudo por processos mais convincentes, de forma mais racional, com maior entendimento nas permutas, nos movimentos sem bola dos jogadores que intervinham no lance.

Os benfiquistas caminhando para a rede contrária de preferência pelos corredores laterais para onde frequentemente se desmarcavam alternada ou simultaneamente Abel e Raul Aguas, mas neste caso com a pronta compensação no sector central de Vieira ou Pavão (vide 2.º gol dos «encarnados») podiam assim embarçar seriamente a cobertura defensiva «leonina» onde quase todos (rotulados de reservas) já conheceram os galões de internacionais.

Já o Sporting procedia de modo inverso. Ainda que iniciando algumas vezes os avanços pelos flancos, e quando lhes deu mais sequência nessas zonas logo se viu em apuro a defensiva encarnada (período à volta da meia hora do primeiro tempo) o Sporting, dizíamos, sem outra variante que não fosse a penetração de frente condenou-se ao insucesso na medida em que condenou ao malogro Marinho e Ernesto, gente que carece do espaço que a actual geometria do futebol «leonino» não consente nem gera com a necessária frequência.

Um gracinha de Pedro Gomes



Num dos ataques do Sporting, o esforçado Ernesto tenta bater Abrantes, perante a ansiedade do companheiro Manuel Duarte

HÓQUEI EM PATINS

PROSSEGUIU
O «REGIONAL»

Mais dois jogos, a contar para o Campeonato Regional de hóquei em patins, tiveram, ontem, antecipação no calendário, por motivo do torneio internacional organizado em Sintra e em função da viagem da CUF às Ilhas Adjacentes.

O Benfica, no Pavilhão da Luz, levou o Sintra de vencida, com 7-3 no marcador: afirmação categórica de superioridade.

Os grupos alinharam:
BENFICA — C. Alberto; Casimiro, Garrancho (1), Livramento (2), Vicente (4) e Sousa.

H. Sintra — Saraiva; Nascimento, Américo, V. Santos (1) e Filipe (2).

Entre parentesis, assinalam-se os goleadores.

Por seu lado, o Campo de Ourique bateu o Cascais, por 8-5, marca que patenteia uma boa eficiência dos atacantes e, em contrapartida, dificuldade de actuação certa por parte das defesas, especialmente dos guarda-redes, que jogaram francamente abaixo das suas possibilidades.

As equipas e marcadores:
C. OURIQUE — L. Alves; Vaz Guedes (2), Barreto, Catarino (2), Albino (4), Almeida e Alberto.

CASCAIS — Paixão; Costa, António José, Sombreiro (2), L. Barros (3), Gonçalves e Quim.

O Campeonato prossegue amanhã com os seguintes jogos: Salesiana-Pareda, Algés-Azeitonense e Oeiras-Paço de Arcos.

A tabela classificativa é, actualmente, comandada pelo Benfica, seguido da C. U. F., com menos dois pontos e um jogo por efectuar

PORTUGAL-ESPANHA
EM REMO

VIGO (Espanha), 5 — (A. N. I.) — Portugal e a Espanha vão disputar, no próximo domingo, na Ria de Vigo, o sétimo «Grande troféu ibérico de remo».

O torneio divide-se pelas modalidades de «skiff», «outriggers» (de dois tripulantes e de quatro, com timoneiro), e, ainda, de «yoles» de quatro, nas categorias de juvenis e de seniores.

A Espanha estará representada por oito equipas e Portugal por quatro.

MORADIAS

Em S. João do Estoril; junto ao Liceu, Caminho-de-Ferro e a 800 metros da praia
ESTILO RÚSTICO

PREÇO: 750 CONTOS

Em Tires; junto ao Aerodromo, óptimamente servidas de autocarros para Cascais, Estoril, Oeiras, Carcavelos, Sintra, etc.

DESDE 350 CONTOS

Prop. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C.

(por cima do Supermercado)

Telefs: 28 23 45 - 28 23 88 — CASCAIS



A equipa-bebé do Sport Lisboa e Benfica que venceu a «Taça de Honra — 1968»

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

As 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Junta da Acção Social; 20 e 05: Actualidade Desportiva; 20 e 20: Movimento e Saúde, pela dr. Marques Pereira; 20 e 35: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 45: TV Clube — Centro de Preparação de Artistas da Rádio, com Fernanda Dâmaso, Manuela Terenas, Vitor Manuel e Fátima Moraes; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Reportagem do Exterior; 24: Telejornal, Meditação e Fecho.

TELEVISORES

GRUNDIG

AMANHÃ — As 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Programa da Agência Gera do Ultramar; 20 e 10: Nas Bastidores da Aventura; 20 e 40: Sangue na Estrada; 20 e 50: Cartaz TV; 21 e 15: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema: «Sudão», com Maria Montez, John Hall e Tuhon Bey; 23 e 35: Fados e Guitarradas, por Maria José da Guia; 0: Telejornal, Meditação e Fecho.

«Os Contos de Hoffmann», de Offenbach; 18: Música do Século XX — Obras dos compositores sulcos Conrad Bach e W. Iv Burkhard; 19: Horizonte — semana de letras e artes; 19 e 30: Folclore português — Canções populares em versões «cappella» de Lopes Graça; 9 e 45: Música da fecla — obras de Scarlatti e Schubert; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental de Glazunov, pela Orq. do Teatro Bolshoi de Moscovo, dir. por Nicolai Solovyanov; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Coral Feminino Harmonia sob a dir. de Friedrich Wilhelm Verner; 20 e 48: Prelúdio à sexta dum fauno, de Debussy, pela Orq. de Concertgebouw de Amsterdão, dir. por Jean Fournet; 21: Concerto de câmara para violino e piano e 3 instrumentos de Albin Berg, pelo Conjunto Instrumental de Sopro dir. por Georges Prétre; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano, por Florinda Santos — Audição integral dos «Intermezzi» de Brahms; 22 e 20: Poemas sinfónicos de Sibelius e Glinka; 22 e 58: Resumo do programa; 23: Desdobramento — A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Período — Programa Cultural em MF 2 — 23: Música de piano — obras de Scarlatti e César Franck; 23 e 30: Intercambio musical — Concerto de câmara, em gravações cedidas pela Rádio da Baviera e preenchido com obras de Mozart; 0 e 02: Música sinfónica — obras de Mendelssohn e Nielsen; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 Kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapásio; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã — Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 Kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 9 e 30: Robbalaria; 19 e 45: Crónica feminina; 20 e 05: Rádio Piacard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Lei-

tura; 22 e 02: Banda de Som; 22 e 30: Juvine da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 126 Kc/s — As 16: Radiograma; 8: Vozes portuguesas; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 9 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 9 e 30: Página; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Menogramas; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 69 Kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário rural e boletins de filmes e religiosos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditação; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 Kc/s — 94,4 mc/s: Rádio Peninsular, das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; Rádio Voz de Lisboa, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal, das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça, das 14 e 30 às 19 e 30.

Farmácias de serviço

Em Lisboa — Turno G

(Ver pelos balneiros das mediações e telefone entre parêntesis)

AJUDA — Moura, Trav. da Memória, 55 (630944) — Biotiflar, R. D. João de Castro, 27-B (638824).
ALCANTARA — Baitrão, R. Prior do Croto, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (71780) — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) — S. João de Deus, R. Pedro Iva, -A-B (725140).
AMOREIRAS — Britânica, Trav. da Ligeira da Póvoa, 5-B (689250).
AREIRO — Gerante, Av. Padre Manuel do Nóbrega, 5-A-B (727300) — Impel, Av. Guerra Junqueiro, 30-E (726860).

AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. de República, 14-A (77379) — Vale, Av. Marquês de Pombal, 45-49 (773043) — Delfa, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) — S. Sebastião, Largo de S. Sebastião do Pedreiro, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zil, Pra. das Casas Novas, lote 66 (910172).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 87 (326476) — Azevedo, Filha, Pr. de D. Pedro IV, 31 (327478).
BENFICA — União, Est. de Benfca, 592-594 (700092) — Alegria, Est. de Benfca, 80-A-B (780511).
CAMPO DE OURIQUE — Label, R. de Infantaria, 6, 98-B (688807) — União, R. Sarmento de Carvalho, 9 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 75-A, 8 Bairro da Liberdade (683694) — Pinto, R. de Campolide, 11 (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (553468).
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971).
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefânia, 1 (45578).
GRAÇA — Ziller, R. de S. Tomé, 54-56 (862839).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar 11 (790480) — Dourado, Av. dos Unidos de Torres, 93-A-B (791131).
MADRAGA — Eduardo A. César, R. do Trono, 102 (662631).
OLIVAIS — S. Paulo, Rua 4, lote 823 junto à Estrada de Moscavide — Olivais Sul (310711).
PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha.

«Penha de França, 58-60 (849.45) — Vitalis, Rue Moraes Soares 66-A 8480.

NICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (728395-120103).
PRINCIPE REAL — Albano, R. do Escoleiro técnico, 59 (326750).

REGO — Baptista, R. Francisco Tomás de Costa 3-C (771873).

SI AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).

BENTO — Mox Teixeira, R. Poço das Negras, 5 (679961).

DE SANTA APOLONIA AO BEATO — Freitas, R. António Pedrosa, 11-13 (38.36).

8 Banha, Est. de Chelas, 73-75 (38244) — Freixo, R. do Cruz de S. Apolónia 90-92 (347019).

MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (25'89'8).

Linha de Cascais

ALGES — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 — (Tel. 212031).

CAXIAS — Nave — R. Bernardino Ribeiro, -A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 8 (Tel. 2430058).

PARDE — Almir — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência — (Tel. 2472948).

ESTORIL — Salga — Cruzado (Tel. 250087).

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 250078); A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-A (Tel. 938149).

DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023).

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 — (Tel. 950117) — Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51-A — (Tel. 950.23).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — -A (Tel. 980456).

SINTRA — Marreiros (Estoril) L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES — Calares — Abreu — (Tel. 299088).

Outra banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Corana Ramos da Costa, 10 — (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

ALMADA — Central — R. de Oliveira, -B (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BARREIRO — Santa Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel. 2272141).

COVA DA PIEDADE — Império — R. Lobo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356).

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230055).

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471).

SETUBAL — Bocageana — R. do Romeu (Tel. 23425); Bairros — B. Santos Nicolau (Tel. 23330).

SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 — (Tel. 2218560).

CENTRO ENFERMAGEM DE URGENCIA SANTA MARTA

INJECCOES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGENIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2. Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

Consolidada 4 3/4%	—	—	530\$00
Consolidada 3%	—	—	545\$00
Consolidada 3 1/2%	—	—	650\$00
Centenários 4%	—	—	1.480\$00
Obrigações Tesouro 5%	1.004\$00	1.003\$00	1.004\$00
Externa Série A	—	—	840\$00
Externa Série B	850\$00	840\$00	855\$00
Externa Série C	—	—	840\$00
Externa Série D	—	—	890\$00
Cautelas 3	200\$00	190\$00	210\$00

OBRIGAÇÕES

Agua Lisboa 5%	—	—	495\$00
A. P. I. 5% 56	—	—	930\$00
A. P. I. 5% 58	—	—	930\$00
C. P. 4 1/2% 65	—	—	930\$00
C. P. 5 1/2% 67	—	—	1.035\$00
C. U. 5%	—	—	1.015\$00
C. U. 6%	—	—	1.000\$00
C. U. 6% 68	—	—	810\$00
Gás Elect 4% 48	—	—	860\$00
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	860\$00
Gás Elect 5% 52	—	—	860\$00
Gás Elect 5% 58	860\$00	865\$00	—
Gás Elect 5% 59	—	—	865\$00
Gás Elect 5% 62	940\$00	930\$00	—
Gás Elect 5% 63	—	—	930\$00
Gás Elect 5% 65	—	—	960\$00
Gás Elect 6% 67	—	—	1.017\$00
H. e A. Alentejo 5%	825\$00	820\$00	830\$00
H. e Cávado 5%	—	—	830\$00
H. e Cávado 6%	—	—	999\$00
H. e Douro 5%	830\$00	830\$00	835\$00
H. e Douro 6%	—	—	1.000\$00
H. e Norte Portugal 5%	—	—	1.001\$00
H. e Estrela 6%	1.001\$00	1.000\$00	1.001\$00
H. e Zêzere 5% 55	—	—	850\$00
H. e Zêzere 5% 57	—	—	835\$00
Lisnave 6%	—	—	1.000\$00
Metropolitano 4%	—	—	900\$00
Metropolitano 5 3/4%	—	—	1.020\$00
Mocambique 5%	—	—	750\$00
Nac. Elétrica 5%	—	—	845\$00
Nitrato 5%	845\$00	840\$00	849\$00
Nitrato 5% 60	—	—	830\$00
Petroquímica 5%	860\$00	860\$00	870\$00
Port. Celulose 5%	—	—	920\$00
Sacar 5% 54	920\$00	915\$00	925\$00
Sacar 5% 60	—	—	865\$00
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	827\$00
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	822\$00
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	810\$00
Sonete 5%	—	—	820\$00
T. A. P. 4%	—	—	920\$00
Termoelect. Port. 5%	—	—	825\$00
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	84\$00	83\$00	84\$00
U. E. P. 5% 60	—	—	850\$00
U. E. P. 5% 63	—	—	—

ACCÕES

Bancos

Agricultura	960\$00	955\$00	965\$00
Alentejo	610\$00	608\$00	612\$00
Angola	1.480\$00	1.475\$00	1.500\$00
Bumay	—	—	—
Créd. Predial	—	1.870\$00	1.890\$00
E. Santo	13.500\$00	13.450\$00	13.500\$00
E. Santo N.	—	—	—
Fonseca S. A.	—	—	14.000\$00
L. & Açores A.	4.050\$00	4.050\$00	4.100\$00
L. & Açores B.	—	—	—

ACCÕES

Bancos

P. Atlântica A.	—	—	—
Portugal A.	—	2.250\$00	2.280\$00
Portugal B.	—	—	2.500\$00
Totta Aliança	4.460\$00	4.450\$00	4.480\$00
Ultramarina A.	—	1.260\$00	1.270\$00
Ultramarina B.	—	1.473\$00	1.478\$00

Seguros

Alentejo	—	76\$00	78\$00
Douro	—	780\$00	900\$00
Mundial	—	365\$00	375\$00
Sogres	—	—	1.190\$00
Tranquilidade	—	40.000\$00	45.000\$00
Ultramarina	—	8.500\$00	—

C - Ultramarinas

Ag. de Angola	680\$00	675\$00	685\$00
Ag. Cascais	—	525\$00	540\$00
Ag. Incomat	—	990\$00	—
Ag. Neves	—	110\$00	120\$00
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	110\$00	—
Bonar	110\$00	105\$00	110\$00
Buz	—	62\$00	63\$00
Cabinda	—	94\$00	95\$00
Diamantes Angola	1.190\$00	1.185\$00	1.192\$00
H. e Revuê	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	436\$00	—
Macambaze	48\$00	48\$00	49\$00
Sonete A	—	255\$00	275\$00
Sonete B	280\$00	275\$00	280\$00
Zambézia	44\$00	43\$50	44\$50

Diversas

Cidlo	—	7.150\$00	7.250\$00
Cim. Leiria	1.700\$00	1.700\$00	1.800\$00
Cim. Tejo	—	2.350\$00	2.450\$00
Col. Navegação	625\$00	620\$00	640\$00
C. U. F.	—	1.000\$00	1.005\$00
Ind. Aliança	—	—	700\$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	2.600\$00	2.800\$00
Port. e Colónias	—	1.300\$00	1.330\$00
Port. Celulose	—	3.150\$00	3.250\$00
Port. Pesca	—	620\$00	650\$00
Port. Tabacos	453\$00	452\$00	453\$00
Sacar	—	—	4.800\$00
Siderurgia Nac.	1.100\$00	1.090\$00	1.100\$00
Socel	2.170\$00	2.160\$00	2.175\$00
Tabacos de Portugal	830\$00	830\$00	900\$00
Tabaquinaria	7.050\$00	7.000\$00	7.100\$00
U. F. Azoto	735\$00	733\$00	740\$00

Agua, Electricidade e Gás	—	—	—
Agua Lisboa p.	—	390\$00	400\$00
Agua Lisboa 34	—	390\$00	—
Eléct. Beiras	1.520\$00	1.515\$00	1.525\$00
Gás Electr.	379\$50	379\$50	380\$00
H. e Alto Alentejo	157\$00	156\$50	157\$50</



HOJE, A NOITE,
AS 21.30
EM ESTREIA:
com a escultural
ELKE SOMMER
CAMARADA MINI-SAIA
com Bob Crane

(Adultos) (M. 12 anos)



HOJE, às 21.30

ESTREIA

Tel. 54154 (M. 12 anos)
NÃO PERCA A CABEÇA
c/ Sidney James, Kenneth Williams
e Dany Robin
As 15.15 e 18.15: «QUANTO MAIS
QUENTE MELHOR» — (17 anos)



As 15.15, 18.15
e 21.30

(M. 12 anos)

Tel. 32 25 23
Um grande filme
de aventuras
**FLASHMAN CONTRA
O HOMEM INVISÍVEL**
com Paul Stevens e Claudie Lange



As 15.30 e 21.45

(M. 17 anos)

Tel. 727778
Uma fortuna para
quem sabia uma
bala para quem resistisse
AS QUATRO CHAVES
com Gunther Ugeheuer e Hans Lothar



As 21.30

(Adultos)

Uma alegre e di-
vertida comédia
num filme cheio
de espírito e ma-
licia
**CORAÇÃO CHEIO... BOLSOS
VAZIOS**

com Thomas Fritsch, Alexandra
Stewart e Santa Berger



As 15.30, 18.30
e 21.45

(M. 17 anos)

**CONTINUAÇÃO
DE ESTREIA**
A grandiosa rea-
lização de Antonioni
BLOW-UP

com Vanessa Redgrave e David
Hemmings



As 15.15, 18.15
e 21.30

(M. 17 anos)

Um grande filme
e uma história sur-
preendente
TODAS AS NOITES ÀS 9
com Dirk Bogarde



As 17 e 21.30

(M. 17 anos)

TELEFONE: 26 07 75
O BECO
(Cul de Sac)
com Lionel Stander e Donald
Pleasence



As 14.45 e 21 h.

(Adultos)

Tel. 185 60
**TODOS SÃO MEUS INIMIGOS
UMA MULHER AMERICANA**



Tel. 32 41 94

As 21 horas

(M. 12 anos)
**A FRANCESA E O AMERICANO
OS CANHÕES DO GALEÃO
NEGRO**

CARTAZ DOS CINEMAS



HOJE, às 21.45

ESTREIA

Tel. 47163
Uma aventura vi-
vida nos colossais
do Rio Grande
O TESOURO DOS ASTECAS
com Lex Barker e Michele Girardon



As 15.45 e 21.45

O melhor filme

do ano
(M. 12 anos)
8.ª SEMANA
6 OSCARS
Um filme de Fred Zinnemann
**UM HOMEM
PARA A ETERNIDADE**
com Paul Scofield e Wendy Hiller



As 15 e 21.30

(Adultos)

Tel. 555131
7.ª SEMANA
CAMELOT
com Richard Harris
e Vanessa Redgrave
Technicolor



As 15.15, 18.15
e 21.30

O melhor filme

do ano
(M. 12 anos)
6 OSCARS
Um filme de Fred Zinnemann baseado
na peça de Robert Bolt
com Paul Scofield e Wendy Hiller
**UM HOMEM
PARA A ETERNIDADE**

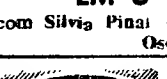


As 15.15, 18.30
e 21.45

(M. 12 anos)

2.ª SEMANA
Duas horas de gar-
alhadas
**MARIO MORENO
CANTINFLAS
EM O PORTEIRO**

com Silvia Pinal — Fernando Casanova
Oscar Pulido

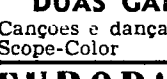


As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30

EXITO TOTAL!

A mais estridula
fantasia musical
com as famosas gêmeas PILI e MILI
DUAS GAROTAS YÉ-YÉ

Canções e danças em estilo frenético
Scope-Color (M. 12 anos)

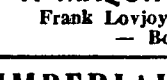


As 15.15

21.30 (Adultos)

A história de um
homem que teve a
coragem de se
retratar
A MAQUINA DO CRIME

Frank Lovjoy — Joan Weldon
— Bob Arthur



As 15 e às 21 h.

(Adultos)

Tel. 45933
**PAIXÕES QUE ESCALDAM
ESCÂNDALO NO COLEGIO**



As 15.15 e 21.30

Technicolor

(Adultos)

Tel. 555134
2.ª SEMANA
Rod Steiger, Lee Remick e George
Segal num filme assinado por
JACK SMIGHT

**NAO SE TRATA ASSIM
UMA SENHORA**



As 15.30, 18.30
e 21.45

Technicolor

(Adultos)

2.ª SEMANA
Um filme realizado e interpretado
por Richard Burton
DR. FAUSTO

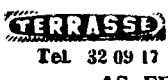
com Elizabeth Taylor e os actores
da Sociedade Dramática da Univer-
sidade de Oxford



As 21.30

(M. 12 anos)

O cómico mais
querido de todo
o público
AMADORA CANTINFLAS
SUA EXCELENCIA



As 15 e às 21 h.

(M. 17 anos)

Tel. 32 09 17
**AS FEITICEIRAS
OS HERÓIS DE CORDURA**



As 3 da tarde
(p. r.) e 9.30 da
noite (M. 12 anos)
58.ª E ÚLTIMA
SEMANA

Continuação do exclusivo
deste cinema

MUSICA NO CORAÇÃO

com Julie Andrews

Cristophes Plumer

VII Eleição do «Rei» da Rádio Portuguesa

Organizada pela PAC em colaboração com o «Diário de Lisboa»

Voto em

Nome do votante

.....

Morada

.....

AMANHÃ: PRIMEIRA CONTAGEM DE VOTOS PARA ELEIÇÃO DO «REI DA RÁDIO»

Finalmente, o concurso para
eleição do «Rei da Rádio Portu-
guesa» marca a primeira etapa da lista
dos seus aliciados: amanhã, na
secretaria do «Diário de Lisboa»
(Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa)
efectua-se uma contagem dos cupões
recebidos na primeira semana de
votação.

Curiosa (e popular) iniciativa da
PAC (Publicidade Artística e Co-
mercial), a eleição do «Rei da Rá-
dio Portuguesa» tem o patrocínio
do nosso jornal nesta edição-68 de
um certame que, gradualmente, des-
perta inusitado interesse entre as
largas falanges de admiradores dos
maiores nomes dos tabladros radio-
fónicos do nosso País.

Lembremos (nunca será demais
focá-lo) o regulamento da eleição
de «Sua Majestade o Rei da Rádio»
as linhas gerais da outorga de um
título que representa, «a priori», o
reconhecimento da popularidade e
da expansão das vedetas dos mi-
cros.

REGULAMENTO

● O concurso para eleição do «Rei
da Rádio Portuguesa 1968-1969»
prevê, unicamente, o apuramento
de dez candidatos ao título em
disputa. logicamente os dez nomes
de canconetistas portugueses mais
votados pelos leitores do «Diário de
Lisboa»

● Não existe qualquer limitação
de votos, devendo os respectivos
boletins (cupões do «Diário de Lis-
boa») ser enviados à secretaria do
concurso: Rua Luz Soriano, Lis-
boa

boa. Esclarece-se que deverão ser
preenchidos com letra bem legível,
não sendo considerados os que se
apresentarem com rasuras.

● Os votos serão contados sema-
nalmente, na presença dos mem-
bros da organização e dos artistas
votados que desejarem assistir ao
acto.

● No final da votação, os candi-
datos apurados apresentar-se-ão
a votação pública, em plena igual-
dade, no festival a realizar na noite
de 7 de Dezembro próximo, no
Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

● Para tanto, a votação encerrará
no dia 5 de Novembro. Até dois
dias depois (ou seja, a 30 dias da
eleição) os candidatos apurados
deverão confirmar se aceitam ou
não a sua candidatura. No caso de
desistência ou falta de confirmação
de qualquer candidato, proceder-

se-á à sua substituição pelo ar-
tista que esteja imediatamente co-
locado na lista de nomes votados
pelos leitores do «Diário de Lis-
boa».

● Durante a primeira parte do fes-
tival, os candidatos actuarão para
o público, aqui tornado juri ab-
soluta. Será esse público, por vo-
tação em talão picotado anexo aos
seus bilhetes de ingresso no Pavil-
hão dos Desportos, quem escolherá
o «Rei da Rádio Portuguesa 1968-
1969».

● Como homenagem à Cidade In-
victa, o artista nortenho mais
votado (desde que faça parte dos
dez candidatos indicados pelos lei-
tores do «Diário de Lisboa») e re-
sida no Norte ou aí tenha estabele-
cida a sua actividade profissional) será eleito «Príncipe da Rádio Por-
tuguesa».

OIÇA!... PASSATEMPO PAC

O SEU PROGRAMA DA MANHÃ

Diariamente a partir das 8h. 5m. nos E. A. L. (O. M. e F. M.)

MÚSICA — ACTUALIDADE — PASSATEMPOS

UMA PRODUÇÃO DA PAC-PUBLICIDADE
ARTÍSTICA E COMERCIAL

ESTUDO E EXECUÇÃO DE CAMPANHAS
EM TODOS OS VEÍCULOS PUBLICITARIOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

VARIEDADES — As 21.45: «Oh, que deli-
cia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — As 20 e 45 e às 23:
«Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A louca
de Chailot».

VILLARET — As 21 e às 23: «Oh, que
delícia de coisa» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «Bolas assassinas»
(12 anos).

CINEARTE — As 21: «Quem guarda o
tesouro» (12 anos).

PARIS — As 21: «Agente diabólico»
(12 anos).

JARDIM — As 21: «Machado vermelho»
(12 anos).

IMPERIAL — As 21: «Paixões que escal-
dam» (17 anos).

OLIMPIA — As 21: «O mistério da selva
negra» (12 anos).

SALÃO LISBOA — As 19: «Ursus, o gla-
diador» (12 anos).

TERRAÇO DE LISBOA — As 21: «Uma
leoa chamada Elsa» (12 anos).

CINE-MOSCAVIDE — As 21: «James Bond
007 — Casino Royal» (17 anos).

CINE-ENCARNAÇÃO — As 21: «Despedida
de solteira» (17 anos).

S. L. BENFICA — As 21 e 15: «O corvo»
(17 anos).

CASTANHEIRA — As 21 e 30: «A vin-
gança dos Vikings» (12 anos).

ROYAL — As 21: «Paixões que escaldam»
(17 anos).

ORIENTE — As 21: «Roma era assim»
(17 anos).

UNIÃO DA PONTINHA — As 21: «A
máscara do Superargo» (12 anos).

COLISEU — As 21 e 30: «Tempestade na
fronteira» (12 anos).

BOMBREIROS V. LOURES — As 21 e 30:
«O mundo mágico» (12 anos).

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30:
«Arizona Colt» (17 anos).

CARCAVELOS — VICTÓRIA-CINE — As
21: «Os 10 mandamentos» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «O
segredo de Bill North» (12 anos).
PARADE — ROYAL-CINE — As 21:
«Raspoutine» e «3 raparigas em Ma-
drid» (17 anos).

● **Outra Banda**

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15:
«Arizona Colt» (17 anos); ACADEMIA
— As 21 e 30: «Um milhão de dólares
numa coleção» (6 anos).

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACA-
BANA — As 21: «James Tont — Ope-
ração dois» e «La comparsita» (12
anos).

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As
21 e 15: «O charlatão» e «Pistoleiro
relâmpago» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTI-
CA — As 21 e 30: «Analista do pre-
sidente» (12 anos).

● **Linha de Sintra**

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30:
«O caso Ipocress» (17 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS
As 21 e 15: «Quando o peixe saiu do
mar» e «A sexta testemunha» (17
anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e
15: «O Leão de S. Marcos» e «O caso
do cobre maldito» (12 anos).

CACÉM — CINEMA S. JOÃO — As 21 e
45: «Prof. Terry» (12 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — As
21 e 30: «Artimanhas femininas» (17
anos).

SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21
e 30: «Djongo» (17 anos).

bom apetite



Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTES RESTAURANTE

(Maiores de 15 anos)



Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378

(frente à Embaixada Americana)

AMANHÃ EXPERIMENTE

GALINHA C/ ANANÁS

E FICARÁ CLIENTE



RESTAURANTE • SNACK-BAR

L. D. Estefânia, 23 e 27

Telet. 53 52 03

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

Sala no 1.º andar para Banquetes

Lanches de Casamento



L. da Biblioteca Pública, n.º 20

Tel. 362123

SERVIÇO DE MESA REDONDA

2.ª-feira — Bolo de bacalhau e Conde

da Guarda — Espetada de vitela

à moda de Vila Real.

3.ª-feira — Ensopado de engulas c/

pão de Castelo Branco — Dobrado

à moda do Porto.

4.ª-feira — Lulas recheadas à moda

de Peniche — Cabidela de galinha.

5.ª-feira — Caldeirada à fragaço

— Entrecosto cozido c/ nabifas.

6.ª-feira — Bacalhau no forno enro-

lizado no couve — Iscas de fígado na

frigideira de barro à portuguesa.

Sábado — Filetes de carapaus em

escabeche — Coelho à moda de

Porcunhota.

Domingo — Lombos de peixe e/

arroz de amêijoas — Caril de ga-

linha à Nova Goa.

Preço por pessoa 50\$00 incluindo

A VEREAÇÃO DE LISBOA VAI APRECIAR NOVO PEDIDO DA CARRIS

A vereação da Câmara Municipal de Lisboa reúne-se extraordinariamente no próximo dia 12, às 10 e 30, nos Paços do Concelho, para se pronunciar sobre o novo pedido formulado pela Carris com vista ao aumento de tarifas nos transportes públicos de que esta empresa é concessionária.

Abastecimentos são lançados de pára-quedas na região persa devastada pelos sismos

(Continuação da 1.ª página)

de rural em Birjan, no Nordeste do país.

Birjan está situada no coração da província de Khorassan, onde são quase totais as devastações provocadas a semana passada por dois terremotos extremamente violentos, que mataram, pelo menos, 12 000 pessoas e deixaram sem lar 100 000. O número de feridos ascende a 50 000.

O xá e a imperatriz Farah, que quase não podiam conter as lágrimas, chegaram ontem a Birjand, para fiscalizarem pessoalmente as operações de socorro e assistência que estão em curso na área.

Mulheres lavadas em lágrimas lançaram-se aos pés dos soberanos persas, mas foram imediatamente levantadas pelo próprio xá e pela imperatriz, que lhes disseram: «Tudo há-de decorrer bem... Tratem dos vossos filhos, porque nós trataremos de todos vós».

Entretanto, aviões da Força Aérea continuam, noite e dia, a lançar em pára-quedas, sobre toda a província, medicamentos, tendas de campanha e géneros alimentícios. Vindas de toda a parte do Mundo, chegam, também, constantemente, a Teherão ofertas em dinheiro e géneros para as vítimas da catástrofe.

ATIRADA ÁGUA A FERVER SOBRE UMA CRIANÇA NO ORFANATO DE IGUAÇU

RIO DE JANEIRO, 5 — (R.) — Centenas de famílias brasileiras já se ofereceram para adotar e dar uma vida nova às 47 crianças do orfanato «Casa da Luz», cuja directora se encontra presa enquanto a

Polícia investiga relatos de espancamentos e torturas a que eram submetidos os órfãos.

A Polícia fez uma rusga na sexta-feira ao orfanato situado em Nova Iguaçu, nos arredores desta cidade, por ter recebido denúncia dos maus tratos a que as crianças eram submetidas.

Os exames médicos até agora feitos confirmam essas denúncias e as queixas feitas pelas próprias crianças de que passavam fome e eram espancadas brutalmente.

A Polícia procura ainda Abel Barbosa Marques que com sua mulher Edilsa dirigiu o orfanato.

A Polícia entretanto procura obter provas de que pelo menos 10 crianças foram assassinadas no orfanato e deteve já os responsáveis de três casas funerárias que procederam aos enterros dessas crianças que segundo a directora teriam morrido de febre tifóide.

Um informador da Polícia disse terem sido feitas acusações contra um médico o qual acusava certidões de óbito a troco de dinheiro prestando-se a examinar as crianças num quarto sem luz.

O pedreiro José Baptista Faria apresentou-se na esquadra da Polícia para acusar a directora do orfanato de ter atirado água a ferver sobre uma criança.

Uma mulher que vive na casa em frente ao orfanato declarou que ouvia constantemente gritos de crianças como se estivessem a ser espancadas.

RESISTÊNCIA SUBTIL

(Continuação da 1.ª página)

perioso, obrigando o motorista soviético a uma travagem brusca.

O polícia mandou em seguida avançar os automobilistas checoslovacos que vinham da direita, os quais, ao passarem, debruçavam-se da janela para sorrir e acenarem amigavelmente ao polícia, agradecendo-lhe a sua atitude firme.

A Imprensa e a Rádio também entraram nesta guerra subtil contra a pressão a que foram submetidas no sentido de adoptarem uma orientação mais ortodoxa.

Os jornalistas checoslovacos continuam a ser o mais ousados que podem dentro das novas limitações, recusando-se a ser simples porta-vozes da política sancionada pelo Kremlin.

Os locutores da Rádio, antes de lerem um comunicado ou qualquer notícia com a qual não concordam, dão um pequeno suspiro de enfado.

Nos jornais, onde não é possível manifestar esse enfado, recorre-se aos subentendidos, que os leitores compreendem.



CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

Taunus 20 M 1966 s/ averbamento

Taunus 17 M 2 p. s/ averbamento

Taunus 17 M 1965

Taunus 15 M T. S. 4 p. s/ averbamento

Taunus 15 M T. S. coupé s/ averbamento 1967

Taunus 12 M P. 4 — 4 p. s/ averbamento

FURGONETAS

Taunus Transit 1962

Volkswagen 1961

FK 1956

e outros com facilidade de troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

CONCESSIONARIO




CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

**UM ACONTECIMENTO!
ESTREIA EM PORTUGAL DE**

MIGUEL MÁRQUEZ

O MAIOR DE ESPANHA!



JOÃO NÚNCIO

O MELHOR CAVALEIRO DO MUNDO!

CAVALEIROS

JOÃO NÚNCIO

FREDERICO CUNHA

Toiros dos

Herdeiros de D. Diogo Passanha (Quinta de S. Pedro)

ESPADAS

AMADEU DOS ANJOS

MIGUEL MÁRQUEZ

Toiros de **OLIVEIRA (IRMÃOS)**

FORCADOS

Amadores de **MONTE-MOR-O-NOVO**
Capitaneados por JOAQUIM CAPOULAS

Telefs. 30769, 321712, 761539, e 771819

FESTAS PATINO E SCHLUMBERGER

VEJAM A GRANDE RÉPORTAGEM
FOTOGRAFICA DAS
FESTAS PATINO E SCHLUMBERGER
FEITA PELOS FOTÓGRAFOS
DANTE VACCHI E RAUL NASCIMENTO

NOS ESTABELECIMENTOS DA

CINE OBJECTIVA

NA RUA NOVA DO ALMADA, 51
E AVENIDA DUQUE LOULÉ, 108

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

João Gaspar Simões
José Reis Machado
José-Augusto França
José Vaz Pereira
Manuela Ferreira
Rocha de Sousa
Sheppard de Moraes

N.º 527/5 DE SETEMBRO DE 1968

Um novo «fim de século»?

por João Gaspar Simões

SEM QUE nos apercebamos disso, e até, de certo modo, tomando para tema lúcido o «fim-do-século» XIX, eis-nos a aproximarmo-nos rapidamente de um novo «fim de século». Com efeito, desde 1866, com o aparecimento em França da revista *Parnasse Contemporain*, onde colaboram já alguns dos poetas que virão a constituir o movimento «decadentista», que se acentuam na cultura europeia os sintomas de uma mentalidade caracterizada pelas suas excentricidades e o seu exacerbado esteticismo. E embora esse movimento a nós se nos antolha francês, o certo é que as suas raízes são anglo-saxónicas.

Poderíamos, mesmo, remontar um pouco mais atrás — ao próprio Edgar Poe — para explicar a infiltração anglo-saxónica que caracteriza o fim de século francês. Enquanto em França surgia o «decadentismo» e a *Art Nouveau*, em Inglaterra aparecia o pré-rafaelismo e a «Torre de Marfim». Se um francês dizia «*Le monde est fait pour aboutir à un beau livre*» — e esse francês era Mallarmé —, um inglês proclamaria, um pouco mais cedo, que «a imaginação é o único mundo verdadeiro e eterno, de que o nosso universo vegetativo mais não é que uma pálida sombra», e esse inglês era Wil-

liam Blake, precursor do pré-rafaelismo, cujos mestres serão Walter Pater, Burn-Jones, Dante Gabriel Rossetti, Vernon Lee, Oscar Wilde, etc.

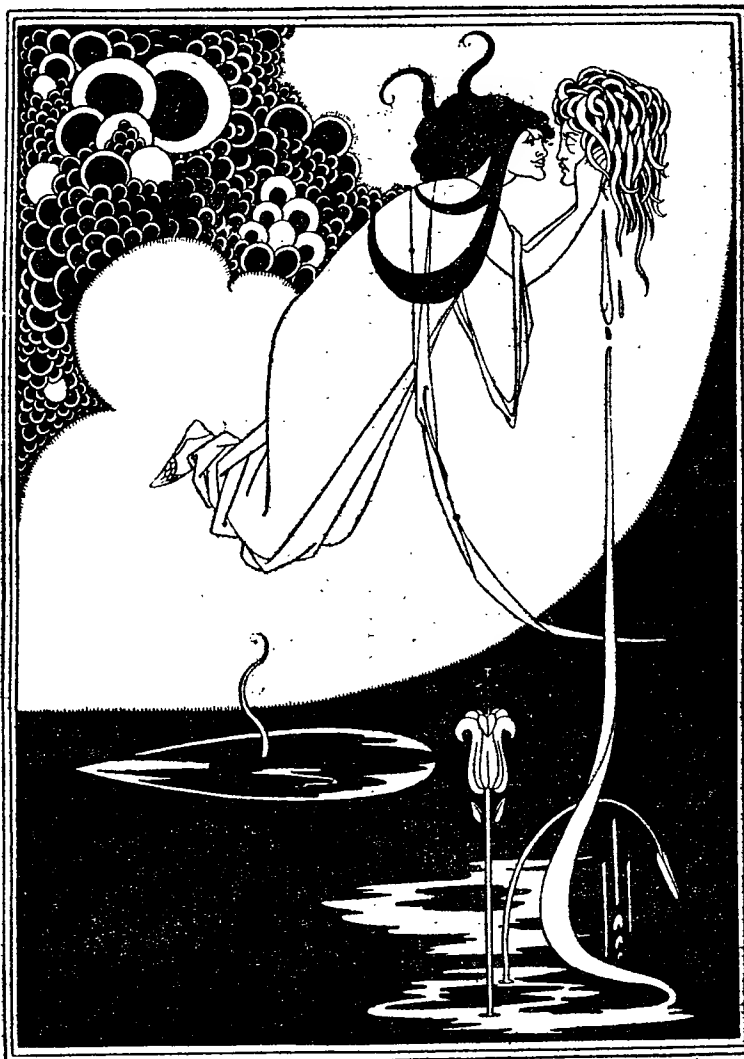
Evidentemente que o «fim de século» que começamos a ver desenhar-se num futuro mais ou menos próximo não se orgulha, como o passado «fim de século», de esteticismo ou de culto da Torre de Marfim. Pelo contrário, tudo nele parece tender para uma obstinada integração da arte na vida, se tivermos a coragem de considerar «vida» aquilo que hoje em dia se toma como tal, uma vez que, quer na literatura quer na filosofia, não é a vida que mais directamente se reflecte, mas o que se interpreta como vida, ou seja, as estruturas e os conceitos, económicos, políticos, sociais, étnicos, filosóficos, etc. E isto, quanto a nós, aparente desmentido ao pensamento de Mallarmé — que o «mundo é feito para converter-se num bom livro» —, de algum modo pode interpretar-se no mesmo espírito. Um bom livro, hoje, ou seja, um pensamento bem estruturado, é quanto basta para converter-se no próprio mundo.

Oscar Wilde, que em 1887 escrevia o seu ensaio intitulado *Declínio da Mentira*, figura entre os mais paradoxais apolo-

gistas da chamada *Art Nouveau*, a qual, como está a acontecer agora com os movimentos «pop», «hippies», etc., nascera, realmente, em Inglaterra. A volta de 1884 fundara-se em Londres um grupo, de que fazia parte, inclusivamente, o Príncipe de Galles, que preferia Bayreuth a Paris e Florença a Monte Carlo. Frequentava o *atelier* de Whistler um dos mais considerados artistas da época, e era conhecido pelo grupo dos «souls», isto é, das «almas». O culto da Beleza, o horror da vulgaridade e uma espécie de consciência social idealista, sempre prontos a auxiliar os desprotegidos da fortuna, reveste o grupo dessa auréola espiritual que nos permite considerá-lo o mais directo antepassado dos modernos *hippies*.

Com o ensaio de Oscar Wilde, frequentador do grupo dos «souls», — onde avultavam artistas jovens recém-saídos de Oxford, herdeiros da aristocracia inglesa, pintores, escritores, aventureiros — com o célebre ensaio *Decadência da Mentira* e as conferências que proferia então em Londres, onde propugna a morte do realismo e a ressurreição da arte graças a um mundo imaginário vai nascer o chamado «*Studio Style*», ou seja, a *Art Nouveau*. «A arte é ao mesmo tempo superfície

Beardsley: «Salomé»



e símbolo» proclamará ele. E quando, alguns anos depois, escreve em francês a sua *Salomé*, que virá a ser ilustrada pelo mais típico dos pintores do «*Studio Style*», Aubrey Bear-

dsley, estaremos em plena idade de ouro dos pré-rafaelistas ingleses e dos decadentistas franceses, que todos eles, de

(Continua na 7.ª página)



Castro Soromenho:
africanidade e
novos temas

PORQUE eliminámos os romancistas cabo-verdianos a propósito das considerações que estabelecemos acerca de Castro Soromenho, considerando-o o primeiro e de algum modo o único romancista português de africanidade?

Tínhamos dito que grande parte das modernas tentativas de romance surgida na área africana portuguesa, por motivos várias careciam de valores que as tornassem credoras de um lugar ao nível da melhor produção

romanesca nacional. Por outro lado, muitas outras revelando qualidades e por vezes adquirindo parcialmente uma força significativa ficavam, entretanto, prejudicadas pela perspectiva demasiado acanhada, não ultrapassando a epiderme dos problemas fundamentais, quantas vezes invertendo até os valores humanos das relações sociais. Outras, escritas de fora para dentro, e valorizando a acção de um grupo étnico em prejuízo de outro, falece-lhes a verdade social ou o fogo vivo

para as tornar específicas. E, com algumas excepções, não poderiam portanto, dissemo-lo, serem consideradas romances de autêntica africanidade. O mal ou a dificuldade viria do facto de se tratar de escritores europeus que se propuseram com olhos europeus observar a realidade africana. Sucede ainda ter-se ensaiado o romance etnográfico cujas intenções podem ter sido fundadas em muito boas razões, mas a verdade é que se nos afigura que desse modo em nada se serve a literatura e muito pouco a etnografia. É caso para se trazer aqui o aforismo popular: nem carne nem peixe. Seja o caso de, entre outros, Oscar Ribas por cuja obra etnográfica, no entanto, temos bastante respeito.

Tudo isto fatalmente deveria não só enfraquecer o significado de algumas obras como até distorcê-lo. Exemplo típico é o de Reis Ventura.

Evidentemente que tantas

reservas não significam que pretendamos arrumar, a esmo, na prateleira romancistas que abordaram a temática africana, tanto que abrimos já excepções. Precisamente por compreendermos que nesta fase primeira, quando se parte do zero, as dificuldades são de toda a ordem, haverá que semear, sedimentar, para, com base nas conquistas alcançadas, se poder avançar na construção de um romance novo, como é o africano. E aliás as esperanças são fundadas. Se mais não houvesse, mas há, aí estaria o conto cujos resultados obtidos são francamente substanciais, com alguns casos sem dúvida notáveis. De tal modo que se poderia, a exemplo da poesia, elaborar antologias de bastante merecimento e se tornariam, para muitos na Metrópole, estamos em crê-lo, uma revelação. E só o facto das nossas editoras andarem de uma maneira geral arredadas do fenómeno ultra-

marino se compreende que não tenham procurado integrar nos seus programas antologias de contos ou poemas de temática ultramarina.

Volvendo ao ponto inicial, diremos que quanto aos romancistas cabo-verdianos, na verdade as coisas não-de ser postas noutros termos. Pois com efeito, eles alcançaram um nível que não só os coloca no primeiro plano do romance de além-mar como também lhe dá foros de romancistas da primeira fila do moderno romance nacional. E, sendo assim, excluí-los no confronto com Castro Soromenho, seria contraditório e injusto.

O facto merece por igual uma explicação. Há que distinguir (e esta é a tese que vimos defendendo de há muito) entre cabo-verdianidade e africanidade. Vejamos.

Em Cabo Verde, mercê de

(Continua na 3.ª página)

Sobre Castro Soromenho

por Manuel Ferreira

O último Lowry

**DARK AS THE GRAVE
WHEREIN MY FRIEND IS LAID**
por Malcolm Lowry
ed. New American Library
Nova Iorque, 1968

HA 21 ANOS que Malcolm Lowry publicou a extraordinária obra-prima da novelística americana *Under the Volcano* (ed. Livros do Brasil, Lisboa). Agora 11 anos passados sobre a morte de «o génio do romance do nosso tempo» como o definiu Granville Hicks, a New American Library lança espectacularmente a grande «bomba» editorial de 1968: um livro póstumo de Lowry.

DEBAIXO DE UM VULCAO

Under The Volcano andou pela mão de vários editores antes de ter merecido de um deles, Michael Gessner, o imprimatur essencial. «Diziam-me que era um livro disparatado, a obra de um bêbedo exilado que fora redigido sob a alucinação do álcool» — escreveu ele mais tarde ao director literário de New American Library. «Por mim, não acredito nas obras de arte que se fabricam sob efeitos artificiais mas não sou tão ignorante que não saiba que Scotts Fitzgerald, Hemingway e Faulkner escrevem admiravelmente apesar do enorme e intenso convívio com o álcool. Eles tiveram uma experiência a dois níveis, a da lucidez e a da evasão. E indiscutivelmente, quem os leu sabe muito bem que as suas obras foram realizadas com a consciência dos longos momentos de objectividade (...) O mesmo aconteceu com Malcolm Lowry

a quem os intriguistas literários da cidade (New York) camam constantemente vagabundo aristocrático, monge da tequilha e outras coisas de curta imaginação (...) Na realidade, *Under The Volcano* é uma obra-prima de construção fria e inteligente. Li o manuscrito em três dias e, embora reconheça que é um romance difícil, senti-me seguro para afirmar que não havia nada de caótico ou de improviso de circunstância em todo ele. É um romance único que não teve ainda (1951) o acolhimento do público que terá daqui a dez anos quando for irremediavelmente consagrado. Essa idiotice de que foi escrito sob o álcool enoja qualquer indivíduo com um conhecimento mínimo da literatura ou de como se escreve um romance. Não: o livro de Lowry é um monumento de arte concebido debaixo de um vulcão de experiências. Nunca se descreveu assim a alienação do homem solitário em face de um mundo que se refugia em rituais bárbaros.»

«Alienação» é um termo que no tempo de Lowry não fazia parte dos catálogos da crítica literária nem constituía (expressamente) um dos temas mais abordados pelos romancistas da época. Mas o editor de *Under The Volcano* tinha razão. Geoffrey Firmin, o protagonista do romance, é o anti-herói dos nossos tempos, se bem que na altura apareça como uma figura trágica, um peregrino alucinado pelo álcool, entre o desejo de renascer e a realidade totémica do primitivismo mexicano.

ESCURO É O COVAL...

Douglas Day, que foi amigo e biógrafo de Malcolm Lowry,

procedeu meticulosamente ao inventário do espólio do grande escritor. Como disse Margerie Bonner, viúva de Lowry, foi «um trabalho de explorador nas trevas», dado que naquele legado disperso por vários locais havia uma confusão de manuscritos. Alguns refiriam-se a um hipotético diário, outros eram apontamentos sobre etnografia mexicana, outros ainda constituíam um extenso aglomerado de comentários fragmentados a cartas desaparecidas... Dessa cova sombria Margerie Bonner Lowry e Douglas Day desenterraram um novo romance, *Dark As The Grave Wherein My Friend Is Laid* («Escuro como a cova onde jaz o Meu Amigo»).

As cinco versões manuscritas encontradas foram pacientemente restauradas e depois, página a página, reconstituído o romance que se revelou conter um nível grotesco e uma intensidade trágica por vezes mais profunda do que o de *Under The Volcano*.

Na aparência, *Dark As The Grave* é uma espécie de *Under The Volcano* mas, na realidade, contém uma linha dramática bastante diversa deste, além de um encadeado de acção, cenas e comentários nitidamente individualizados. Uma e outra obra são ao cabo e ao resto complementares, ambas serão preciosas para esclarecimento dos críticos sobre a personalidade de Malcolm Lowry e qualquer delas serve para aliciar o público à leitura da outra.

O tema de *Dark As the Grave* é uma viagem que Lowry fez ao México com a segunda mulher, Margerie Bonner que no romance incarna a personagem de Primrose Wilderness. Como se sabe, o casal teve uma apaixonada lua-de-mel na Colômbia Britânica (que inspirou alguns dos contos de *Hear Us O Lord From Heaven Thy Dwelling Place*) e foi ali que, num incêndio que destruiu a casa que habitavam, se perdeu para sempre o manuscrito daquilo que deveria ter sido o primeiro romance de Malcolm Lowry.

AS FORÇAS DAS TREVAS

Há na vida de Lowry e no seu último romance um fatalis-

mo latente que o escritor transfigura numa escura e secreta atmosfera recheada de símbolos. As forças das trevas são os ecos do passado vivido (como em *Under The Volcano*) e o extraordinário é que *Dark As a Grave* mantenha esse clima de mistério não obstante ser, a par e passo, construído com passagens reais e de uma objectividade luminosa e por vezes documental.

Com efeito, *Dark As a Grave* é uma viagem e um livro — uma viagem que Margerie (Primrose Wilderness na transposição literária) e Malcolm vão fazendo desde as selvas da Colômbia Britânica às ruas e cantinas do México em 1945. Por essa altura já *Under The Volcano* andava de editor em editor em demanda de uma oportunidade de publicação, e *Dark As a Grave* refere-se a isso. A angústia com que o escritor espera uma resposta e as dúvidas terríveis que o atormentam em relação ao romance preenchem uma parte importante do livro que, deste modo, se transforma numa história da imaginação do escritor, numa impiedosa exploração dos processos de transformar a vida em ficção. «*Dark As a Grave* é afinal a descrição dos acontecimentos que ocupam o espírito de um romancista que está escrevendo o seu livro», salientou Elizabeth Janeway. «Podemos nele presenciar o seu aparecimento como obra de arte, vê-lo sair do caos e estruturar-se num esquema repleto de significados. É — insiste Janeway — uma extraordinária experiência este livro. Lendo-o, é como se estivessemos a assistir à operação de um mágico ou à criação do mito a partir da confusão e da experiência mais aterradora ou mais luminosa.»

Em *Dark As the Grave* os acontecimentos sucedem-se impiedosamente no comando da acção. Lowry, porém, preenche-os com um halo de mistério, com uma densidade dramática ou com um travo cómico por vezes. Viver aqui revela-se-nos como uma viagem de agonia, um esforço desesperado para enfrentar o caos da realidade, o infortúnio e os símbolos que o representam. Wilderness, é a heroína correspon-



dente (ou paralela) ao Geoffrey de *Under The Volcano*. Também vive presa à imagem de uma companhia: Juan Fernando Martinez que conheceu naquelas paragens, anos antes. O romance processa-se, pois, como um contínuo inventário de factos imediatos focados sobre o passado e refocados seguidamente sobre os planos do mito e da imaginação.

Douglas Day e Margerie Bonner enriqueceram a memória de Lowry com este admirável romance que tão escrupulosamente souberam desenterrar do espólio de Lowry. Os especialistas que estudaram os manuscritos — entre os quais Janeway — prestaram unânime homenagem ao zelo e à isenção com que os dois testemunhos realizaram esse trabalho. Nem uma vírgula foi acrescentada ao material encontrado, a tal ponto que a parte final do livro se apresenta como que um esboço pouco trabalhado. Isso não diminui o valor do romance nem poderá considerar-se menosprezante para um prosador como Lowry que escrevia e reescrevia continuamente as suas obras.

Com *Dark As the Grave* ele fica ainda maior na História da literatura do nosso século, e mais viva e mais densa a agonia de um génio que errou entre o desprezo e a glória, entre o real e o imaginário, entre a forma e o símbolo: Malcolm Lowry.

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

Sobre Castro Soromenho, por Manuel Ferreira

LETRAS ESTRANGEIRAS

Um novo «fim de século», por João Gaspar Simões
A ponte sobre San Francisco, por Sheppard de Moraes
O último Lowry
O génio em público, por M. Serrão Martins

ARTES PLÁSTICAS

Sobre os «marchands», por José-Augusto França
Encontro com Artur Rosa, por Rocha de Sousa

URBANISMO

O Bairro de Habitação (2), pelo arqu. João Reis Machado

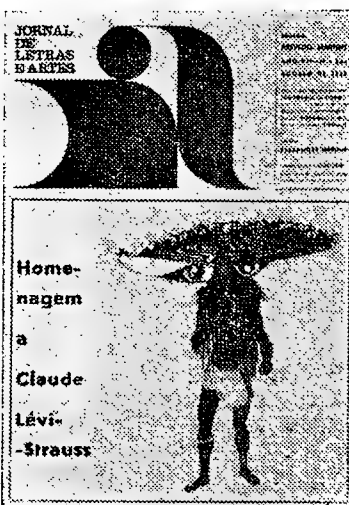
CINEMA E SOCIOLOGIA

Com o vento e com a lama, por José Vaz Pereira

Revistas culturais

Está distribuído o n.º 264 do «Jornal de Letras e Artes», mensário cultural dirigido por Azevedo Martins. Neste seu número de Agosto, o «JLA» homenageia Claude Lévi-Strauss: traduções do artigo «Ensaio, tendências e problemas», de Yvan Simonis, e dos textos do homenageado «A noção de estrutura», «A noção de arcaísmo», «Magia e ciência» e «Bons Selvagens». Em continuação da homenagem a Baudelaire, iniciada no número anterior, são apresentadas traduções dos textos «Baudelaire, presença e presente», de Octávio Paz, e «Da crítica à poesia», de Jean Starobinsky. Uma entrevista a Gilbert Amy sobre as «Formas Abertas», o artigo «Um mundo pintresco», de João Barrentos, poemas originais de António Barahona da Fonseca e Manuel Ramos, e as habituais secções «Consultório do Dr. Pena e Dr. Pluma», «Cinema», «Mú-

sica» e «Artes Plásticas» preenchem as restantes páginas desta publicação de tradições já firmadas no panorama cultural português.



«SEARA NOVA»

O número de Setembro da «Seara Nova» surge preenchido com artigos de Augusto da Costa Dias («A crítica da cegueira e a cegueira da crítica»), José Carlos de Vasconcelos («As festas do nosso povo»), Luísa Dacosta («Angústia») e R. G. («Método estrutural e filosofia estruturalista»). Na secção «De Leste a Oeste», Jorge Sampaio escreve sobre as eleições presidenciais norte-americanas (artigo «A margem do Paraíso Florido de Miami...»); a crítica de Teatro, subscrita por Urbano Tavares Rodrigues é dedicada ao Pirakon Theatron — «uma experiência de teatro para o povo» e, na secção de crítica cinematográfica, José Vaz Pereira analisa o filme «Johnny Guitar» de Nicholas Ray. Nas dezasseis páginas deste número da «Seara Nova» surge ainda a habitual secção «Factos e Documentos».

O génio em público

THE DOUBLE HELIX

por

James D. Watson

ed. Modern Library

New York, 1968

«Um cientista pop» é como aparece definido no responsável quotidiano *Paese Sera* o grande investigador e prémio Nobel, James D. Watson. Por seu lado, Maurice Goldsmith ao comentar o livro *The Double Helix* que o grande e jovem cientista publicou recentemente não hesita em afirmar que com esta obra uma forte personalidade da investigação biológica destroi os mitos da desumanização e os conceitos convencionais que enquadram a imagem do sábio dos nossos dias. De qualquer modo *The Double Helix*, livro de memórias, ao cabo e ao resto, é uma corajosa atitude de reflexão que vem assinada por um dos grandes da Ciência e em que se foca humanamente o lado banal e quotidiano de um investigador da mais alta craveira universal.

O HONESTO JIM

Universalmente célebre, apesar de não ter entrado ainda na casa dos quarenta anos, Jim (James) Watson não faz mistério dos *undergrounds* em que assenta a investigação científica no mundo actual. A fama (e o êxito) têm o seu *quid* de sorte e de oportunidade; um programa de estudo e de descoberta insere-se num esquema complexo de interesses de nível industrial e político; um cientista *habita* um universo chelo de convencionalismos — etc., etc., etc.

O tom pessoal de *The Double Helix* e o á-vontade com que nele se abordam certos problemas à escala individual deixaram perplexos os biólogos ingleses e as instituições de consagrada prudência ligadas à Universidade. O editor propôs emendas ao manuscrito (que não foram executadas, de

resto), a imprensa de escândalo fez os alarmes de circunstância e Francis Crick, colaborador directo de Watson, apressou-se a «desligar-se» de compromissos com o célebre (e irreverente) prémio Nobel.

Inicialmente, o livro de James (Jim) Watson devia intitular-se *The Honest Jim* — o que, em si mesmo, era, a um tempo, uma acusação às falanges dos cientistas menos honestos ou mais submissos ao *establishment* e uma maneira directa e simples de se mostrar a público: o prof. James D. Watson seria apenas Jim, o honesto Jim — um homem do quotidiano.

Após a publicação de *The Double Helix* o director da al-



JAMES WATSON:
ciência e imaginação

tamente cotada revista científica inglesa *Nature* publicou uma editorial assinalando que a esmagadora maioria dos co-

mentadores da especialidade se recusou a fazer qualquer referência à obra. Facto tanto mais curioso quanto é certo que fora precisamente nesse hebdomadário que, em Abril de 1953, apareceu um artigo de 880 palavras em que se revelava uma substância desconhecida chama DNA (ácido deossiribonucleico) descoberta pelos dois investigadores que assinavam a comunicação: o inglês Francis Crick, da Universidade de Cambridge, e o americano de 24 anos James D. Watson. Entre outros resultados a descoberta veio explicar o mecanismo da hereditariedade e desfazer muitos equívocos em que se processavam as investigações neste capítulo.

A DUPLA ESPIRAL

Watson e Crick descobriram que o DNA tem uma estrutura em dupla espiral, ou seja, que numa molécula existem dois elementos filiformes de DNA, os quais se desenvolvem em direcções opostas. Os dois cientistas construíram um modelo tão simples e tão claro de exposição que foi imediatamente aceite pelos especialistas mais cépticos. Através dele provaram sucessivamente que o DNA representa a molécula da hereditariedade e que é ali que se contém o código genético que dá forma à reprodução da célula biológica. «As repercussões desta espantosa descoberta são tão vastas que de momento estamos muito longe de podermos avaliá-las em toda a sua extensão» — escreveu outro cientista de fama, Durham.

UM HOMEM DO SÉCULO

Mas o professor Watson é um homem do século. Laureado e assente no trono dos sábios, ele ousou romper com as regras da *honoris doctor* e publicar um livro muito pessoal em que demonstra inegável ambição de se tornar escritor, descurando certos deveres de prestígio da classe dos cientistas — comenta o boletim do Instituto de Ciências Naturais de Estocolmo, Junho

de 1968. Na realidade, um prémio Nobel que escreve: «Sentia-me só e vendo as jovens de longos cabelos em Saint Germain des Prés compreendia que já não estavam ao meu alcance. Tinha 25 anos e era demasiado velho para alinhar nessas extravagâncias...» —, um cientista que tão melancolicamente se confessa seduzido pelo banal quotidiano e se vê, pela fama súbita, impossibilitado de o absorver descontradadamente, na realidade um homem que assim escreve demonstra-se perfeitamente à margem do clima austero da Inteligência tradicional.

Depois, a sua maneira franca de contar, o tu-cá, tu-lá, de um Jim Honesto põe em alvoroço os bastidores dos olímpicos da Ciência. De «sir» Lawrence Bragg, também prémio Nobel e director do famoso Cavendish Laboratory, diz ele, por exemplo, que não suportava Francis Crick, do mesmo modo que referindo-se a outra sumidade, o prof. Linus Pauling, não hesita em pôr algumas reservas à sua personalidade intempestiva e ambiciosa.

BAR E LABORATÓRIO

Uma tal maneira de escrever é mais adequada a um artista do que a um homem de ciência — criticam os homens do *establishment*, enquanto que os entusiastas de Watson lembram, e com razão, os cientistas do Renascimento. Decerto que não lhes faltam exemplos para rebater esta preocupação de dividir estilos...

Realmente falar de genética e do bar «The Eagle» (que ocupa um largo espaço no livro de Watson), desmontar algumas engrenagens da sociedade privada dos laboratórios e, entretanto, confessar pessoalmente as tentações de homem comum, é atitude antecipadamente arriscada. Maurice Goldsmith presta homenagem a esse acto corajoso. Segundo ele, «Watson liberta a Ciência e os cientistas do cheiro a mofo e oferece uma visão de como a Ciência aparece «feita» e de como se comportam alguns investigadores.» John Kendrew,

que trabalhou com Watson e Crick e que é também prémio Nobel, mostra-se igualmente entusiasmado com *The Double Helix*. Considera-o «uma obra desintoxicante» que não diminui em nada «o óptimo exemplo de capacidade criadora (de Watson), esse acontecimento feliz que é uma das tais intuições admiráveis que de tempos a tempos acontecem no campo da Ciência».

«Hoje não é forçoso ser-se um génio da linha de Einstein, de Darwin ou de Planck para se obter uma grande descoberta científica», diz Maurice Goldsmith. «O que é necessário é possuir senso comum, uma forte imaginação e sorte.» Watson reúne indubitavelmente esses condicionalismos. Desde o início da sua carreira viveu ocupado na descoberta do DNA mas a sua imaginação precisava de «estímulos exteriores que se encontram muito mais facilmente fora das paredes do laboratório e das reuniões de biblioteca.»

INCITAÇÃO A VIDA

The Double Helix é uma incitação à vida extramuros. Poderá um geneticista da craveira de C. H. Waddington sustentar que a situação que o livro descreve não é característica «de grande parte do ambiente científico de alto nível»; poderá Goldsmith rotular entusiasmadamente Watson como cientista «pop» (um protótipo de investigador «numa idade em que ciência e vida não podem jamais processar-se separadamente»); poderá «sir» Lawrence Bragg considerar que «as imperfeições do livro não diminuem o interesse e o seu valor como documento»; poderão enfim os imponentes *cum laude* voltar a cara, incomodados, com esta irreverência de um prémio Nobel, que *The Double Helix* tem já uma importância histórica. Watson desmontou um cenário convencional e aproximou o cientista das realidades do dia-a-dia.

M. SERRÃO MARTINS

Wisconsin, Agosto 1968

Castro Soromenho

(Continuação da 1.ª página)

circunstâncias históricas, sociais, económicas, culturais, desde cedo veio-se processando uma aculturação que plasmasse uma sociedade que, pouco a pouco, adquiriu uma fisionomia própria no conjunto das áreas tropicais de influência portuguesa. A mestiçagem organizando-se em larga escala cedo moldou ali nas ilhas atlânticas um novo tipo étnico que não sendo exactamente europeu também não é, nem de longe, africana. Pode dizer-se que ainda nos primórdios da colonização os contactos directos e imediatos com a África deixaram de ser permanentes e isso veio contribuir para que o fluxo cultural europeu se tornasse dominante e quase único. E cedo também a sua independência cultural se consubstanciou e fortaleceu a ponto de ter sido possível a formação de uma nova língua;

o dialecto crioulo, vivendo paralelamente com a língua portuguesa. E não só o seu dialecto é o produto dessa especificidade cultural. Na culinária, na música (a morna e a coladeira), na dança, nos seus estilos de vida, na literatura oral; padrões de cultura vários se foram operando, complexos de cultura se foram alargando, tudo se fazendo e refazendo, ao longo dos anos e ao longo dos séculos na laboriosa estruturação de uma sociedade diferenciada no seu duplo aspecto: étnico e cultural. Onde deixa de ter significação a cruel divisória do mundo branco e do mundo negro, facto que, de longe, sobreleva o de outras áreas cuja aculturação tem sido mais lenta e, portanto, muito menos significativa.

Assim, o surto literário e cultural cabo-verdiano de 1935, normalmente denominado *claridoso*, por se ter aglutinado

em volta da revista *Claridade*, a marcar a verdadeira fase da literatura cabo-verdiana, de certo modo encontrou a sua tarefa facilitada na medida em que a sociedade cabo-verdiana formava um todo sólido e definido. Quase diríamos monolítico.

E essa sociedade nova não era senão o mundo cabo-verdiano entendido na sua expressão física, humana e social. E dá-la, representá-la em termos de recriação literária não significava outra coisa do que exprimir o fenómeno da cabo-verdianidade, a mundividência cabo-verdiana.

Enquanto nas outras áreas o elemento africano é poderoso e se reflecte com insistência na literatura de expressão portuguesa, às vezes com as características próprias de negritude, em Cabo Verde isso não foi possível. O facto é tão evidente que as referências quer da ficção quer da poesia criou-

la que denotem próxima ou remotamente raízes africanas, são inexistentes. Numa análise que efectuámos em 1960 a poesia cabo-verdiana apenas encontramos num poema de Agualdo da Fonseca uma referência à África e vamos, para trás, encontrar uma outra em Pedro Cardoso. Daí a nossa posição: não se poder falar, a não ser muito hipoteticamente, de africanidade ou de negritude relativamente a Cabo Verde. Logo não são escritores de africanidade, não são romancistas de negritude o Manuel Lopes, o Baltasar Lopes, o Luís Romano, os novelistas António Aurélio Gonçalves, o Teobaldo Virginio, o Gabriel Mariano nem qualquer outro contista cabo-verdiano. Mas já será escritor de negritude o Castro Soromenho cujas raízes humanas e literárias se nutrem do chão angolano bifurcando a sua óptica pelos diversos ângulos e extractos sociais e não limitando a sua

temática apenas ao mundo limitado do europeu.

Esta a explicação para defendermos a nossa tese: Castro Soromenho foi não só o primeiro como é, ainda, verdadeiramente o único, pelo menos por enquanto, romancista africano de expressão portuguesa.

Por tudo quanto deixamos dito, se apreende que delimitamos estes dois campos: o da literatura ultramarina portuguesa e o da literatura africana de expressão portuguesa. A literatura cabo-verdiana será *ultramarina*, mas não é de *negritude*. É aqui que reside a diferença essencial. A mínima para um diálogo possível sobre este fenómeno.

MANUEL FERREIRA

O presente artigo é complementar daquele que o Autor publicou no número anterior do «Suplemento DLX»



Sobre os «marchands»

Folhetim artístico de
José Augusto França

HA dois ou três meses fui ao Porto, com o Pernes e o Rui Mário Gonçalves, a convite de um grupo de jovens artistas dali, realizar duas «mesas-redondas» de discussão de problemas de artes-visuais. Uma exposição dos mesmos artistas (subsidiada pela Fundação Gulbenkian e de que R. M. Gonçalves se ocupou longamente em outro jornal) serviu de pretexto à nossa visita, num conjunto de manifestações que assim mesmo se devem processar, numa relação cultural activa que os portugueses muito bem entenderam.

Quero crer que as nossas sessões de trabalho tiveram êxito, com as salas cheias de gente (de jovem gente sobretudo) interessada num convívio infelizmente pouco frequente. Programámos para a tarde uma discussão sobre os vários aspectos da criação estética actual, e sobre o seu significado, num jogo de valores e de relações culturais, e para a noite uma exposição de problemas da vida artística nacional, considerada em função da crítica e do mercado — faltando-nos o tempo para tratar dum terceiro aspecto, a aprendizagem possível e o ensino necessário, que teria completado o ponto de vista de «informação» que nos interessava tomar. E assim falámos os três, um após outro, passando-nos a palavra — e

respondendo depois a perguntas e objecções da assistência. Ora a discussão da situação do mercado artístico português despertou um interesse inesperado — e se a mim coube desenvolver mais especialmente o assunto, me coube também ser mais vivamente contestado — e logo pelo excelente escultor José Rodrigues, assistente das Belas-Artes do Porto, que fora um dos principais motores do nosso convite. Pouco depois (mas só agora o soube) no «Boletim Esbap 2» outro jovem artista se atirou a mim e à minha suposta defesa dum universo de mercadores de arte, sublinhando-lhe não só perigos reais mas crimes ideais.

E isto pode e talvez deva ser objecto de folhetim («le crime sord au feuilleton», dizia não sei quem).

Outra citação nos poria em presença duma famosa expulsão de vendilhões, dum templo que seria agora o da Arte, já que por todo o lado a «civilização do consumo» vai vendendo os seus produtos, algo desvergonhadamente.

PRODUTOS e consumo. Comecemos a entender-nos. Uma obra de arte é um objecto de civilização, sem dúvida, e por definição, mas é também, com certeza, um objecto transaccionável. Isto é: um produto destinado a ser consumido. O

consumo define-se aqui de duas maneiras: colectiva e privada, através de museus públicos e de colecções particulares. Num caso como no outro esse objecto, de civilização e de troca, reverte ao gozo de muitos, ou de poucos. Produzido, deve ser cedido indo assim do produtor ao utente, como, por exemplo, um bacalhau ou um par de sapatos. Deixemo-nos de orgulhos, e aceitemos a comparação sociológica... A especificidade do objecto intertem, de certo, mas não altera a sua definição dentro dum esquema de *Serviço Social*, que tanto presta um artista, como um sapateiro. Nesta, ou noutra sociedade — ideal sendo aquela em que os sapateiros sentissem tanta necessidade de arte, como um artista de sapatos...

Mas entre os sistemas socio-económicos das sociedades há diferenças fundamentais — e, segundo elas, os produtos são «cedidos» de maneira diferente: ou comercialmente, e então se diz «vendidos», ou sem comércio e então se dirá não sei como. De qualquer modo, porém, há sempre troca ou transacção. O artista dá o que faz em troca de algo: cheque ou vale compensatório. Com o cheque comprará um palácio, com o vale se instalará numa «lsba». De qualquer maneira, tem de trabalhar e está sujeito a uma valorização ou avaliação dos seus produtos — por leis de oferta e procura esteticamente arranjadas e relacionadas com (ou encobrindo) interesses económicos ou ideológicos. Prefira-se um ou outro esquema, sempre o artista nos surge em avaliação, sujeito a «marchands» ou comissários.

ESTAMOS, no Ocidente, como se sabe, num esquema de «marchands». Acontece que,

sob esse esquema, a arte se desenvolveu de uma forma socialmente positiva — porque propõe e propõe valores mentais e sensíveis novos; acontece que sob o esquema do «comissário», no Oriente, ela se porta de uma forma socialmente negativa — porque propõe valores estacionários, de mero reflexo. Tendo visto milhares de obras, de um e de outro lado, não tenho dúvidas a este respeito, nem isso me incomoda porque não sou maniqueísta.

Neste momento, em Portugal, não tendo tido efectividade a proposta feita por Alexandre Herculano em 1851, de trocar os direitos de autor por tenças, sinecuras e bolsas (e ainda bem — espero que me entendam a desconfiança) estão os escritores sujeitos aos editores — e começam a estar os artistas sujeitos correspondentemente aos «marchands». Se os primeiros não editam por conta própria, parece razoável que os segundos procurem situação semelhante. Isto é, que ambos tenham intermediários ou distribuidores.

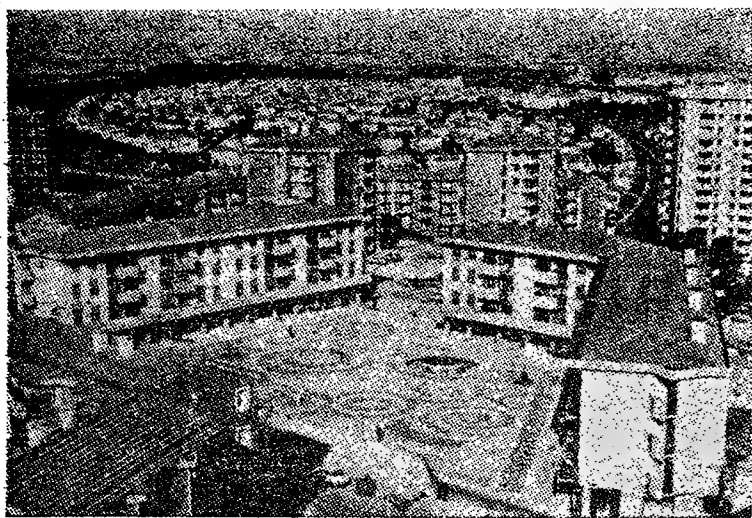
Assim começa a acontecer no domínio das artes, de maneira mais organizada, com uma consciência profissional que não havia. Começa a aparecer, então, quem queira vender quadros e esculturas, ganhando nisso a sua vida: são os mercadores ou «marchands». Que no circuito assim estabelecido há intromissões discutíveis ou condenáveis, «ruídos» desagradáveis ou nocivos culturalmente? Sem dúvida — e podemos voltar à comparação com os editores.

Aí pode e deve intervir o crítico de arte, para separar do trigo cultural o joio comercial. Dará resultado a acção de tais orientadores do público? As ve-

zes dá — depende deles e dos leitores... Mas é a única defesa possível aqui e acolá, valores culturais, artísticos ou outros: a crítica que desmitifique propagandas comereiais ou ideológicas.

CRÍTICA promoção de vendas? O autor do artigo que cito acusa-me de «lamentável confusão a esse respeito». Lamentável seria se a fizesse, mas, lendo-me ele com mais atenção, verá que a não faço, não... Defender os «marchands» acha também ele que é agir em nome de «pretensos interesses materiais dos artistas». Pretensos? Desde o Francisco de Holanda, do Machado de Castro, do Sequeira, do Metrasse que vejo serem reais tais interesses e ouço queixas de não estarem satisfeitos. Tenho, nisso, uns séculos de prática — e mais de dois decénios de acção. Não me vou pôr a combater um sistema que, na transitoriedade histórica é claro aqui e agora, pode resolver tal situação. Seria tolice e inconsciência sociológica da mesma situação.

Apenas há, isso sim, «marchands» e «marchands», ignorantes ou espertalhões uns, avisados e inteligentes outros. Nos 200 e tantos de Paris, qualquer pessoa bem informada sabe quais visitar — e logo para ver as exposições que eles realizam e que uma centralização cultural, no Ocidente ou no Oriente, não pode suprir. Veja o meu contendor se em Lisboa também assim não é — e veja sobretudo se quer viver da pintura (ou da escultura) que faça, ou de outro ofício. Isto é, se quer ser profissional, ou amador impolutamente inútil à sociedade.



Perspectiva de Olivais-Sul

Para que um bairro de habitação não seja um «dormitório» mas constitua um factor de promoção, é indispensável que nele exista resposta a um conjunto de necessidades e aspirações:

Resolve-se o problema, por um lado, através de uma concepção da casa, encarada como centro fundamental da vida íntima de cada família, por outro, através de um conjunto de equipamentos que, exteriores ao fogo, constituem o seu indispensável prolongamento.

É nesta unidade ambivalente do bairro de habitação que desde há alguns anos se têm concentrado os esforços de alguns sociólogos, arquitectos, urbanistas e de algumas administrações. Para além de uma técnica especificamente de obras públicas, o planeamento de áreas residenciais pretende a

integração correcta de cada indivíduo ou de cada família no contexto urbano em que se insere.

Em qualquer aglomerado, a composição demográfica e social, varia de zona para zona, pelo que variam, também, as funções e características do respectivo equipamento. O ajuste dá-se por vezes de uma forma liberal, mas que não deixa por isso de ser violenta: a expulsão gradual da habitação das zonas centrais é acompanhada pela agonia de alguns tipos de comércio, e pela substituição frequente dos escalões e ramos de actividade.

As características quantitativas e qualitativas do equipamento de cada bairro encontram-se assim dependentes do número e das características demográficas e sociais dos respectivos habitantes. Em bairros onde se concentram fami-

lias de recente proveniência rural e maior a necessidade de equipamentos numerosos, os quais, considerados isoladamente, são de difícil rentabilidade. É, sobretudo, de rezeir nestes casos a concentração de gente inactiva e sem profissão e o desenvolvimento de epidemias. Cite-se, ainda, como exemplo da correlação entre população e equipamento, o caso clássico de bairros onde é elevado o índice de natalidade, devido a uma maioria de casais novos. Daí surge um problema com reflexos importantes nos custos do empreendimento: o grande número de escolas necessárias no período inicial, torna-se inútil alguns anos depois, devido a um envelhecimento demográfico maciço, sem hipótese próxima de renovação.

Estes e outros factos têm obrigado a uma política coordenada na ocupação das habitações, tendente a garantir, não só o desenvolvimento social harmonioso de cada novo bairro, mas também uma dosagem equilibrada de equipamentos rentáveis e deficitários. Procura-se, ainda, sobretudo, conhecer a forma como variam as necessidades no tempo, controlando não apenas o acesso, mas prevendo o crescimento e a evolução.

As funções de um bairro correspondem, portanto, a um

conjunto de actividades diversificadas, consoante a heterogeneidade social dos respectivos habitantes. Em termos muito gerais, as necessidades variam consoante a profissão, a idade, o sexo, o grau de cultura, a posição sócio-cultural. A cada membro de uma família corresponde um conjunto complexo de exigências e aspirações.

Por exemplo, no caso do chefe de família, essas exigências manifestam-se em primeiro lugar em termos de proximidade habitação-trabalho. As deslocamentos prolongadas e a necessidade de utilizar num mesmo percurso vários meios de transporte, prejudicam sensivelmente a eficiência no trabalho e aumentam o volume das despesas diárias. Somos, assim, colocados, por um lado, perante o problema da localização das áreas residenciais e garantia antecipada de um serviço de transportes rápidos, por outro, perante o problema da distribuição correcta dos habitantes pelas habitações.

Numa época em que a actividade profissional é, por vezes, extremamente dura, a tranquilidade e possibilidade de descanso nas horas de folga ocupam um lugar especial. Nesse sentido, e até porque o aumento dos tempos livres constitui a longo prazo, tendência generalizada, em cada

bairro de habitação deverá haver lugar para recreio ou repouso no exterior, para pequenas oficinas onde seja possível o exercício de qualquer «hobby». Por outro lado, os tempos livres são também utilizados, frequentes vezes, no aperfeiçoamento profissional, aprendizagem de línguas, dactilografia, conferências e outras actividades, que nunca terão lugar se não forem oportunamente institucionalizadas. Ocorre aqui lembrar a experiência em curso em bairros ingleses, onde são múltiplas as actividades tornadas acessíveis aos respectivos habitantes: aprendizagem de primeiros socorros, mecânica automóvel, carpintaria e serralharia, pintura, cerâmica, agricultura, iniciação no «bridge», dança, decoração, teatro, participação em orquestras, ginástica e desportos, clubes de fotografia, viagens, etc.

Seria demasiado longo enunciar, de uma forma sistemática, e dentro dos limites permitidos pelos conhecimentos sobre a matéria, exigências, necessidades, aspirações e comportamentos de todos os membros de cada família, seja a mulher, o marido, os filhos, os adolescentes, as crianças ou os velhos. São, no entanto, de salientar os riscos inerentes à concentração de famílias, de jovens e crianças, do ponto de vista

urbanismo

O bairro de Habitação (2)

arte-promoção-mercado

Encontro com Artur Rosa

ARTUR ROSA, responsável pela direcção da Galeria Quadrante, é por esse motivo um dos elementos mais ligados ao quadro da nossa actividade artística, para além do esquema da sua própria intervenção profissional como indivíduo qualificado, no plano de uma atitude de vanguarda que tem aqui sido comentada conforme a incidência cultural que lhe reconhecemos. O nosso diálogo com Artur Rosa procura exactamente penetrar no campo das suas atribuições como director de galeria, já que a esse nível a sua acção tem sido bem caracterizada e dinâmica, a demonstrar que o artista pode não ser apenas um operador mais ou menos consciente nos limites da especialidade que lhe cabe.

AINDA A JOVEM PINTURA: É primeiramente em torno deste título que levantamos as primeiras questões a Artur Rosa, não só na medida em que a Galeria Quadrante se tem feito ponto de encontro dessa jovem pintura, mas também por haver cada vez mais tendência para se admitir que existe entre nós um claro sinal de afirmação a esse nível. Se esta jovem pintura é um facto, já um modo de ser ou um modo de intervir, ela deve-se com certeza a razões mais ou menos determinadas. Aqui não incluímos, naturalmente, a geração que promoveu e decidiu, em novos termos de cultura, a renovação artística na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Nesse caso, os dados já pertencem a história feita, terão força precursora, ainda envolvem parte da vanguarda adulta, mas já não nos parecem básicos em ordem ao fenómeno geral da jovem pintura portuguesa.

Assim, perguntamos a Artur Rosa se pensa que esta pintura de sinal recente, de autores jovens, já envolve peso afirmativo bastante para se considerar socialmente real.

— *Penso que ainda não.*

A esta negativa curta, que forma em qualquer dos casos a resposta pedida, Artur Rosa acrescenta que os autores responsáveis pela pintura em causa estão efectivamente agindo, embora se não possa com propriedade avaliar o peso da sua inserção social.

— *Apenas os interessados na sua promoção sabem que essa pintura existe, e são eles quase sempre o seu público. Existe paralelamente uma outra, praticada por jovens, que se poderá considerar negativa na medida em que se limita à repetição de esquemas conhecidos. Em boa verdade, não sendo esta pintura que de facto actua, ela é a mais divulgada.*

— *Considera que os artistas mais jovens decorrem de uma modernidade portuguesa ainda actuante mas que se consagrou, ou, pelo contrário, tentam sobrepor-se ao comportamento dessa modernidade?*

— *Os jovens artistas, os que de facto propõem (e parece-me que são poucos), não se identificam com uma modernidade ainda actuante, que você chama de consagrada, antes tentam afirmar um novo conceito de modernidade.*

Pensa que esses artistas novos estão suficientemente organizados como frente activa ou sofrem as mesmas divisões que se reconhecem no nosso meio artístico?

— *Não estão de facto organizados como sugere e era absolutamente indispensável que estivessem. O papel da sua acção, que só pode ser apre-*

ciado através de valores individuais dispersos, esbate-se por completo no âmbito da nossa vida cultural. O que houve depois do Orpheu? Apenas o manifesto de um artista isolado, António Areal.

Conservando a focagem, perguntamos a Artur Rosa se lhe parece que os artistas estejam suficientemente apoiados pelos organismos partilhados promotores de cultura.

— *Volto a responder que não.*

Esses organismos apenas têm apoiado os jovens quando reconhecem, segundo o seu critério, a utilidade de atribuir bolsas de estudo para o estrangeiro. Isto pode considerar-se um progresso em relação ao passado, mas como promoção cultural parece-me limitado, um trabalho passivo. É oportuno perguntar que continuidade de estudo e pesquisa asseguram esses organismos aos bolsistas depois do seu regresso, após o estágio efectuado no estrangeiro. Pessoalmente, e no plano de medidas que possam garantir aquela continuidade de acção, penso que seria importante a formação de «ateliers»-oficina bem apetrechados e que permitissem uma frequência adequada aos artistas interessados e já de algum modo qualificados.

A PINTURA NA SOCIEDADE:

— *Aponta-se com frequência que a pintura actual portuguesa (para só citar um comportamento dos mais debatidos) não reflecte a problemática do nosso agregado social, não a penetra criticamente, cumpre-se alienada dos fenómenos vitais do meio na suficiência das assimilações imediatas. Parece-lhe, Artur Rosa, que a especificidade do fenómeno pictural, com todas as coorde-*

nadas que o definem no mundo moderno, pode ser enquadrada daquele modo?

— *Nos meios onde existe de facto um movimento cultural importante, existe uma pintura que reflecte em geral a problemática desse agregado, ali mergulhando profundamente as suas raízes. Nos meios culturalmente subdesenvolvidos a pintura assimila por empréstimo as descobertas propostas por outras zonas de cultura. Esta assimilação é quase sempre precária.*

— *Poderá sublinhar, em todo o caso algumas razões que considere justificativas do aumento da nossa produção artística?*

— *Do meu ponto de vista julgo difícil determinar com rigor quais os factores que intervêm nessa produção. Mas posso falar de uma informação mais abundante, através de literatura especializada mais acessível. Também se viaja com maior facilidade.*

— *Na base do que acima se disse parece-lhe que esse aumento da produção se deverá entender com negativo?*

— *De forma nenhuma.*

PROMOÇÃO ARTÍSTICA: O modo de promover a actividade artística e de comunicar com os artistas tem sofrido alterações profundas nos últimos anos. De um ponto de vista de pura coordenação das fontes produtoras, o centro de convergência que se reconhecia na Sociedade Nacional de Belas-Artes deslocou-se em benefício de uma pluralização das iniciativas e dos modos de agir. Se descontarmos deste movimento bem caracterizado as promoções apaixonadas e os ventos de circunstância, o saldo exprime-se num ponto muito significativo, pelo me-



nos em termos de quantidade. Na questão levantada cabe a existência e trabalho das galerias; como define o aparecimento das galerias e qual a importância que lhes confere no âmbito da nossa cultura artística?

— *Em face do aparecimento de uma camada jovem de artistas, que efectivamente estava a trabalhar, sentiu-se a necessidade de formar galerias com determinadas directrizes, que promovessem uma activi-*

(Continua na página seguinte)
ROCHA DE SOUSA

de saúde e relações sociais. Em França, por exemplo, a delinquência juvenil tomou tal amplitude em algumas cidades novas, que passou a constituir problema prioritário em todos os bairros em projecto. O V Plano francês prevê a construção, até 1972, de 750 casas de juventude.

OBSTACULOS E DIFICULDADES

Pretendemos demonstrar que, em qualquer país, as necessidades de alojamentos não se limitam à construção do maior número possível de casas para o maior número possível de famílias. Casas e equipamento são um conjunto indivisível, que constitui na sua unidade o problema da habitação. A complexidade da tarefa está logo de ser compatível com realizações isoladas e dispersas. Antes justifica uma acção persistente e coordenadora a nível nacional, cujos pilares são: 1. Investigação; 2. Abertura e adaptação ao progresso; 3. Formação de dirigentes; 4. Aumento do poder legislativo e de financiamento.

As dificuldades a vencer implicam uma acção conjunta que ultrapassa a capacidade de técnicos ou de organismos públicos e privados actuando iso-

ladamente. Entre os obstáculos fundamentais, pode citar-se: a ausência de reservas de terrenos e a dificuldade das entidades construtoras em dispor de áreas em larga escala a custos compatíveis com os objectivos em vista (ocorre aqui lembrar a experiência dos Z. U. P. franceses ou «zonas a urbanizar com prioridade»); uma estrutura heterogênea das profissões ligadas à construção, o que impossibilita uma organização e um código comuns; estaleiros públicos e privados, pequenos e dispersos; inexistência de organizações finan-

ceiras, comerciais e culturais capazes de fornecer a urbanistas e arquitectos meios de acção que lhes permitam realizar bairros coerentes e humanos; multiplicidade e limitações das entidades que independentemente uma das outras constroem habitações; insuficiência e dispersão dos meios financeiros disponíveis.

Perante o volume e a natureza dos obstáculos enunciados, existem, em maior ou menor grau, em toda a parte, tem-se enveredado em vários países por uma acção conjunta de ministérios, tendente a unifi-

car esforços e recursos fragmentados, submetendo-os a objectivos comuns e a uma mesma disciplina. Essa política já existe entre nós em diversos sectores, e pode ser considerada como fundamental. Com efeito, a dispersão de competências por diferentes organismos conduz frequentemente a situações não colaborantes, incompatíveis com as características unívocas do problema. Cada bairro de habitação é, na realidade, um ponto de convergência de numerosas actividades normalmente descoordenadas e dispersas, desde a posse

dos terrenos e organização das indústrias de construção, ao funcionamento de escolas, serviços de saúde, assistência social, cultura, recreio e comércio. Tal como na cadeia de montagem de qualquer produto, a paralisia de um sector arrasta o fracasso do conjunto.

Por outro lado há que pôr em evidência que, a montante do problema da habitação, se situa ainda a necessidade de fazer face à expansão demográfica e concentração das populações nas cidades, através da localização dirigida de indústrias e serviços. As novas áreas residenciais dependem assim de planos directores de desenvolvimento económico e de programas de urbanismo. Urbanismo e habitação encontram-se indissolivelmente ligados.

NECESSIDADES DE ALOJAMENTO NO CONTINENTE PORTUGUÊS

No Parecer n.º 18/VIII da Câmara Corporativa indicam-se 500 000 fogos com ordem de grandeza do «deficit» carencial em 1964, valor que afecta «cerca de um quarto da população do País». (1) Por «deficit» carencial entendem-se «as necessidades de

(Continua na página seguinte)

ARQ. JOÃO REIS MACHADO



Pré-história de Olivais-Sul: a casa abarracada dá lugar à habitação

Urbanismo



«Zoom» directo ao Areeiro:
do «dormitório» ao contexto urbano

(Continuação da página anterior)

fogos para abrigar famílias sem alojamento ou com alojamento sem ser em prédio e ainda aquelas que ocupam parte de um fogo, as que vivem em superlotação crítica e as que residem em casas sem o mínimo exigível de condições de higiene, salubridade e segurança. (...) «Este «deficit» agravou-se à média de 4000 fogos cada ano desde 1950, o que significa não ter a nova construção chegado sequer para cobrir as necessidades entretanto surgidas.» Partindo da hipótese de que se fixava como meta do programa habitacional, resolver até 1985 as necessidades já enunciadas, incluindo as resultantes do crescimento demográfico e migrações em direcção aos grandes centros, o mesmo Parecer calcula em cerca de 1,3 milhões o número de fogos a construir nos vinte anos do período 1965-1985.

Um milhão e trezentos mil fogos em vinte anos abrange as necessidades de centros urbanos e zonas rurais. Admitindo que em 1985 esse valor se distribui em partes iguais por

aglomerados e «habitat» disperso, é possível avaliar em termos grosseiros a ordem de grandeza das necessidades de expansão dos centros urbanos no mesmo período. Por isso, a 650 mil fogos correspondem cerca de 160 kms², ou seja uma superfície dupla da ocupada actualmente pelo concelho de Lisboa e quatro vezes superior à da cidade do Porto. A densidade que serviu de base a esta estimativa, é uma densidade geral, que permite a existência de bairros equipados com espaços livres, escolas, comércio e todo um conjunto de actividades administrativas, culturais e sociais. Considerou-se ainda neste cálculo que a quase totalidade das necessidades de alojamento diz respeito a habitações económicas, com rendas inferiores ao milhar de escudos, as quais, devido aos preços dos terrenos, raramente encontram lugar dentro do perímetro dos principais aglomerados.

A um milhão e trezentos mil fogos em vinte anos, corresponde uma média de 65 000 fogos por ano, valor que se considera viável com a taxa de 7,5 por cento que caracteriza o

ritmo da construção em Portugal. Sobre o assunto pronunciou-se o já citado Parecer da Câmara Corporativa (pág. 243) afirmando que um programa desse género «não é, porém, compatível com a estrutura que o mesmo quadro revela no que respeita às entidades impulsoras da construção — e daqui podem sair linhas fundamentais para a política a formular.» E a seguir o mesmo Parecer acrescenta: «O ponto chave está no peso do sector privado a trabalhar na modalidade de renda livre — o qual é excessivo entre nós. A iniciativa privada em empresas lucrativas move-se, na aplicação de capitais, em busca de taxas altamente remuneradoras; que isso não é concordante com programas sociais de habitação, mostram-no os números portugueses (as «rendas livres» absorveram 91,3 por cento das construções totais do decénio, ou 96 por cento do total de realizações do sector privado.) (...) «Tudo quer dizer que se impõe uma reorientação profunda, no sentido de a construção passar a ser, essencialmente, constituída por programas de intenção social.»

PERSPECTIVAS E SOLUÇÕES PARA O FUTURO

O Plano Intercalar de Fomento, entrou em Janeiro de 1967 no seu ultimo ano de exercício. Três foram os objectivos

fundamentais fixados, no sector da habitação: (II)

«1.º — Estruturação de uma política habitacional de forma a que no início do III Plano de Fomento se disponha de um conjunto de directivas e instrumentos adequados à solução mais completa do problema;»

«2.º — Realização de um programa de empreendimentos prioritários de reconhecido interesse social, através de um esquema de investimento assegurado pelas entidades públicas e pelas instituições de previdência social;»

«3.º — Aplicação de um conjunto de medidas tendentes à coordenação da iniciativa privada actuante no sector e à sua melhor orientação para satisfazer as carências habitacionais das classes de mais fracos rendimentos.»

Para a prossecução destes objectivos, figuraram entre outras as seguintes medidas:

«O estudo da criação e regulamentação de um órgão destinado a orientar a política de habitação e urbanismo, por forma a poder entrar em funcionamento com o III Plano de Fomento;»

«A promoção da formação dos técnicos necessários, eventualmente através da criação de cadeiras especializadas nos estabelecimentos de ensino existentes, cursos pós-escolares e bolsas de estudo para especialização;»

«A difusão de conhecimentos sobre problemas de habitação e urbanismo;»

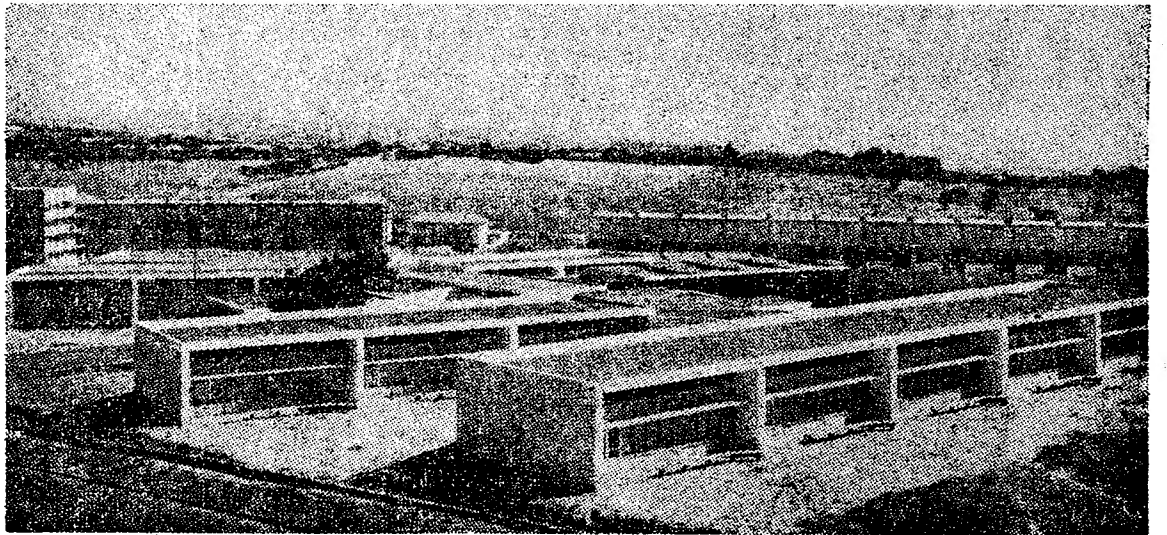
«...coordenação de organismos com diferentes âmbitos e de sectores diversos e a inventariação completa de recursos e necessidades;»

«Esforço decisivo para a eliminação de bairros impróprios e reabilitação de zonas insalubres, nos aglomerados urbanos e na sua periferia, construindo-se habitações com essa finalidade;»

«Planeamento urbanístico e equipamento mínimo das zonas urbanas que se desenvolveram desordenadamente e que estão carecidas de serviços públicos e equipamento complementar;»

«Aquisição de terrenos. — No período de vigência do Plano Intercalar de Fomento, enquanto não for promulgada nova legislação de conjunto que torne possível a utilização e a urbanização dos terrenos necessários à normal e correcta expansão das zonas urbanas, deverá recorrer-se a um regime de excepção, com carácter estritamente transitório, mas inteiramente justificado pela importância do problema da habitação e pelo estrangulamento que as dificuldades na obtenção de terrenos estão a causar aos empreendimentos em projecto.»

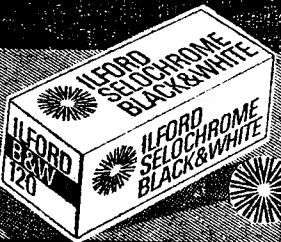
Em termos gerais o problema está equacionado. O diagnóstico está feito, os objectivos definidos e quantificados. A



Olivais-Norte: escola primária

ILFORD O FILM INFALIVEL
SELOCHROME

A
PELÍCULA QUE
SIMBOLIZA A MAIS
ALTA PERFEIÇÃO EM
FOTOGRAFIA



A MARCA DE ABSOLUTA CONFIANÇA

À VENDA NAS BOAS CASAS
DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTES:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
RUA DA CONCEIÇÃO, 46, TEL. 361545-LISBOA

Encontro com Artur Rosa

(Continuação da página anterior)

dade cultural ordenada, projectada para o nosso meio, através de exposições e de outros meios de acção no campo que temos vindo a tratar. Um processo de divulgação por um lado, assente em bases adequadas de diálogo, e por outro uma garantia aos artistas recentes de alcançarem espaço e apoio para a sua intervenção.

— Parece-lhe que a produção (como afirmam algumas pessoas) não é suficientemente extensa (em quantidade e qualidade para cobrir a pretensão dos espaços existem de facto para responder à produção e aos novos esquemas de contacto social que esta pressupõe?

— Labora-se num erro quando se afirma que a produção artística, entre nós, é diminuta. Contra isso, basta referir que as galerias mais importantes, com directrizes estéticas reconhecidas, têm cumprido os seus programas

sem lacunas desencorajantes. Estes programas, a princípio tidos como ambiciosos, são frequentemente cobertos por artistas que procuram o confronto público mostrando o seu trabalho. Convém referir-lhe até para uma informação geral a esse respeito, que na época finda estive quase sempre obrigado a reduzir o tempo de cada exposição para quinze dias, ao contrário dos vinte ou trinta que programara. Esta contracção ficou a dever-se, em exclusivo, à quantidade das propostas válidas que decidi inscrever no calendário da galeria.

— Como director de galeria, quais são as suas determinações de princípio e como encara, no conjunto desta actividade, o programa que tem estabelecido?

— Quando me foi proposto dirigir a Galeria Quadrante, criei inicialmente um programa de modo a orientá-la para o futuro no sentido de uma galeria-piloto. Programa am-

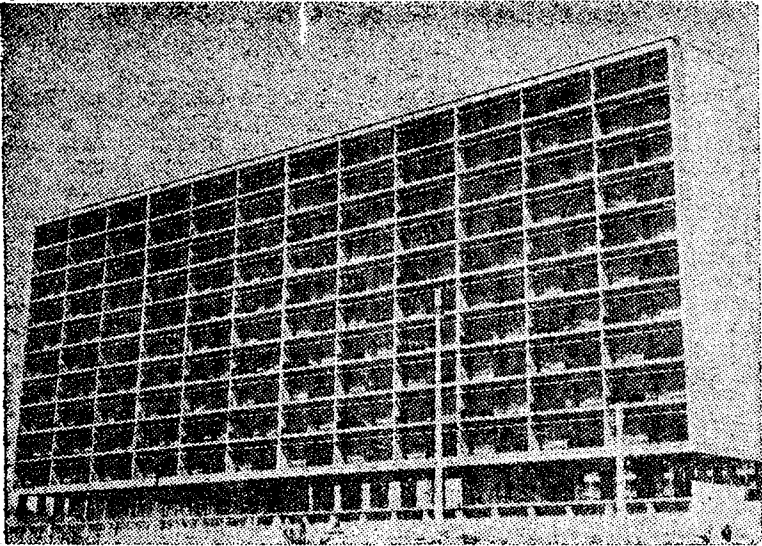
bicioso, como se vê, e nada comercial. Em boa verdade, e para além da elasticidade que uma iniciativa deste género pode ter, todos nós pensávamos nos elementos da geração nova e na sua urgência em expor. Dentro de Lisboa mediante a disciplina das outras galerias, não havia um espaço propriamente destinado à juventude ou que nesta, fundamentalmente, arriscasse o seu critério. Pretendi, em certa medida, que a Quadrante cobrisse essa lacuna mas igualmente de acordo com a exigência básica que dignificasse o sentido da sua promoção. Até agora, e com a margem de erro tolerável, parece-me que esta finalidade tem sido cumprida com suficiente nitidez.

Por outro lado, abriu-se também um precedente com as exposições programadas e defendidas por alguns críticos em actividade. Posso aqui reproduzir o critério que então defendi publicamente e que me parece responder a parte

do problema por si levantado para a inauguração da temporada artística 1967-68, a Galeria Quadrante convidou quatro dos principais críticos a organizar outras tantas exposições conforme programas pessoais. Desejava-se portanto que essas exposições exprimissem, se não necessariamente as opções dos críticos, pelo menos uma variada visão crítica dos problemas estéticos na actualidade portuguesa. Entendeu-se que daí poderia resultar uma valorização e uma explicação das diversas correntes em que essa actualidade se traduz.

Paralelamente, a Galeria Quadrante esteve aberta (e continua a estar) a outras manifestações de cultura, a colóquios, debates, exposições de diferentes naturezas, num calendário variado de intervenção no nosso meio, procurando com a máxima coerência possível agir no campo das suas atribuições e da sua responsabilidade.

Um novo «fim de século»?



Concentração habitacional: edifício de 12 pisos

acumulação da experiência humana, até hoje, no nosso País e em toda a Europa, permite ultrapassar intenções ou diagnósticos exaustivos em favor de meios operacionais adequados. Algumas obras feitas e em curso entre nós, constituem indicadores valiosos de uma tendência e evolução possível em escala generalizada.

(I) — Assembleia Nacional. Plano Intercalar de Fomento para 1965-1967. Volume II. Pareceres da Câmara Corporativa. Lisboa. Imprensa Nacional, 1965. Páginas 240 e seguintes.

(II) — Presidência do Conselho. Plano Intercalar de Fomento para 1965-1967. Volume I. Lisboa. Imprensa Nacional, 1964. Páginas 469 e seguintes.

Outros artigos desta série:

— «As Cidades em que Vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral («Suplemento D. L.» 25/7/68).

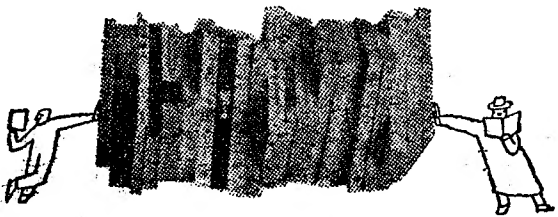
— «A Evolução da Cidade» pelo arquitecto Carlos S. Duarte («Suplemento D. L.» 1/8/68).

— «As Casas que se Constroem», pela arquitecta Luz Valente Pereira («Suplemento D. L.» 8/8/68).

— «O Valor da Paisagem», pelo engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles («Suplemento D. L.» 15/8/68).

— «Paisagens do Futuro», por Gonçalo Ribeiro Telles («Suplemento D. L.» 22/8/68).

— «O Bairro de Habitação — Factor de Progressão (1)» pelo arquitecto João Reis Machado («Suplemento D. L.» 29/8/68).



ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — «Manda» — Romance.
Autor — Carlos Alves (Cave).
Editora — Edição do autor.
Número de páginas — 276.
Preço — 40\$00.

Título — «Pan-Africanismo de Ontem e de Hoje».
Autor — Eduardo dos Santos.
Editora — Edição do Autor — Lisboa.
Número de páginas — 513.
Preço — 120\$00.
Título — «Véspera Confiada» — Poesia.
Autor — Orlando Mendes.
Editora — Livraria Académica — Lourenço Marques.
Número de páginas — 103.
Preço — 30\$00.

Autores estrangeiros

Título — «Cristãos e Marxistas» — Diálogo com Roger Garudyn.
Autor — G. Gottier.
Tradutor — Mário T. Alves.

Editora — Brasília Editora — Porto.
Número de páginas — 218.
Preço — 60\$00.
Título — «O Último Segredo».
Romance.
Autor — John O'Hara.
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues.
Editora — Editorial Minerva — Lisboa.
Número de páginas — 459.
Preço — 75\$00 enc.
Título — «Vinte Anos Depois».
(4.º volume)
Autor — Alexandre Dumas.
Tradutor — Guilherme Cristiano.
Editora — Editorial Minerva — Lisboa.
Colecção — Bib. Popular Minerva-58.
Número de páginas — 245.
Preço — 12\$50.
Título — «A Flor Oculta».
Autor — Pearl S. Buck.
Tradutor — Stella Altenbernd e Gilberto Miranda.
Editora — Livros do Brasil — Lisboa.
Colecção — «Dois Mundos», n.º 62.
Número de páginas — 283.
Preço — 35\$00.

(Continuação da 1.ª página)

Samain ao próprio Mallarmé, prestarão culto à filha de Herodíades.

Ninguém hoje em dia, evidentemente, se prepara para escrever uma nova *Salomé*, mas a forma como estão a ser cultivadas no Continente as artes decorativas, a maneira como a juventude de hoje interpreta a arte, a poesia, a literatura e até o seu trajaz levam-nos a admitir que de novo a Inglaterra — Londres particularmente — ressuscitou os «souls», agora «Hippies & C.», e que na esteira dessa espécie de cenografia estética se desenrolam algumas manifestações da vida e da arte contemporâneas.

Bem certo, repetimos, que Oscar Wilde não é hoje ouvido na assembleia da juventude, e que nem Walter Pater ou Vernon Lee têm nela adeptos confessos. Não há dúvida, porém, que a presente emancipação da tutela moral no domínio das relações entre sexos nos permitem supor que não poucos dos jovens da nossa época inconscientemente seguem os mestres da *Art Nouveau* julgando embora que os ridicularizam.

Eis como o fermento de «decadentismo» de «pré-rafaelismo» de «souls», de esteticismo,

formas de vida e arte características do último quartel do século passado, está a insinuar-se na mentalidade do último quartel do nosso século. Não caminharemos para um novo «fim de século»? Não serão todos os últimos quartéis de séculos dominados por uma mentalidade idêntica, seja o Barroquismo, no final do século XVI, princípio do século XVII, o Arcadismo, no fim do século XVIII, a *Art Nouveau*, no fim do século XIX, e agora essa vaga de «popismo», de «hippieismo», de «beatismo», de «eye-yeismo» (perdoe-se-nos os neologismo bastante bárbaros) e até de «estruturalismo», com todo o seu aparato mundano ou modista? Não estaremos,



OSCAR WILDE

realmente, a aproximarmo-nos de um novo estilo «fim de século»?

Django

(Continuação da 8.ª página)

Francisco Goya, o herói é belo. E Maria, flor do «saloon» (não suficientemente poluída, mas ativa, rãce, distinta, cruzando majestosamente o xaille no meio dum circo triste de mulheres fáceis, carregadas de pó-de-arroz, sedas duvidosas e plumas melancólicas) é uma mulher bela para um Django belo e invencível. São um do outro naturalmente, instintivamente. Primeiro, numa noite de tristeza e de amor. Depois, «quando as chuvas passarem», tudo ficará com a glória das coisas banhadas pelo sol.

E os outros? Os outros são as aberrações, os pesadelos, os sapos monstruosos saídos dos pântanos para atemorizar crianças incautas. Carne de canhão. As vítimas que, com um sorriso imbecil, vêm oferecer a anedota da sua perversidade ao «tiro aos pombos» que o super-herói pratica durante hora e meia dum odioso filme.



Django: hora e meia de «tiro aos pombos»

INSTITUTO DE LÍNGUAS

Sede: RUA SOCIEDADE FARMACÉUTICA, 30-1.º
TELEFONE 5 45 30

ANEXOS: Largo do Chiado, n.º 15, 3.º — Telefone 36 70 02
Avenida Manuel da Maia, n.º 46, 1.º — Telefone 72 14 98
Praça do Bocage, 48, 1.º — Telefone 2 43 94 — Setúbal



INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

Inscrições a partir do dia 16

LIVRARIA LEITURA

J. CARVALHO BRANCO, Editor, comunica a todos os seus amigos e ao público em geral que, de sociedade com o Sr. Fernando Fernandes, abrirá brevemente ao público um novo estabelecimento de livraria na Rua de Ceuta, 88, no Porto, onde espera receber as ordens dos seus prezados amigos.

LIVRARIA LEITURA

FERNANDO FERNANDES comunica a todos os seus amigos e ao público em geral que deixou a gerência das Livrarias Divulgação e que abrirá brevemente ao público, de sociedade com o Sr. J. Carvalho Branco, um novo estabelecimento nas antigas instalações da Sede destas livrarias, à Rua de Ceuta, 88, no Porto, onde espera continuar a receber as ordens dos seus prezados amigos.

A Ponte sobre San Francisco

por Sheppard de Moraes



FERLINGHETTI acaba de publicar um novo poema: *Starling from San Francisco* — edição New Directions, 64 pags. E se do seu segundo livro, 1958, se venderam 300 mil exemplares, as previsões editoriais relativamente a esta obra de agora não serão por certo menos modestas. Ferlinghetti — diz um dos seus críticos de hoje e companheiro dos tempos heróicos de ontem, Jonathan Williams — já não é o diabo errante da colónia hippie de San Francisco. A sua modestia

medir-se-ia a partir do grau das centenas de milhares de exemplares...

Independentemente dos subjectivismos com que se olham os diabos triunfantes, Lawrence Ferlinghetti continua vivo e em San Francisco. O mesmo é dizer que continua fiel ao espírito vanguardista de San Francisco que ele, Michael McClure, Gregory Corso e Allen Ginsberg (este último, actualmente em obsessiva emigração LSD) lançaram violentamente por volta de 1955. *Starling from*

San Francisco, partindo de San Francisco, uma ideia de vida e de poesia envolveu a América de Bob Dylan e Leonard Cohen a Inglaterra de Paul McCartney e Peter Brooks e foi até Dushke na Alemanha Ocidental. Lawrence Ferlinghetti vem, com o seu novo livro, confirmar essa fidelidade.

Calvo e sombrio, com a sua barba salpicada de brancas, a eminência literária que começou há doze anos a sua carreira como poeta-editor numa pequena e hoje célebre casa — a City Lights Bookstore — da Columbus Street, afirma-se em plena glória com a mesma audácia e a mesma combatividade dos anos rebeldes.

Tendo vivido parte da adolescência na Europa, Ferlinghetti regressou aos Estados Unidos onde veio a frequentar a Universidade de Carolina do Norte. A guerra traz-lhe uma experiência decisiva na sua formação intelectual e depois de ter servido na Marinha matricula-se na Universidade de Columbia. Licenciado em Letras (com uma tese sobre a literatura inglesa do século XIX) obtem uma bolsa para a Sorbonne, que frequenta até 1951.

Quando nesse ano Ferlinghetti chega a San Francisco, o convívio com a poesia de Kenneth Rexroth e os jovens de Berkeley desperta nele a rebelião contra «as fórmulas clássicas que se julgavam avançadas». Ezra Pound vem à tona do seu espírito com uma frescura deslumbrante. Henry Miller, com quem acaba por conviver intimamente, torna-se-lhe uma presença salutar.

Por essa altura, 1953, e enquanto ganha a vida dando lições de francês num colégio nocturno, lança-se ao sonho de montar uma editora da vanguarda. Assim nasce a City Lights Bookstore na Columbus Street, uma rua de reduzido prestígio comercial e onde, portanto, as rendas eram mais acessíveis. «A verdade» — lembra o próprio Ferlinghetti — «é que a City Lights era na época a única livraria onde uma pessoa se podia sentar e ler um livro sem que alguém viesse exigir que comprasse fosse o que fosse. Isso conduziu a fazer daquele lugar um centro de convívio e, a partir daí, surgiu a ideia de alargar a actividade da firma ao campo editorial».

Hoje a City Lights é uma das mais confortáveis livrarias de San Francisco e uma referência obrigatória do turismo intelectual da cidade. Como editora a firma começou a sua produção em 1955, publicando a série de Poesia de Bolso em que apareceu a primeira obra de Ferlinghetti, *Pictures of the Gone World*.

Allen Ginsberg surge-lhe então com o manuscrito do célebre poema *Howl* e Ferlinghetti antes de o editar, organiza uma leitura pública na própria livraria. «A assistência era evidentemente a que mais interessava — uma juventude mentalmente preparada para rejeitar, aceitando outras direcções que conduziram ao beat contou Ferlinghetti mais tarde Ginsberg passou a autor da casa (continua a ser editado pela City Lights) e pouco depois surgiram homens como o

McClure, o filósofo Alan Watts e o poeta Gary Snyder que tiveram tão histórico papel na literatura americana dos anos 50. A City Lights foi, assim, o foco renovador, o polo de atracção dos jovens intransigentes.

De novos valores e de novas maneiras de os afirmar, porque o livro não chega, a palavra não nega, a acção, que é a maneira mais duradoura de fazer poesia, absorve todos os meios de comunicar ao dispor do homem de hoje. «Os discos LP de poesia e de música serão uma coisa admirável, não digo que não, mas são excessivamente caros», diz Ferlinghetti na sua qualidade de escritor e com a experiência na City Lights que continua a dirigir. O filme será, segundo ele, um meio a comercializar a outros níveis na divulgação da literatura e a poesia terá de ser divulgada em constante associação com o discurso oral e o improviso de jazz.

Depois da Galáxia de Gutenberg, a idade de McLuhan propõe evidentemente novos meios de comunicar a Arte. O novo poema *Strating from San Francisco*, de Ferlinghetti que agora corre o mundo em papel impresso terá certamente, e em breve, outra divulgação através do disco, do filme e de recitais públicos com intervenções musicais e *happenings*. Não seria uma novidade — até para o próprio Ferlinghetti que há anos foi um dos poetas declamados num *be-in* em que se reuniram milhares de jovens. Passou-se isso no Golden Gate Park. Em São Francisco, precisamente.

Com o vento e com a lama

por José Vaz Pereira

ANTES de mais nada, uma modificação da geografia «western». Um vento que apenas soprava no deserto instalou-se na cidade, um vento áspero, agreste, cortante, um vento de solidão e de fim do mundo. A lama invadiu as ruas, salpicou as escadas de madeira que, no Oeste, servem de passeios. Uma lama sombria, viscosa, uma lama que se liga a um céu pardacento, sombrio, sempre carregado como a anunciar borrascas e tempestades, uma lama em que os cavalos afundam os cascos, os homens enterram as botas e as mulheres sujam as saias. As cidades são — mesmo sem as personagens o afirmarem — as *ghost towns* donde os exploradores de ouro desertaram há muito, em que o vento faz rodopiar papéis velhos, em que as alfaias se enferrujam nos armazéns, em que as telas de aranha cruzam os tectos, em que as meretrizes, ridiculamente pintadas, apodrecem em «saloons» fúnebres.

Tal o universo fabricado, preparado, encenado em que decorrem os «westerns» italianos. Depois bastará fazer chegar um herói, um homem de poderes quase sobrenaturais e fazê-lo desaparecer, no último fotograma, com uma galeria imponente de cadáveres, com os fantasmas da cidade boquiabertos ante a passagem

dum arcanjo, um barão e pontas de lança, e implacável, com a sua própria morte, o herói vai para quem matar é um crime e uma maldição.

Com tudo isto e mais uma desesperada e gratuita violência encontrou-se a fórmula barata dos filmes de Oeste... feitos na Europa, rodados em poucas semanas e, ao que consta, com êxito nos E. U. para onde são exportados, em versão inglesa. O «western» americano tem, mesmo depois de películas como *Esporas de Aço* e *O Comboio Apitou Três Vezes*, um código. Um código de cavalheirismo, de dignidade, dum herói positivo, um gosto espontâneo pela cavalaria livre, o desbravamento de novas terras, o apelo da última fronteira. Em *Lonely are the Brave*, com argumento de Dalton Trumbo, o cow-boy Kirk Douglas aparecia ainda (em 1962!) a cortar arame farpado, perseguido por um xerife que utilizava helicóptero. Por mais que a saga do «western» se confundisse com uma fase de expansão interna do imperialismo americano, o vaqueiro, ao contrário do capitão ou do colono, tipificava o cavaleiro romântico, o homem justo que não se demitia duma condição heróica numa época de venalidade.

Com os filmes do Oeste europeus tudo isso foi varrido,

alterado, transformado em letra morta. Super-homens silenciosos, com coletes de aço, corroidos, mortos por dentro, surgiram fantasmagoricamente nas cidades de lama para reclamar, com frieza de crendores desapiedados, o seu quinhão de sangue. A alegria desapareceu. Um momento como o de *Shane* — em que o *gun-fighter* solitário confraterniza com os camponeses era, aqui, impossível. O humor também se foi — o que é indesculpável. Trata-se de obras rancorosas, que pregam a filosofia da violência gratuita, incapazes, tal como um Hawks, um Vidor ou um Ford, de «respirarem», de terem o seu instante de libertação, de humanidade, de conversa tu-cá-tu-lá.

Django desenrola-se numa atmosfera de fatalismo: a primeira imagem é um homem, com a sela às costas, botas enlameadas e calças do exército nortista, arrastando penosamente um caixão. A canção que abre o filme (o tema *Django*) diz, em tom de balada e esquemáticamente, que «após as chuvas, o sol brilhara». Mas as promessas não são cumpridas. A última imagem é um poente sem luz, pairando sobre um cemitério, onde *Django*, mesmo com as mãos esmagadas, abate os seus últimos inimigos.

A cidade esfacela-se entre dois grupos: os fanáticos do

ex-coronel sulista Jackson (usam lenços vermelhos, cruces de fogo como o KKK e não gostam lá muito dos ianques) e os mexicanos (são ambigualmente descritos como uma mistura de guerrilheiros e salteadores, chicotizam raparigas, embebedam-se e sonham em regressar ao seu país para matar *federales* e tomar conta do poder). Jackson deseja destruir todos os mexicanos, «seres inferiores e odiosos». E, inesperadamente, Corbucci, o responsável por *Django*, mostra-nos que o coronel Jackson, esse carneiro, tem razão: as caricaturas de mexicanos que o filme nos descreve são, na verdade, homens odiosos, que se comportam como animais.

A malta de Jackson invade a cidade. São as dezenas, as centenas. Sempre com os lenços vermelhos. Vão trucidar, esmagar *Django* que ofendeu no «saloon», ao pé das pegas, o seu chefe. Mas eis que o herói abre o caixão e retira lá de dentro uma metralhadora (onde estás Tom Mix, com o teu cavalo branco e tirando o chapéu de largas abas às senhoras?) e — bang! bang! bang! — impõe o *blitzkrieg* no Oeste, fica tudo morto. Um tiro final — este de revólver — o cavalo de Jackson é atingido e o homem e a montada caem ignóbilmente na lama. Ponto final. *Django* torna a



meter a metralhadora no caixão.

Este episódio, mais ou menos cómico, serve para demonstrar a ética visceral de filmes como *Django*: um comportamento brutal, criptofascista, em que a desigualdade é sempre resolvida a favor do mais duro, do mais sanguinário, do que dispõe de melhores armas, do mais inflexível, do «mais macho dos «cow-boys», como dizia a publicidade.

Registe-se também um tratamento monstruoso da figura humana: grandes planos que buscam feições espessamente inexpressivas, epidermes gordurosas, rostos patibulares. No meio disto tudo, desta galeria de monstros, digna dum

(Continua na 7.ª página)